

**ALINE VARGAS STAWINSKI**

**O ASPECTO FÔNICO DA LÍNGUA:  
UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DO OUVINTE  
NA PROPOSTA SAUSSURIANA**

**PORTO ALEGRE  
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS**

**O ASPECTO FÔNICO DA LÍNGUA:  
UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DO OUVINTE  
NA PROPOSTA SAUSSURIANA**

**ALINE VARGAS STAWINSKI**

**ORIENTADORA: PROFA DRA LUIZA ELY MILANO**

Dissertação de Mestrado em Análises textuais, discursivas e enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE**

**2016**

### CIP - Catalogação na Publicação

Stawinski, Aline Vargas

O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana / Aline Vargas Stawinski. -- 2016.

107 f.

Orientadora: Luiza Ely Milano.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. signo. 2. falante. 3. ouvinte. 4. valor. 5. significante. I. Milano, Luiza Ely, orient. II. Título.

*Dedico este trabalho a Heitor de Sousa Miranda, por permanecer ao meu lado e por me incentivar a seguir sempre em busca do meu melhor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Luiza Milano, meu grande exemplo de professora, pesquisadora e orientadora. Devo a ti minha empreitada na jornada acadêmica, tão enriquecedora e prazerosa apesar das angústias durante o caminho.

À Janaína Nazzari Gomes, irmã de orientação, amiga e eterna professora de francês.

Aos colegas do grupo de pesquisa, que enriqueceram as reflexões deste trabalho cada um a sua maneira a partir de cada encontro; além, é claro, de poder contar com todos para os merecidos momentos de descontração. Um agradecimento especial a Kizy Dutra, Maurício Sortica e Rodrigo Garcia Garay, parceiros de aulas, leituras e estudos.

Aos professores Carmem Luci da Costa e Silva e Valdir do Nascimento Flores, pelas aulas e discussões enriquecedoras.

À Larissa Hainzenreder, pela convivência e oportunidade de trabalharmos em parceria.

À Elisa Devit, pela ajuda indispensável com a leitura nos rastros do som do italiano.

Ao colega Daniel Costa da Silva pelas traduções do francês.

À Tanisa Burchert Miranda e à Renata Einsfeld, pelo apoio contínuo e pela confiança em meu trabalho.

À Cátia Lisiane Bacedo de Vargas, minha maior referência, meu exemplo de dedicação.

Ao Heitor de Sousa Miranda, minha melhor companhia de todas as horas, companheiro para a vida; obrigada pelo apoio e confiança na minha trajetória.

Ao Governo Federal, que por via da Capes financiou meus estudos do mestrado, além de ter tornado possível o meu ingresso na universidade pública a nível de graduação.

## RESUMO

Há cem anos, Ferdinand de Saussure fora gravado para sempre na história das ciências. Considerado fundador da linguística como hoje a conhecemos, o estudioso ganhou fama graças à publicação do *Cours de Linguistique Générale* em 1916, obra que continua provocando o interesse de estudiosos da linguagem para muito além do seu valor histórico. Em meio às mais variadas leituras, pesquisas e descobertas de textos manuscritos, as reflexões do genebrino deram lugar à discussão sobre a definição do objeto da linguística e fora responsável por projetar caminhos para as futuras gerações de linguistas, cuja responsabilidade seria a de, enfim, estabelecer teorias e métodos que pensassem a língua como objeto construído a partir de um determinado ponto de vista, considerando seu funcionamento semiológico via noção de sistema. O presente trabalho propõe-se a reler Saussure partindo da materialidade sonora a fim de olhar para seu valor como significante linguístico, em decorrência do constante apagamento do fato concreto em detrimento do fato abstrato realizado por interpretações dos ensinamentos do genebrino. Tem-se como objetivo, assim, pensarmos o lugar do ouvinte na proposta saussuriana, em razão do papel crucial operado por este na delimitação das unidades linguísticas. Nos questionamos, portanto, qual a importância da noção de ouvinte para a definição do signo linguístico, e em que medida esta posição está inserida na reflexão geral da teoria projetada por Saussure. Para nossa investigação, lançaremos mão prioritariamente do *Curso de Linguística Geral* (2006), dos *Escritos de Linguística Geral* (2004) e dos manuscritos de Harvard presentes em *Phonétique* (1995), visto que percebemos, na leitura destes materiais, uma presença significativa de considerações que levam em conta a posição de ouvinte na língua. As leituras serão guiadas por conceitos-chave da teoria saussuriana, em especial às noções que dialogam diretamente com a temática do trabalho, como as questões relacionadas ao signo, significante, falante, ouvinte, valor e recorte da unidade. A leitura do corpus de pesquisa à procura do lugar do ouvinte permitiu-nos vislumbrar a importância da forma sonora da língua na reflexão teórica a partir de um ponto de vista que mostra-se estritamente vinculado aos princípios gerais da proposta saussuriana. Foi-nos possível divisar o lugar crucial ocupado pelo ouvinte para a definição do que pode ser tomado como unidade linguística, vislumbrando a indissociabilidade fundamental entre o aspecto fônico da língua e a possibilidade da significação.

**Palavras-chave:** signo; falante; ouvinte; valor; unidade; som; significante.

## RÉSUMÉ

Il y a cent ans, Ferdinand de Saussure avait été pour toujours inscrit dans l'histoire des sciences. Considéré comme le fondateur de la linguistique que nous connaissons aujourd'hui, l'érudit a acquis une renommée grâce à la publication du *Cours de linguistique générale*, en 1916, ouvrage qui continue à provoquer l'intérêt des spécialistes du langage, au-delà de sa valeur historique. Parmi de différentes lectures, recherches et découvertes de textes manuscrits, les réflexions du genevois ont donné lieu à la discussion sur la définition de l'objet de la linguistique. Saussure a également été responsable de tracer le chemin pour les futures générations de linguistes, dont la tâche serait, enfin, d'établir des théories et des méthodes qui pensassent la langue comme un objet construit à partir d'un certain point de vue, compte tenu de son fonctionnement sémiologique via la notion de système. Ce travail propose de relire Saussure partant de la matérialité sonore, afin de regarder celle-ci en tant que signifiant linguistique, et ce, en raison de l'historique suppression du fait concret, par le fait abstrait dans des interprétations sur la pensée du genevois. Étant donné le rôle crucial de l'auditeur dans la délimitation des unités linguistiques et son rapport avec la notion de signifiant, on a pour but, ainsi, de réfléchir à la place de l'auditeur dans les propositions de Saussure. Nous nous demandons donc quelle est l'importance de la notion d'auditeur pour la définition de signe linguistique, et dans quelle mesure cette position est insérée dans la réflexion générale de la théorie conçue par Saussure. Pour notre recherche, on utilise principalement le *Cours de linguistique générale* (2006), les *Écrits de linguistique générale* (2004) et les manuscrits de Harvard, présents dans *Phonétique* (1995), une fois que nous sommes aperçus, en lisant ces matériaux, un nombre pertinent de considérations qui renvoient à la position d'auditeur dans la langue. Nos lectures seront guidées par des concepts-clés de la théorie de Saussure, en particulier les notions qui dialoguent directement avec le thème de notre travail, les questions liées au signe, signifiant, sujet parlant, auditeur, valeur et découpage de l'unité. La lecture du corpus de recherche, dans la quête de la place de l'auditeur, nous a permis d'entrevoir l'importance de la forme sonore de la langue dans la réflexion théorique, à partir d'un point de vue qui paraît étroitement lié aux principes généraux de la proposition saussurienne. Nous avons été en mesure de discerner la place cruciale occupée par l'auditeur dans la définition de ce qui peut être pris comme unité linguistique tout en envisageant l'inséparabilité fondamentale entre l'aspect phonique de la langue et la possibilité de la signification.

**Mots-clés :** signe ; sujet parlant ; auditeur ; valeur ; unité ; son ; signifiant.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>1 O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 A unidade da linguística: o signo saussuriano .....</b>	<b>18</b>
<i>1.1.1 A linearidade e a arbitrariedade do signo .....</i>	<i>22</i>
<i>1.1.2 A massa falante e a ação do tempo .....</i>	<i>26</i>
<b>1.2 O recorte das unidades da língua.....</b>	<b>28</b>
<b>1.3 A língua como sistema de valores.....</b>	<b>34</b>
<b>1.4 Objeto da linguística.....</b>	<b>42</b>
<i>1.4.1 O circuito da fala.....</i>	<i>45</i>
<i>1.4.2 Linguística da língua e linguística da fala .....</i>	<i>49</i>
<b>1.5 A fonologia no Curso de Linguística Geral.....</b>	<b>51</b>
<b>2 NO RASTRO DO SOM DOS ESCRITOS.....</b>	<b>58</b>
<b>2.1 O som como tal e o som como signo.....</b>	<b>60</b>
<i>2.1.1 Para além da figura vocal ou não existe forma sem sentido .....</i>	<i>62</i>
<b>2.2 A língua (ou seja, o sujeito falante).....</b>	<b>63</b>
<b>2.3 O valor, a unidade e a posição de ouvinte .....</b>	<b>69</b>
<b>3 PHONÉTIQUE: O ASPECTO FÔNICO E A POSIÇÃO DE OUVINTE .....</b>	<b>77</b>
<b>3.1 Fonética e fonologia a partir de Saussure .....</b>	<b>80</b>
<i>3.1.1 O concreto e o abstrato .....</i>	<i>82</i>
<b>3.2 A Orelha a partir do manuscrito Phonétique.....</b>	<b>85</b>
<i>3.2.1 O circuito da escuta.....</i>	<i>100</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>107</b>



## LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 - representações do signo linguístico.....</i>	<i>21</i>
<i>Figura 2 - signo: significado / significante .....</i>	<i>21</i>
<i>Figura 3 - relações sintagmáticas.....</i>	<i>24</i>
<i>Figura 4 - a massa de falantes e a ação do tempo.....</i>	<i>27</i>
<i>Figura 5 - recorte de unidade.....</i>	<i>31</i>
<i>Figura 6 - massas amorfas de som e pensamento.....</i>	<i>35</i>
<i>Figura 7 - massas amorfas e a definição de língua .....</i>	<i>36</i>
<i>Figura 8 - sistema linguístico.....</i>	<i>38</i>
<i>Figura 9 - o valor em francês.....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 10 - o valor em inglês.....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 11 - circuito da fala.....</i>	<i>46</i>
<i>Figura 12 - descrição do circuito da fala baseada no Curso .....</i>	<i>47</i>
<i>Figura 13 - a complexidade do signo.....</i>	<i>62</i>
<i>Figura 14 - descrição do circuito da fala baseada na leitura de Coursil.....</i>	<i>101</i>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ano de 2016 celebra um grande marco na história das Ciências da Linguagem: em 1916 fora a público, pela primeira vez, o *Curso de Linguística Geral*<sup>1</sup>, com autoria atribuída a Ferdinand de Saussure. São cem anos que somam leituras e releituras, pesquisas, influências, análises e metodologias que buscam refletir sobre o intrigante objeto da Linguística: a língua. Para além de seu valor histórico de discurso fundador, comemoramos o centenário da publicação ainda instigados pela originalidade do pensamento de Saussure. O linguista genebrino encantou alunos com suas aulas, mas pouco publicou sobre questões gerais da linguística. Entretanto, sabe-se que a ausência de numerosas publicações não corresponde à falta de produção, como fora descoberto anos depois de sua morte<sup>2</sup>.

Após a década de 1950, inúmeros manuscritos de autoria do linguista foram encontrados na casa de sua família – textos antigos que acabaram tornando-se disponíveis para o uso de pesquisadores. São diversas notas de preparativos de aulas, escritos pessoais referentes a reflexões de natureza teórica, considerações sobre o modo de fazer linguística dos seus antecessores e contemporâneos, assim como a constante tentativa de construção de um arcabouço teórico que se fazia necessário para o estabelecimento de um novo rumo que a linguística tomaria. Decorridos quase cinquenta anos da publicação do *Curso*, começam a surgir trabalhos motivados pela busca das fontes utilizadas para que a sua edição fosse possível. Neste sentido, tem-se à disposição a tese de Robert Godel (1957), intitulada *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*,

---

<sup>1</sup> Doravante, as referências à edição do *Curso de Linguística Geral* serão indicadas por *Curso*.

<sup>2</sup> Em vida, Saussure publicara dois trabalhos de maior destaque; podemos citar o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, de 1878, e sua tese, intitulada *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*, de 1880. Além destes trabalhos, Saussure publicara cerca de “sessenta textos sobre temas de grande erudição linguística” dentro do escopo da gramática comparada (cf. Fiorin et al, 2013, p.13). Estes trabalhos foram, mais tardiamente, organizados por Charles Bally e Léopold Gautier em uma seleção que possibilita o acesso à produção que Saussure apresentara aos seus contemporâneos.

assim como os dois volumes da edição crítica de Rudolf Engler, *Cours de linguistique générale* (1968-1974); em 1967, Tullio de Mauro publica uma tradução italiana do *Curso* acompanhada de mais de trezentas notas ao texto, além de anexos de natureza biográfica e de textos relacionados à pesquisa do linguista.

Na década de 1970, Jean Starobinski lança *Les mots sous le mots* (1971), obra que reapresenta manuscritos já conhecidos sobre os anagramas, além de textos inéditos. Saussure preencheu mais de 99 cadernos dedicados ao princípio das “harmonias fonéticas”<sup>3</sup> que estariam submetidas a uma “lei não aparente” do verso indo-europeu (HELLER-ROAZEN, 2013). Logo após a publicação, a edição de Starobinski causou repercussão, considerada controversa para alguns, gerando inúmeros debates quanto à validade de uma teoria dos anagramas que aparentemente estaria na contramão do pensamento de Saussure sobre a língua. Estes manuscritos do genebrino ainda merecem a atenção de pesquisadores, visto a abundância de cadernos descobertos e a natureza singular da reflexão.

A partir dos anos 1990, surgem outros trabalhos de igual relevo que devem ser mencionados. Herman Parret publica parcialmente textos pertencentes aos manuscritos de Harvard nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* (PARRET, 1993), material que encontrava-se sob sua curadoria. Já em 1995, Maria Pia Marchese torna público, pela primeira vez, o conjunto destes manuscritos organizados em uma edição sob o título de *Phonétique* (1995)<sup>4</sup>, desta vez curadora do material; sete anos mais tarde, é lançado uma parte do conjunto dos manuscritos de Genebra, referente aos escritos sob o título *Théorie des sonantes* (2002), também sob a curadoria de Marchese, que os considera um complemento aos manuscritos da biblioteca de Harvard. Além disso, entre 1996 e 1997 vários cadernos dos alunos dos cursos de Saussure são republicados, como é o caso com as notas de Riedlinger, Bouchardy, Gautier e Constantin (cf. FIORIN et. al, 2013, p.14). Já em 2002, Simon Bouquet e Rudolf Engler publicam os *Escritos de Linguística Geral*<sup>5</sup>, obra que reúne em edição única um rico conjunto de textos de Saussure, dando relevo aos manuscritos descobertos em 1996 e pela primeira vez organizados em livro.

---

<sup>3</sup> Daniel Heller-Roazen dedica um dos capítulos de seu livro *Dark Tongues* a esta curiosa e surpreendente faceta dos estudos de Saussure quanto ao aspecto fônico nos versos saturninos: “Entre 1906 e 1909, ele dedicou nada menos que noventa e nove cadernos para elucidar os princípios das ‘harmonias fonéticas’ do Indo-Europeu que ele primeiramente percebeu em fragmentos do verso Itálico antigo. (...) Apenas em meados de 1990, a pesquisa de Saussure sobre a ‘lei inaparente’ do verso Indo-Europeu passa a ser conhecida, graças a cinco artigos sobre Saussure que Jean Starobinski reuniu em seu livro de 1971” (HELLER-ROAZEN, 2013, p.113, tradução nossa).

<sup>4</sup> As referências à obra serão feitas por *Phonétique*, seguindo-se o número da página.

<sup>5</sup> Doravante, citaremos os *Escritos de Linguística Geral* como *Escritos*.

Mais tarde, em 2009, Loïc Depecker publica *Compreender Saussure a partir dos manuscritos* (obra traduzida para o português em 2012), livro que se propõe a acompanhar o desenvolvimento do pensamento saussuriano a partir de fontes manuscritas com vistas a refletir sobre questões da linguística contemporânea. Em 2013, Pierre-Yves Testenoire apresenta sua edição dos *Anagrammes homériques* (2013), a partir do conjunto de 24 cadernos manuscritos de Ferdinand de Saussure relativos aos poemas homéricos, disponíveis na Biblioteca de Genebra após doação realizada pelos filhos do linguista em 1958 (cf. TESTENOIRE, 2013, *Introduction*).

Em meio a publicações tão variadas, devemos apontar algumas considerações importantes quanto à heterogeneidade do *corpus saussuriano*, particularmente no que se refere ao nosso *corpus de pesquisa*<sup>6</sup>. Trabalharemos principalmente a partir de três obras. São elas: o *Curso de Linguística Geral* (2006); os *Escritos de Linguística Geral* (2002); a edição do manuscrito *Phonétique* (1995). Cada uma destas obras possui particularidades que merecem destaque em decorrência do contexto de publicação, grau de circulação e modo de intervenção dos editores.

Partiremos do *Curso*, um texto organizado, escrito com a proposta de ser uma obra acabada, não lacunar; quanto ao modo de edição, trata-se de uma *reconstituição* do que seriam os ensinamentos de Saussure; além disso, como sabemos, o alcance da obra é imenso, visto que encontra-se em circulação há cem anos – tempo que rendera traduções para diversas línguas (cf. *Curso, prefácio à edição brasileira*), como o japonês, alemão, espanhol, inglês, italiano, português, entre outras, além de ter sido objeto de edições críticas e anotadas, artigos, livros e conferências.

Seguiremos com os *Escritos*, cujo grau de edição pode ser considerado intermediário em relação ao *Curso* e ao *Phonétique*, em razão de que os editores acrescentaram títulos quando inexistentes, ordenaram os escritos conforme acreditavam ser mais adequado, e optaram por não transcrever os trechos rejeitados por Saussure via rasura (cf. *Escritos, prefácio dos editores*); os leitores deste material deparam-se diversas vezes com um texto lacunar e inacabado, em decorrência da natureza dos manuscritos que não visavam publicação; os *Escritos*, ainda, foram traduzidos para a língua

---

<sup>6</sup> Seguiremos a distinção entre *corpus saussuriano* e *corpus de pesquisa* conforme proposto em Fiorin et. al (2013). O *corpus saussuriano* diz respeito ao conjunto heterogêneo de textos de Saussure ou atribuídos a ele, assim como as edições críticas, cadernos dos alunos, cartas escritas por ou a Ferdinand de Saussure. O *corpus de pesquisa*, como diz o nome, trata-se do conjunto de textos escolhidos por nós para compor a reflexão teórica.

portuguesa apenas dois anos após a publicação da edição francesa em 2002; hoje, a obra conta com quase quinze anos de circulação.

Por fim, chegaremos a um texto minimamente editado e bastante lacunar, com circulação mais restrita e ainda sem tradução, mesmo após vinte anos de ter sido publicado. O *Phonétique* sofreu pouca intervenção, uma vez que Marchese optou por manter os textos na ordem em que foram encontrados, assim como escolheu transcrever inclusive rasuras e anotações marginais, devidamente identificadas por símbolos editoriais para conhecimento dos leitores (cf. *Phonétique, Introduzione*).

Estas observações não pretendem apontar o que seria mais ou menos confiável em termos de autenticidade. Como bem observa Claudine Normand, “ninguém pode pretender exibir a verdade da teoria saussuriana e, menos ainda, o projeto autêntico desse pensador enigmático. (...) Saussure é, também, a história de suas descobertas” (2007, p.11). Sendo assim, nos debruçaremos tanto sobre uma obra de autoria atribuída quanto sobre as que são produto integral de fontes manuscritas, em decorrência do nosso objetivo de buscar, no decorrer dos estudos saussurianos, considerações que de alguma forma atentam para o lugar do ouvinte. Assim como os autores de *Saussure: a invenção da linguística*, “desejamos mostrar que o texto saussuriano ainda aponta caminhos, abre sendas e veredas, permite descortinar horizontes” (FIORIN et al., 2013, p.10), e acreditamos que a releitura das obras orientada por este olhar nos fornecerá a oportunidade de contribuir com novas perspectivas.

Nossa empreitada em busca do lugar do ouvinte na proposta saussuriana certamente resulta de uma questão que pede maior aprofundamento por sua abrangência nas considerações teóricas do genebrino: revisaremos a importância do aspecto fônico da língua. Para isso, será necessária não apenas uma retomada das três obras enumeradas acima, como também a de trabalhos que são efeitos da leitura de Saussure. Sendo assim, ao final desta dissertação, acompanharemos discussões propostas por pesquisadores que, de alguma forma, abordaram a materialidade da língua, como Herman Parret, Sémir Badir, Maria Pia Marchese e Claudine Normand. Buscaremos, a partir daí, olhar para a posição do ouvinte e para as consequências teórico-metodológicas que esta reflexão pode gerar para o estudo da língua.

Pretende-se, assim, (1) realizar um levantamento das passagens que lidam com o aspecto sonoro da língua, com vistas a (2) identificar uma reflexão sobre o lugar do fônico no legado saussuriano; (3) estudar o circuito da fala presente no *Curso* com o objetivo de propor uma discussão sobre o lugar do ouvinte e suas implicações; (4) ler e revisar a

produção de pesquisadores que lidam com temáticas relacionadas a fim de embasar teoricamente a reflexão aqui levantada; (5) propor uma reflexão acerca da língua que lide com o aspecto fônico do significante em relação aos efeitos produzidos, o que nos indica uma instigante aproximação da noção de escuta. Nossa trajetória se desenvolverá em três capítulos.

No capítulo 1, intitulado *Curso de Linguística Geral*, partiremos de uma retomada das considerações feitas sobre o signo saussuriano (cf. seção 1.1), para, em seguida, sublinharmos algumas questões quanto a *recorte das unidades da língua* (cf. seção 1.2) – ponto de partida para que pensemos o lugar do ouvinte na delimitação do signo linguístico; posteriormente, abordaremos a *língua como sistema de valores* (cf. seção 1.3), a fim de situar nossa reflexão pelo viés da teoria do valor; depois, partiremos para a discussão sobre o *objeto da linguística* (cf. seção 1.4) a fim de introduzirmos algumas considerações a respeito do circuito da fala de Saussure; por fim, chegaremos à *fonologia* apresentada no *Curso* (cf. seção 1.5), com o objetivo de destacar as exposições ali inseridas como reflexões estritamente vinculadas ao esboço geral da teoria saussuriana, longe de ser apenas um anexo sobre um assunto já superado.

No capítulo 2, sob o título *No rastro do som dos Escritos*, abordaremos uma problemática que aparece de forma insistente nos escritos de Saussure: a questão do *som como tal e do som como signo* (cf. seção 2.1), distinção fundamental para pensarmos o som como pura materialidade em oposição ao som como abstração linguística, o que nos leva a refletir sobre a indissociabilidade entre forma e sentido na língua; logo após, teceremos comentários sobre a língua a partir do ponto de vista do falante, em *a língua (ou seja, o sujeito falante)* (cf. seção 2.2); para concluir, retomaremos o debate sobre o *valor, a unidade e a posição de ouvinte* (cf. seção 2.3) a fim de vincularmos os achados dos *Escritos* ao que já estava de alguma forma apontado no *Curso*.

No capítulo 3, nomeado *Phonétique: o aspecto fônico e a posição de ouvinte*, percorreremos trechos do manuscrito saussuriano a fim de, primeiramente, situarmos algumas considerações quanto à *fonética e fonologia a partir de Saussure* (cf. seção 3.1), o que nos levará a refletir sobre os aspectos concreto e o abstrato no estudo da língua – tarefa que nos levará, finalmente, à *Orelha a partir do manuscrito Phonétique* (cf. seção 3.2), ponto fundamental que nos permitirá pensar sobre o Circuito da Escuta.

A reflexão sobre a posição de ouvinte na língua tem permeado nossos estudos antes mesmo deste projeto tomar forma. Em 2012, sob orientação da professora Luiza Milano, questionava-me sobre a heterogeneidade na transcrição de fala sintomática<sup>7</sup>, impelida pelos questionamentos levantados a partir de uma apresentação intitulada “Falas ininteligíveis: uma abordagem enunciativa” (SURREAUX, 2011), cuja proposta discutia a importância da escuta oferecida pelo terapeuta na clínica de linguagem. A partir da teoria enunciativa de Émile Benveniste, o trabalho sobre a heterogeneidade na transcrição analisara a singularidade da análise de falas desviantes, que variava consideravelmente de transcritor para transcritor. As peculiaridades das transcrições nos evidenciaram que, apesar de sermos todos falantes do mesmo sistema linguístico, a escuta que cada analista faz dos dados é assaz particular e vai muito além da mera decodificação de “sons” em “signos”, mesmo quando os dados não são de falas consideradas desviantes.

O interesse sobre a singularidade do falante na língua resultou no trabalho de conclusão de curso intitulado *A subjetividade na linguagem: aspectos linguísticos* (STAWINSKI, 2013), também sob a orientação de Luiza Milano. Esta pesquisa buscou seguir um percurso nos estudos linguísticos que passaram de Michel Bréal a Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, dando continuidade à jornada acadêmica motivada a refletir sobre o lugar do falante nos estudos linguísticos – considerações que possibilitaram uma reflexão inicial sobre a indissociabilidade entre o sistema linguístico e aqueles que lhe dão existência a partir da apropriação singular da língua.

Ora, de que forma estas considerações relacionam-se com a pesquisa atual? O olhar do diálogo possibilitado a partir do viés enunciativo, somado à releitura do *Curso*, em especial da passagem que representa o circuito da fala, deu início ao nosso questionamento sobre o papel do ouvinte na teoria linguística saussuriana. A experiência de ouvinte é passiva? O ouvinte apenas associa significantes a significados já delimitados pelo próprio sistema linguístico? Não acreditamos ser o caso, certamente. O relevo do aspecto fônico da língua demonstrado nos mais sutis detalhes da reflexão proposta por Saussure nos permitirá olhar para além do lugar de falante, colocando o ouvinte em uma posição que ultrapassa a esfera da recepção da produção falada. Claro que, para pensarmos a condição de ouvinte, será necessário partirmos da reflexão acerca do falante – o foco da pesquisa, no entanto, não está direcionado à simples produção, e sim aos

---

<sup>7</sup> “A heterogeneidade na transcrição de fala sintomática: marcas subjetivas” (STAWINSKI, 2012), trabalho de Iniciação Científica vinculado ao projeto de pesquisa “A especificidade da transcrição de fala sintomática: aspectos enunciativos” sob coordenação da Profa. Dra. Luiza Milano.

efeitos de sentido e à percepção do som como significante, pontos que colocam em jogo produção, percepção, recorte de unidades linguísticas e a própria definição de língua a partir do reconhecimento dos falantes-ouvintes. Esperamos que a trajetória aqui desenvolvida contribua para um olhar, aos poucos construído, sobre a experiência de língua representada a partir da perspectiva de ouvinte.



## **1 O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL**

É importante considerar que o *Curso de Linguística Geral* é uma obra de autoria *atribuída* a Ferdinand de Saussure, fruto da síntese dos três cursos ministrados por ele na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 e 1911<sup>8</sup>. Conforme lemos no prefácio à edição do *Curso*, os editores Charles Bally e Albert Sechehaye não encontravam-se presentes nas célebres aulas. Apesar disso, em reconhecimento às valiosas lições expostas pelo mestre, ambos incumbiram-se da difícil tarefa de organizar um livro que visava resguardar as preciosas lições do esquecimento – uma árdua tarefa deixada por Saussure, que, conforme relatam os editores, “ia destruindo os borradores provisórios em que traçava, a cada dia, o esboço de sua exposição!” (*Curso*, 2006, p.1). A edição do *Curso de Linguística Geral* trata-se, portanto, do resultado de um “trabalho de assimilação e reconstituição” (Ibidem, p.3), tendo como eixo principal o terceiro curso ministrado por Saussure por ser considerado mais completo, além de levar em consideração tanto as anotações pessoais de Saussure – bastante limitadas em quantidade – quanto às elaboradas pelos alunos participantes dos cursos. Não é difícil entender, portanto, a presença das mais variadas leituras e polêmicas surgidas após a publicação desta obra que estabeleceu um novo rumo para os estudos linguísticos.

A releitura do *Curso de Linguística Geral*, após 100 anos de sua publicação pelos editores Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916, ainda merece a atenção dos linguistas, visto que a sua obra mostra-se, a cada releitura, uma rica fonte de reflexões sobre o objeto de estudos das ciências da linguagem. Neste capítulo, nos propomos a retomar a reflexão teórica a partir do signo linguístico, com vistas a percorrer a trajetória conceitual estabelecida no *Curso* que lida com uma rede de termos basilares na linguística

---

<sup>8</sup> O primeiro curso ocorreu entre 16 de janeiro e 3 de julho de 1907; o segundo, entre o início de novembro de 1908 e 24 de julho de 1909; por fim, o terceiro desenrolou-se entre 28 de outubro de 1910 e 4 de julho de 1911.

vislumbrada por Saussure, que nos levará do signo linguístico – entidade mais importante da “linguística da língua” – a uma discussão sobre o diálogo na relação entre falante e ouvinte. No decorrer deste capítulo, além de percorrermos a edição do *Curso*, lançaremos mão das preciosas contribuições de Tullio de Mauro, autor de mais de trezentas notas críticas à edição francesa do *Curso de Linguística Geral*.

### 1.1 A unidade da linguística: o signo saussuriano

A noção de signo a que temos acesso no *Curso de Linguística Geral* revela-se bastante deslizante: ao leitor, resta a minuciosa tarefa de ler atentamente a fim de não haver equívocos na questão terminológica. Isto porque, ao abrirmos o *Curso*, deparamo-nos com uma rede de termos que ainda estavam por ser bem estabelecidos na época de Saussure. A própria noção de signo acaba por sofrer uma flutuação, já que o termo é às vezes utilizado para falar da união entre significado e significante, outras para falar apenas do significante. Partiremos do capítulo I da primeira parte do *Curso*, o célebre “Natureza do signo linguístico”.

Já na primeira página dos *princípios gerais*, o linguista nega à língua a função de mera nomenclatura, visto que pensar a língua a partir deste viés é separar pensamento e linguagem, como se as ideias fossem anteriores às palavras. Desde já, lemos a seguinte afirmação: “a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (*Curso*, p.79), a princípio denominados *conceito* e *imagem acústica*. O signo linguístico, assim, tem sua existência fundada pelo laço que une suas duas partes. A *imagem acústica*, para Saussure, não é o *som* físico como a expressão pode sugerir, mas sim a representação do som, ou, como lemos a seguir,

a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la ‘material’, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (Ibidem, p.80).

A *imagem acústica*, conforme se lê, é definida como a *impressão* que temos, do som, como falantes de determinada língua. A palavra em francês *empreinte*, mantida entre parênteses na tradução, ressalta o aspecto material do termo escolhido por Saussure:

“*Empreinte* s.f. ‘Marque, forme laissée par la pression d’un corps sur une surface’”<sup>9</sup> (EMPREINTE, 1994) – vemos, acima, que “material” é somente no sentido de ser sensorial – ou seja, percebida pelos sentidos dos falantes/ouvintes. Os editores acrescentam em nota que “a imagem acústica é, por excelência, a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala” (*Curso*, p.80). O *conceito*, em contrapartida, tem como característica um aspecto abstrato, ligado à noção da ideia que fazemos dos signos como falantes de uma língua. A imagem acústica, no entanto, também está na esfera da abstração, e para exemplificar a face “psíquica” da imagem acústica, Saussure exemplifica: “sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema” (Ibidem, p.80). Esta propriedade da imagem acústica – a de ser uma *representação do som* – faz com que o linguista deixe de lado, no momento, o termo “fonema”:

E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos ‘fonemas’ de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem anterior no discurso. Com falar de sons e de sílabas de uma palavra, evita-se o mal entendido, desde que nos recordemos tratar-se de imagem acústica (Ibidem, p.80).

É importante observar que o termo fonema utilizado nessa passagem nada mais é do que o *fone*. A distinção entre fone e fonema, no *Curso*, só poderá ser estabelecida no contexto em que aparecem, visto que ainda não havia uma distinção teórica estabelecida. O mesmo acontece com o uso dos termos fonética e fonologia. Esta discussão será detalhada na seção 1.5, quando retermos o Apêndice de Fonologia. No momento, o que importa ressaltar é que a imagem acústica não tem relação direta com a realização do ato articulatório, pois, como vimos acima, a imagem acústica é uma virtualidade da língua.

Até aqui, vimos as definições dos termos que antecederam a tríade signo-significado-significante. Como se pode vislumbrar, a definição de signo é bastante complexa. Os três termos só têm sentido se os tomarmos em relação: signo é definido, até então, como “uma entidade linguística de duas faces”, formada pela união de um conceito e de uma imagem acústica: “Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (Ibidem, p.80). Esta definição de interdependência traz à tona uma importante questão terminológica para o linguista genebrino: signo, na época, costumava designar apenas a imagem acústica. Saussure propõe que signo passe a ser definido como a

---

<sup>9</sup> Tradução: “Impressão: ‘Marca, forma deixada pela pressão de um corpo sobre uma superfície’”.

*combinação* das suas duas partes: “esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito ‘árvore’, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total” (Ibidem, p.81). Não há signo fora desta combinação. A fim de reduzir a ambiguidade, o linguista propõe que os três nomes que definem a unidade da língua sejam inter-relacionados “ao mesmo tempo em que se opõem”:

Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, entre si, quer do total de que fazem parte (Ibidem, p.81).

A nova terminologia proposta por Saussure é retomada no capítulo sobre o valor linguístico, e apenas lá vemos a representação do esquema do signo conforme os termos sugeridos pelo linguista. Na edição anotada do *Curso*, Tullio de Mauro observa, na nota 128, que duas semanas após a aula sobre *a natureza do signo linguístico*, Saussure anexara uma proposta de um novo título: “A língua como sistema de signos” (DE MAURO, 1972, p.438). A mudança foi ignorada pelos editores. É possível vislumbrar um pensamento em construção, que, passo a passo, procurava compreender a sistemática da língua. Os dois novos termos que se propõem a substituírem a díade conceito/imagem acústica são inseridos no *Curso*, mas sem o aprofundamento da discussão sobre o que, afinal, esses novos termos implicariam. Tullio de Mauro reflete sobre a questão:

Elle est en réalité le sceau, sur le plan terminologique, de la pleine conscience de l'autonomie de la langue, comme système formel, par rapport à la nature auditive ou acoustique, conceptuelle, psychologique ou d'objet des substances qu'elle organise. Signifiant et signifié sont les ‘organiseurs’, les ‘discriminants’ de la substance communiquée et de la substance communicante<sup>10</sup> (Ibidem, p.438).

As noções de significado e significante são a porta de entrada para que se comece a pensar na língua como um sistema de valores relativos uns aos outros, sistema independente da exterioridade linguística mas que fundamentalmente depende do fato social – a massa de falantes – e do fator temporal. Voltaremos a estas questões na discussão do capítulo sobre o valor linguístico” (cf. *seção 1.3*).

Retomemos o trajeto da definição de signo proposto no *Curso*: (a) signo não é nomenclatura; (b) o signo é uma coisa dupla; (c) signo é a combinação de um conceito e

---

<sup>10</sup> “Ela é na verdade o selo, sobre o plano terminológico, da consciência plena da autonomia da língua, como sistema formal, em relação à natureza auditiva ou acústica, conceitual, psicológica ou do objeto das substâncias que ela organiza. Significante e significado são os ‘organizadores’, os ‘discriminantes’ da substância comunicada e da substância comunicante” (Ibidem, p.438, tradução nossa).

uma imagem acústica. Temos, no decorrer do capítulo, as seguintes representações gráficas:

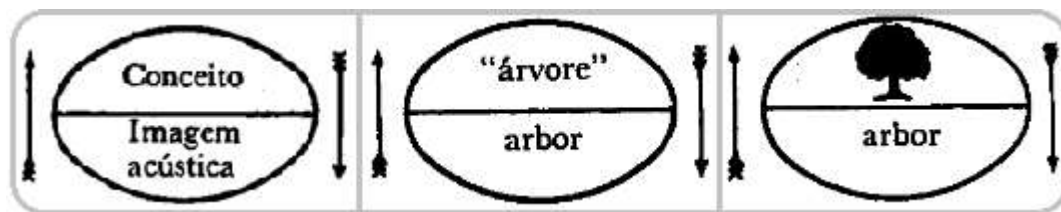


Figura 1 - representações do signo linguístico (Curso, p.80-81).

De acordo com a nota 132 em Tullio de Mauro (1972, p.441), apenas as duas primeiras figuras acima foram encontradas nas fontes manuscritas. A terceira figura, que representa o desenho de uma árvore no lugar do conceito e “arbor” no lugar do significante foi inserida pelos editores. Para Tullio de Mauro, esta é uma das intervenções que geram uma grave consequência para o entendimento da proposta saussuriana. As flechas das figuras, conforme o estudioso, também foram adicionadas às imagens:

Le résultat de tout ceci est que le lecteur a l’impression que pour Saussure le signifiant est le vocable, le signifié l’image d’une chose, et que l’un appelle l’autre comme le soutiennent ceux qui pensent que la langue est une nomenclature. On glisse ainsi aux antipodes de la conception saussurienne. (Ibidem, p.441)<sup>11</sup>

Apesar de os termos significado/significante já estarem propostos neste capítulo do *Curso*, a representação por imagem só irá aparecer na segunda parte, no quarto capítulo dedicado ao valor linguístico, conforme abaixo:



Figura 2 - signo: significado / significante (Curso, p.133)

É neste capítulo que a concepção de signo linguístico, como a conhecemos hoje, fica estabelecida no cerne da discussão sobre a língua como sistema de valores relativos,

<sup>11</sup> “O resultado de tudo isso é que o leitor tem a impressão de que, para Saussure, o significante é o vocábulo, o significado, a imagem de uma coisa; e que um convoca o outro, como defendem aqueles que pensam que a língua é uma nomenclatura. Desliza-se, assim, para o oposto da concepção saussuriana.” (Ibidem, p.441, tradução nossa)

discussão que nos encaminha para o que Saussure considerou as duas características primordiais do signo: a arbitrariedade e a linearidade.

### 1.1.1 A linearidade e a arbitrariedade do signo

Após delimitar o que toma por signo linguístico, Saussure aprofunda sua reflexão caracterizando o que considera as “duas características primordiais do signo”: a arbitrariedade e a linearidade. Iniciemos pela arbitrariedade: “o laço que une o significante ao significado é arbitrário”<sup>12</sup> e, em seguida, “podemos dizer mais simplesmente, *o signo linguístico é arbitrário*” (Ibidem, p.81), ou seja, a relação entre as duas partes do signo é imotivada, visto que, conforme é exemplificado no *Curso*, não há razão lógica ou natural para que a ideia que os falantes fazem de “mar” esteja ligada à sequência de sons [m][a][r]. Basta pensarmos no fato de existirem línguas diferentes, como se argumenta no *Curso*: “o significado da palavra francesa *boef* (“boi”) tem por significante b-ö-f de um lado da fronteira franco-germânica, e o-k-s (Ochs) do outro” (Ibidem, p.82).

Pode parecer simples, entretanto, estas passagens foram objeto de críticas e discussões sobre uma aparente contradição no que diz respeito à ideia de língua proposta por Saussure. Dizer simplesmente que “o signo linguístico é arbitrário” e lançar mão de exemplos como os referidos acima toca em uma questão fundamental e fortemente criticada pelo linguista genebrino: a língua reduzida à nomenclatura. Estas afirmações acabam por dar margem à ideia de que o signo está ligado ao referente no mundo, e a arbitrariedade estaria, assim, relacionada ao fato de o signo (como a união significante/significado) ser imotivado no que diz respeito à “realidade”, que seria nomeada de formas distintas como mostram as diversas línguas.

Se relermos o primeiro parágrafo que caracteriza a arbitrariedade do signo no *Curso*, acreditamos que esta ambiguidade perde força:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação

---

<sup>12</sup> Nas notas ao *Curso*, Tullio de Mauro observa que um termo da frase foi omitido pelos editores: “O laço que une o significante ao significado é *radicalmente* arbitrário” (DE MAURO, p.442, tradução nossa). De acordo com de Mauro, dizer que o laço entre as duas partes do signo é *radicalmente arbitrário* dificilmente seria um mero pleonasma para reforçar a ideia da arbitrariedade: “É mais legítimo supor que ele tem aqui seu sentido pleno: o elo é arbitrário *radicilus* em seus próprios fundamentos, na medida em que une duas entidades semelhantemente produzidas graças a um recorte arbitrário na substância acústica e na substância significativa”. (Ibidem, p.442, tradução nossa).

de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário* (Ibidem, p.81).

A arbitrariedade está claramente definida em relação ao que une significado e significante, e não em relação ao signo e alguma exterioridade linguística. Os exemplos, no entanto, como a crítica apontou, acabam por reforçar a ideia contrária. Além, é claro, das inserções de imagens que servem para representar o signo linguístico no início do capítulo (cf. acima). Por outro lado, quando fazemos a leitura dos capítulos sobre o valor linguístico temos muito mais claramente a noção de sistema e da arbitrariedade intralinguística. Lembremos que Saussure falou, também, sobre a “arbitrariedade relativa”, que nada mais é do que a explanação das regularidades da língua sob o ponto de vista do sistema. A arbitrariedade do signo, portanto, está no fato de que “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (*Curso*, p.83).

Saussure ainda fala brevemente sobre as objeções que poderiam rebater o princípio da arbitrariedade, que se referem às *onomatopeias* e às *exclamações*. O linguista reitera, porém, que apesar da sonoridade algumas vezes sugestiva, como na palavra francesa *fouet* (chicote) que pode remeter os falantes ao som do estalar do chicote no ar; ou como nas onomatopeias que “imitam” sons, como o *tic-tac* do relógio, não “são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico” (Ibidem, p.83). O mesmo ocorre com as *exclamações*, que podem ser tomadas, equivocadamente, como “expressões espontâneas da realidade”, mas esta tentação de olhar para a língua como expressão da natureza logo se esvai se compararmos as diferentes formas de exclamações que se fazem presentes nas diversas línguas.

Tanto as onomatopeias quanto as exclamações acabam por cair nas possibilidades do *sistema* de cada língua: um francês recorta o latido de um cão como “ouaoua”, o alemão como “wauwau”, o brasileiro como “auau”, o inglês como “woof-woof”. Estes recortes nada mais são do que a representação da escuta que cada língua possibilita aos seus falantes a partir das unidades fonológicas e sua sistemática como todo. Afinal, como sabemos, “é uma regra que obriga a empregar os termos convencionais, e não o seu “valor intrínseco” (Ibidem, p.82), e a tentativa de recortar linguisticamente sons que não fazem parte da língua acabam por adentrar o uso convencional, já que “todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito” (Ibidem, p.82).

No capítulo “Mecanismo da língua” (Ibidem, p.148-155) a noção de arbitrariedade é melhor desenvolvida, pois já se tem a preocupação de olhar para as unidades em relação

ao o seu conjunto. Saussure, assim, acrescenta as noções de arbitrariedade relativa e arbitrariedade absoluta, a partir da discussão sobre o que chamou de “solidariedades sintagmáticas”: “quase todas as unidades da língua dependem seja do que as rodeia na cadeia falada, seja das partes sucessivas de que elas próprias se compõem” (Ibidem, p.148). Vejamos os exemplos: o adjetivo *desejoso* pode ser dividido, simplificada, em radical (*desej*) e sufixo (*oso*). Estas partes são combinadas e, juntas, produzem um valor, “pela sua ação recíproca numa unidade superior” (Ibidem, p.148).

É importante ressaltar que esta combinação, segundo Saussure, não se trata de uma *soma*: “O todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis por que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si” (Ibidem, p.149-150). O que confere valor às unidades é a sua relação de oposição com outros signos da língua: ao lado de *desejoso* podemos encontrar diversos signos como *caloroso*, *duvidoso* entre outros, como nos mostra Saussure. Isolados, radical e prefixo são inexistentes: o que lhes confere existência é “o seu lugar na língua”, correlativos aos outros termos do mecanismo linguístico (Ibidem, p.149). Na imagem a seguir se dá o mesmo:

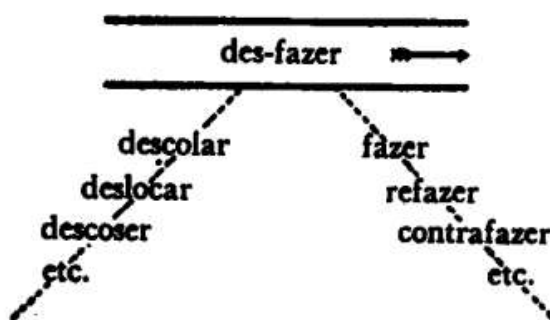


Figura 3 – relações sintagmáticas (Curso, p.150).

A partir da análise das subunidades em *desfazer* e da sua oposição com outras unidades da língua, vê-se que cada subunidade pode gerar inúmeras outras unidades superiores apenas combinando suas partes: “*desfazer* não seria analisável se outras formas contendo *des* ou *fazer* desaparecessem da língua; não seria mais que uma unidade simples e suas duas partes não poderiam mais opor-se uma à outra” (Ibidem, p.150). O princípio do arbitrário do signo, assim, passa a ser pensado a partir de uma divisão entre o que pode ser tomado como *radicalmente arbitrário* do que pode ser *relativamente arbitrário* (Ibidem, p.152), isto é, relativamente motivado em decorrência das regularidades do sistema. O exemplo mais claro desta concepção saussuriana é ilustrado pelo seguinte exemplo: enquanto *dezenove* é relativamente motivado, *vinte* é imotivado – “tomados





assim como os sons ocorrem um após o outro no tempo, os caracteres da escrita sucedem um ao outro no espaço, e igualmente são delimitados em função da percepção da diferença entre o caractere que o segue e o precede na escrita. A linearidade, assim, é indissociável da noção de que estas unidades são consideradas no seu conjunto. O som isolado, fora de qualquer combinação, não pertence à cadeia falada, mas à abstração linguística. No desenvolvimento da cadeia falada, o que seriam apenas “sons” combinam-se e resultam em morfemas, sintagmas, sentenças, discurso.

### 1.1.2 A massa falante e a ação do tempo

Após termos revisado alguns dos princípios fundamentais do signo linguístico – a arbitrariedade e a linearidade – faz-se necessário seguirmos o caminho do *Curso* a fim de refletir sobre a imutabilidade/mutabilidade do signo. Ao contrário do que o princípio da arbitrariedade poderia indicar, o signo não é arbitrário para a sua comunidade de falantes: a arbitrariedade é apenas em relação ao laço que une o significante ao significado – “com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre: é imposto” (*Curso*, p.85). Saussure compara o signo à imagem da “carta forçada”: “Diz-se à língua: ‘Escolhe!’; mas acrescenta-se: ‘O signo será este, não outro’”. Esta não seria uma contradição? Mas, se fosse de outro modo, como a língua seria possível?

A língua (...) é, a cada momento, tarefa de toda a gente; difundida por uma massa e manejada por ela, é algo de que todos os indivíduos se servem o dia inteiro (...) e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de todos. Esse fato capital basta para demonstrar a impossibilidade de uma revolução. A língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas. A língua forma um todo com a vida da massa social e esta, sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fator de conservação (Ibidem, p.88).

A própria arbitrariedade é um elemento que reforça o caráter imutável da língua, tendo em vista que, justamente por não haver uma relação natural entre significado e significante, o falante que adentra a língua não tem razão para considerar uma relação entre forma e sentido melhor do que outra: “não existe motivo algum para preferir *soeur* a *sister*, ou a irmã, *ochs* a *boeuf* ou boi” (Ibidem, p.87). Outra questão para a qual o linguista chama a atenção é o fato de existir uma infinidade de signos que formam uma língua: “os signos linguísticos são inumeráveis” (ibidem, p.87), portanto, modificar a língua torna-se uma tarefa bastante complexa, ainda mais considerando que “uma língua constitui um sistema” (ibidem, p.87) no qual os elementos estão todos relacionados uns

aos outros. Todos esses fatores, que estão relacionados com a *massa de falantes*, estão também relacionados ao fator do *tempo*: “A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher” (Ibidem, p.88).

Com relação à mutabilidade, Saussure sustenta que o princípio da mudança tem base no princípio da *continuidade*: a língua muda porque ela continua, e essa continuidade se dá no tempo. Da simultaneidade da ação da massa social e da ação do tempo resulta que “ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias” (Ibidem, p.90). São esses elementos unidos – significante e significado – que *guardam a própria vida do signo* (Ibidem, p.90): a mudança ocorre quando qualquer um desses elementos é alterado ou deslocado. Mesmo as línguas criadas artificialmente não podem fugir à evolução na medida em que caem no uso da massa de falantes e na ação do tempo: “Quem cria uma língua, a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle” (Ibidem, p.91). Vejamos o esquema apresentado no curso:

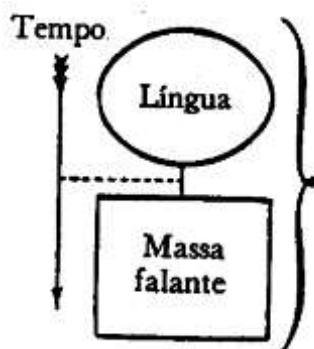


Figura 4 - a massa de falantes e a ação do tempo (Ibidem, p.93)

Todas as línguas estão fadadas à alteração, e a existência da língua só é possível a partir do fato social: “é mister uma *massa falante* para que exista uma língua. Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social” (Ibidem, p.92). Saussure ilustra com dois exemplos a correlação destes dois fatores: se fosse possível tomarmos a língua fora do fato social, apenas no tempo – caso um falante vivesse durante séculos –, este não agiria sobre a língua, e só assim talvez não houvesse mudança. Entramos no terreno limítrofe entre o falante como indivíduo e o falante como pertencente a uma comunidade linguística. O indivíduo é capturado pela língua, que já chega a ele como uma herança da comunidade linguística a qual está inserido: “um dado estado de língua é sempre o produto de fatores históricos e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável” (Ibidem, p.86). Sozinho, o indivíduo não é capaz de modificar uma

língua. Já se tomássemos a língua apenas no fato social, sem o tempo, a nós não seria possível observar “o efeito das forças sociais” agindo sobre ela (Ibidem, p.93). Neste esquema, Saussure a um só tempo representa a indissociabilidade entre língua e falante, como também dilui a suposta linha que dividiria a sincronia da diacronia. O objeto, afinal, é uma questão de ponto de vista.

## 1.2 O recorte das unidades da língua

O problema da definição da unidade não é uma questão que se coloca para todas as ciências, como observa Saussure no segundo capítulo da segunda parte do *Curso* (cf. p.119); aos linguistas, entretanto, esta é uma problemática fundamental, que merece ser destacada. Na linguística, a unidade não é oferecida de antemão, visto que a língua depende de todo “um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas”, como se fosse um jogo de xadrez (*Curso*, p.124); ou seja, para que possamos *delimitar* a unidade linguística, é preciso levar em consideração os outros elementos presentes na cadeia a ser analisada. Saussure chama atenção para esta particularidade fundamental:

A língua apresenta, pois, este caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui. Trata-se, sem dúvida, de um traço que a distingue de todas as outras instituições semiológicas (Ibidem, p.124).

É sob o aspecto da percepção das unidades significativas que nos debruçaremos a seguir.

Afinal, quais são as unidades da língua? Essas unidades são abstrações? De acordo com o *Curso*, “Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais” (Ibidem, p.119), ou seja: os signos, unidades da língua, são entidades *concretas*. A aparente oposição entre o concreto e o abstrato para Saussure é discutida pelo pesquisador Sémir Badir (2012), em um artigo que toma, como objeto de estudo, tanto o *Curso* quanto os *Escritos*. Destacaremos alguns elementos de sua discussão sobre esta questão no *Curso*. Sémir Badir faz uma interessante observação, partindo do pensamento de que o ponto de vista cria o objeto do linguista:

La création de l’objet linguistique ne se fait pas toutefois *ex nihilo* : elle s’enracine dans l’observation des faits concrets de la parole. La langue,

avant d'être historique ou sociologique, est essentiellement un phénomène psychique, et en cela elle présente une réalité tangible (BADIR, 2012, p.19)<sup>13</sup>.

A coocorrência dos termos *fatos concretos* e *fenômeno psíquico* pode soar paradoxal, contudo, é preciso ter em vista que, virtualmente, a *língua* é de fato um fenômeno abstrato (lembramos do *tesouro da língua* de Saussure), mas sua existência só se faz possível a partir da *fala*, que pressupõe a realização, a materialização da língua em elementos concretos, já que, como lemos em Badir,

cette réalité ne peut pas être atteinte directement. Elle ne peut être saisie que selon un point de vue, point de vue spécifique à son analyse, que le linguiste exerce sur les données concrètes de la parole (Ibidem, p.19).<sup>14</sup>

Saussure levanta dois princípios necessários à discussão das unidades da língua: 1º “a entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado”; 2º “A entidade linguística não está completamente determinada enquanto não esteja *delimitada*” (Curso, p. 120). Retomemos estes princípios.

De acordo com o primeiro princípio, pode-se concluir que o *signo* linguístico só tem existência quando *significante-significado* estão ligados um ao outro, como vimos acima na discussão sobre a natureza do signo linguístico. Se somente uma parte for considerada, a entidade *signo* se desfaz, e o que resta não é mais linguístico. Assim, “Uma sequência de sons só é linguística quando é suporte de uma ideia<sup>15</sup>; tomada em si mesma, não é mais que a matéria de um estudo fisiológico” (Ibidem, p.119, *grifos nossos*)<sup>16</sup>. O significado, igualmente, não pode ser considerado como entidade linguística se não estiver associado com o significante: “eles só se tornam entidades linguísticas pela associação com imagens acústicas” (Ibidem, p.119). Em resumo, para Saussure, “na língua, um *conceito* é uma qualidade da *substância fônica*, assim como a *sonoridade* determinada é uma qualidade do *conceito*” (Ibidem, p.19, *grifos nossos*) – conceito, aqui, sendo entendido como *significado*, e substância fônica como *significante*.

---

<sup>13</sup> A criação do objeto linguístico, no entanto, não se faz *ex nihilo*: ela está enraizada na observação de fatos concretos da fala. A língua, antes de ser histórica ou sociológica, é essencialmente um fenômeno psíquico, e, nisso, ela apresenta uma realidade tangível. (BABIR, 2012, p.19, tradução nossa).

<sup>14</sup> “esta realidade não pode ser atingida diretamente. Ela só pode ser apreendida conforme um ponto de vista, ponto de vista específico para sua análise, que o linguista exerce sobre os dados concretos da fala”. (Ibidem, p.19, tradução nossa).

<sup>15</sup> Retomaremos esta discussão quando discutirmos o capítulo e o apêndice sobre “fonologia” (cf. *seção 1.5*).

<sup>16</sup> A discussão sobre a matéria fônica em si e a matéria fônica como significante será retomada ao abordarmos os *Escritos de Linguística Geral* (cf. *seção 2*).

O segundo princípio está ligado propriamente ao recorte da unidade, que é “separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica” (Ibidem, p.119) para que se torne significativa: “São essas entidades delimitadas ou *unidades* que se compõe no mecanismo da língua” (Ibidem, p.120). Saussure tecerá interessantes observações sobre a delimitação – ou seja, o reconhecimento – dessas unidades, principalmente no que se refere ao papel do *ouvinte*<sup>17</sup>, capaz (ou não, dependendo do caso como logo veremos) de identificar as unidades da língua encadeadas na cadeia fônica, visto que a operação de recorte das unidades é feita a partir da escuta. Nesta passagem, por exemplo, o linguista observa:

Quando ouvimos uma língua desconhecida, somos incapazes de dizer como a sequência de sons deve ser analisada; é que a análise se torna impossível se se levar em conta somente o aspecto fônico do fenômeno linguístico. Mas quando sabemos que significado e que papel cumpre atribuir a cada parte da sequência, vemos então tais partes se desprenderem umas das outras, e a fita amorfa partir-se em fragmentos; ora, essa análise nada tem de material (Ibidem, p.120).

Saussure continua desenvolvendo a questão, ressaltando que a língua, então, não é um “conjunto de signos delimitados de antemão (...); é uma *massa indistinta* na qual só a *atenção* e o *hábito* nos podem fazer encontrar os elementos particulares”. A unidade, assim, será definida como “*uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito*” (Ibidem, p.120, *grifos nossos*). Cabe aqui considerarmos a nota 204 de Tullio de Mauro, na qual ele cita uma passagem dos manuscritos de Saussure organizados por Engler:

Si nous prenons la suite de sons, n'est linguistique que si elle est le support matériel de l'idée. *Une langue inconnue n'est pas linguistique pour nous* [...] Le mot matériel, pour nous, est une abstraction. Les différents concepts (aimer, voir, maison) si on les détache d'un signe représentatif, ce sont concepts qui, considérés pour eux-mêmes, ne sont plus linguistiques. *Il faut que le concept ne soit que la valeur d'une image acoustique* (DE MAURO, 1972, p.457, *grifos nossos*)<sup>18</sup>

Para o ouvinte de uma língua desconhecida, a língua não passará de uma massa amorfa, composta por sons incertos, sem correspondência com qualquer sentido. O som isolado do sentido não será capaz de *significar*, assim como o sentido (o *significado*) não será reconhecido como *signo* sem seu significante. Já no caso da língua materna, ou de

<sup>17</sup> Leitura nossa, a partir das considerações de Saussure.

<sup>18</sup> “Se tomarmos a sequência de sons, ela somente é linguística se for o suporte material da ideia. *Uma língua desconhecida não é linguística para nós* [...] A palavra material, para nós, é uma abstração. Os diferentes conceitos (amar, ver, casa), se forem destacados de um signo representativo, são conceitos que, considerados em si mesmos, não são mais linguísticos. *É preciso que o conceito seja apenas o valor de uma imagem acústica*”. (DE MAURO, 1972, p.457).

outras línguas bastante familiares, o ouvinte faz o recorte com menores empecilhos. Afinal, espera-se que “quem conheça uma língua delimita-lhe as unidades por um método bastante simples, pelo menos em teoria” (*Curso*, p.121) – não nos deixemos enganar pensando que o recorte é feito sempre da mesma forma contando com a familiaridade da língua; este método, segundo Saussure, “consiste ele em colocar-se a pessoa no plano da fala, tomada como documento da língua, e em representá-la por duas cadeias paralelas: a dos conceitos e a das imagens acústicas” (*Ibidem*, p.121):

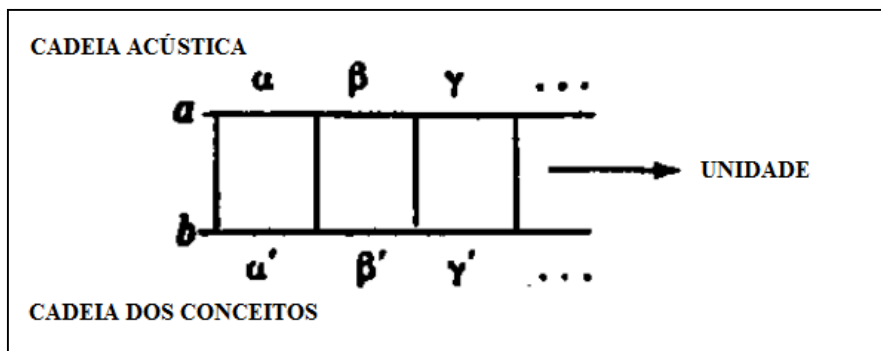


Figura 5 - recorte de unidade (*Curso*, p.121).

Já, como vimos mais acima, no caso de se ouvir uma língua desconhecida, o ouvinte não será capaz de recortar as unidades da língua, visto que não possui conhecimento das correspondências possíveis entre a cadeia acústica e a cadeia dos conceitos. Saussure mesmo exemplifica: se levarmos em conta a porção sonora [sɪʒla'pRã], como o *ouvinte/falante* da língua poderá recortar as unidades? A mesma porção de sonoridade permite que o ouvinte opere o recorte de duas maneiras: “Si je la prends” ou “Si je l’apprends”, únicas que oferecerão unidades reconhecidas como unidades da língua (ou seja, que possuem significantes associados a significados).

Saussure observa que, para que o recorte possa ser feito, é necessário comparar a unidade em contextos diferentes, sendo que “o sentido autoriza a delimitação”. Por exemplo, a unidade [‘fɔʁs] pode ser encontrada em [la‘fɔʁsdövã] – “la force du vent” – ou em [abud‘fɔʁs] – “à bout de force”. Como a porção fônica coincide com o significado nas duas ocorrências, “force” é uma unidade linguística. No outro exemplo fornecido por Saussure, no entanto, teremos outra unidade, apesar da mesma porção fônica: em [ilmə‘fɔʁsapar‘le] – “il me force a parler” – [‘fɔʁs] tem um sentido diferente, e por isso, trata-se de outra unidade linguística. Nos dois primeiros casos, [‘fɔʁs] diz respeito à força física – a força do vento e a ausência de forças; no último caso, [‘fɔʁs] diz respeito ao ato de obrigar, de forçar alguém a fazer algo – no caso, “forçar a falar”.

Em seguida, Saussure inicia uma discussão sobre palavra e unidade. “Cheval” e “chevaux” são duas formas da mesma palavra? Para o linguista, são duas coisas bem diferentes, tanto no som quanto no sentido. Já em “mois” [mwa] (“le mois de décembre”) e [mwaz] (“un mois après”) “tem-se também a mesma palavra sob dois aspectos distintos, mas não há dúvida de que se trata de uma entidade concreta: o sentido é, em verdade, o mesmo, mas as porções de sonoridade são diferentes” (Ibidem, p.122), isto porque, no encadeamento da fala, mois+après [mwaza'pɛ] faz com que o ‘s’ seja pronunciado (além de ser vozeado) por influência da vogal ‘a’ que o sucede. Saussure, então, depara-se com um dilema: ou ignorar a relação que une essas formas e considerá-las palavras diferentes, ou contentar-se com a abstração que as considera formas distintas de uma mesma palavra. Por isso, o linguista conclui que “deve-se procurar a unidade concreta *fora da palavra*” (Ibidem, p.122, *grifos nossos*). Isso porque, como o linguista mesmo ressaltou, “muitas palavras são unidades complexas” (ibidem, p.122), como é possível observar na análise de prefixos e sufixos, radicais, e até em locuções ou palavras consideradas compostas.

Tudo isso faz-nos refletir sobre a complexidade da definição da unidade, e como ela depende do recorte feito a partir da cadeia da fala: “é difícilimo desenredar, numa cadeia fônica, o jogo das unidades nela contida e dizer sobre quais elementos concretos uma língua opera” (Ibidem, p.123); para que isso seja possível, somente com a associação, na *massa amorfa*, do som e do sentido, do *significante* e do *significado*, afinal, para os falantes, ou melhor, para os *ouvintes* da língua, “tudo o que for significativo num grau qualquer aparece-lhes como elemento concreto, e eles o distinguem infalivelmente no discurso” (Ibidem, p.123).

A delimitação da unidade é primordial para qualquer noção da linguística saussuriana. No capítulo “Identidades, realidades e valores”, o linguista continua a questionar-se sobre este ponto, e busca distinguir estes três termos para o estudo da língua. Afinal, o que é *identidade* no sistema linguístico? Segundo o curso, em *je ne sais pas* e *ne dites pas cela*, “pas”, nas duas ocorrências, é visto como o mesmo elemento: “Há identidade porque nas duas frases a mesma porção de sonoridade (pas) está investida da mesma significação” (Saussure, 2006, p.125). Apesar disso, o linguista afirma que é possível existir *identidade* em tal correspondência, como ilustra na passagem a seguir:

Quando, numa conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra *Senhores!*, temos o sentimento, de que se trata, toda vez, da mesma expressão, e, no entanto, as variações de volume de sopro e da



entonação a apresentam, nas diversas passagens, com diferenças fônicas assaz apreciáveis - tão apreciáveis quanto as que servem para distinguir palavras diferentes" (Ibidem, p.125)

Conforme vemos, dependendo de aspectos como o volume de sopro e da própria entonação, o que à primeira vista pareceria ter a mesma *identidade*, pelo contrário, exemplifica a *diferença* de sentido a partir de aspectos que, a princípio, poderiam parecer irrelevantes.

Uma passagem bastante conhecida do curso desenvolve a explicação da noção de identidade na língua, na qual Saussure fala sobre os expressos Genebra-Paris das 20h45min que partem diariamente: “aos nossos olhos, é o mesmo expresso, e no entanto, provavelmente, locomotiva, vagões, pessoal, tudo é diferente” (Ibidem, p.126). O que importa, assim, é o valor que o expresso possui, que é o de representar a linha Genebra-Paris que parte todos os dias no mesmo horário. Em outra interessante analogia, o genebrino pergunta-se:

Por que se pode reconstruir uma rua de cima a baixo sem que ela deixe de ser a mesma rua? Porque a entidade que constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha a sua matéria ocasional, por exemplo, sua situação relativamente às outras (Ibidem, p.126).

É o caso da metáfora do jogo de xadrez. Cada peça está inserida no jogo com um valor que determinará as possibilidades de jogadas com as demais peças no decorrer da partida. Pouco importa se o cavalo ou o peão são, de fato, as peças materiais do jogo: como Saussure exemplifica, o cavalo não é nada "senão quando revestido de seu valor e fazendo corpo com ele" (Ibidem, p.128). Novamente, vemos a importância do sistema linguístico como um sistema de valores relativos uns aos outros.

Em seguida, Saussure coloca outra questão: que elementos concretos da língua podem ser considerados como *realidade* sincrônica? O que afinal podemos classificar como substantivo ou adjetivo? Em que essa classificação baseia-se? Esta é uma realidade inegável? A fim de tentar responder a pergunta, o linguista questiona se “na frase francesa ‘ces gants sont *bon marché*’ (‘estas luvas são *baratas*’) *bon marché* é um adjetivo” (Ibidem, p.127), e pondera: sim e não. Sim, porque *bon marché* tem sentido de adjetivo; não porque gramaticalmente não se comporta como tal, pois “é invariável, não se coloca nunca diante de um substantivo etc.” (Ibidem, p.127) – no entanto, classificar a expressão de duas palavras como adjetivo também pareceria estranho. Em conclusão, Saussure

afirma que as classificações gramaticais não são *realidades* inegáveis para a linguística, e acrescenta:

a Linguística trabalha incessantemente com conceitos forjados pelos gramáticos, e sem saber se eles correspondem realmente a fatores constitutivos do sistema da língua. Mas como sabê-lo? E se forem fantasmas, que realidade opor-lhes? (Ibidem, p.127).

Por isso, o linguista ressalta que deve-se ter em mente que as entidades concretas da língua não são dadas de antemão – elas não estão dispostas, por si mesmas, à observação do estudioso, e cair na ilusão de que seria possível classificar abstrações a partir de categorias lógicas da gramática seria ignorar que "não existem fatos linguísticos independentes de uma matéria fônica dividida em elementos significativos" (Ibidem, p.128). A realidade linguística, portanto, só tem como ser definida a partir do dado concreto, que, na sistemática da língua, não será mais apenas a materialidade sonora, pois o que era puro som passa ao estatuto de significante do que já é signo linguístico.

Toda a discussão sobre realidade, identidade e valor, por fim, se resume nesta última noção: pensar o *valor* linguístico leva-nos à síntese do pensamento saussuriano que olha para a língua como um sistema de relações, em que nem um só elemento está isolado dos outros. O *valor*, por ser puramente relacional, nada tem de ligação natural com o aspecto concreto que o representa materialmente: no jogo de xadrez pouco importa se o cavalo é representado pela peça original ou por um botão; na língua, pouco importam os sons que integram o significante – o que vale é o seu lugar opositivo, relativo e negativo em relação aos outros sons da língua. Ao linguista, o que importa é o valor, e a delimitação das unidades da língua partirá deste fundamento.

### 1.3 A língua como sistema de valores

Chegamos, enfim, ao capítulo do *Curso* que discorre sobre uma a noção cara a nós: a de valor linguístico. A primeira parte do capítulo é intitulada “a língua como pensamento organizado na matéria fônica”, e, por isso, iremos nos deparar novamente com a questão do concreto e do abstrato na língua. O parágrafo inicia já estabelecendo a tese do capítulo: a de que “a língua não pode ser senão um sistema de valores puros” e

que, para isso, será necessário levar em conta dois elementos fundamentais, que serão desenvolvidos na reflexão sobre as massas amorfas: os “sons” e a “ideias” (*Curso*, p.130).

Para o linguista, o *pensamento* (ou a *ideia*) não é nada mais que uma “massa amorfa e indistinta” (*Ibidem*, p.130). A massa amorfa do pensamento, que é uma abstração, só torna-se distinta – ou seja, *delimitada* – através da materialidade: “sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de modo claro e constante”. Entendemos, até aqui, que o signo é a própria junção da abstração do pensamento e da materialidade dos sons da língua<sup>19</sup>, pois, como segue afirmando Saussure, “tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (*Ibidem*, p.130). Assim como o pensamento não é possível sem a materialidade fônica, os sons não são delimitados aprioristicamente: “a substância fônica não é mais fixa, nem mais rígida; não é um molde a cujas formas o pensamento deve necessariamente acomodar-se” (*Ibidem*, p.130). Muito mais complexo do que isso, Saussure define a materialidade fônica como uma “matéria plástica” que se subdivide em diversas partes, a fim de “fornecer os significantes dos quais o pensamento tem necessidade” (*Ibidem*, p.130).

Chegamos, então, ao esquema das massas amorfas, que a nosso ver é fundamental para que se compreenda, enfim, o conceito de signo linguístico para Saussure. Segundo o linguista, pode-se representar “o fato linguístico em seu conjunto, isto é, a língua, como uma série de subdivisões contíguas marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das ideias confusas (A) e sobre o plano não menos indeterminado sons sons (B)” (*Ibidem*, p.130):

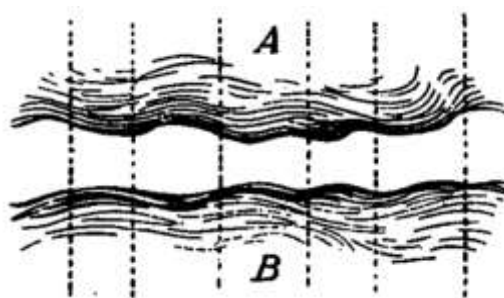


Figura 6 - Massas amorfas de som e pensamento (*Curso*, p.131)

<sup>19</sup> O que importa para nós não é a materialidade por si só, não é o som em si mesmo, mas o seu papel de *representação*.

A partir desse esquema, podemos definir a língua como o que está colocado *entre* as massas amorfas de pensamento e de som: é este o seu “papel característico”, o de servir de intermediário entre estas *nebulosas*, “em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades” (Ibidem, p.131). Vejamos o esquema modificado a partir da nossa leitura:

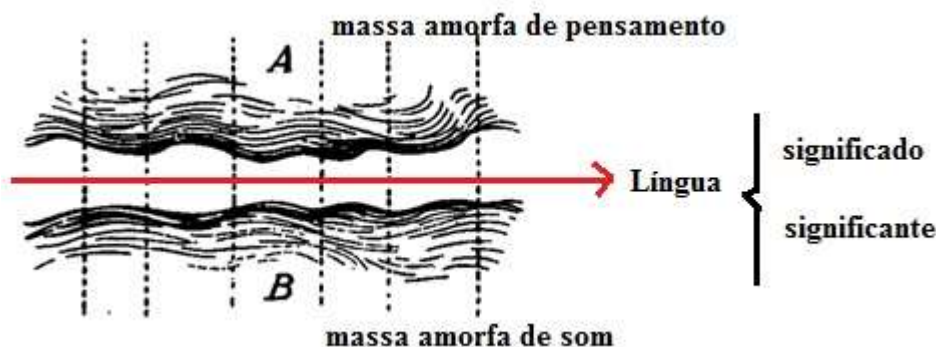


Figura 7 - Massas amorfas e a definição de língua<sup>20</sup>

Representamos a língua no encontro do “pensamento” e do “som”, pois, conforme o Curso, “não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o ‘pensamento-som’ implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas”. É por isso que situamos a língua neste intermédio, e representamos o fato de que, no encontro de *pensamento-som*, as massas amorfas passam a ser vistas como, respectivamente, significado e significante, visto que é apenas no seu encontro que ambos passam a constituir o que chamamos *signo linguístico*. É justamente nesta discussão que nos deparamos com a célebre metáfora da folha de papel:

a língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura<sup>21</sup> (Ibidem, p.131).

Em conclusão, a Linguística, de acordo com a reflexão saussuriana, tem como “terreno limítrofe” a combinação pensamento-som; e acrescenta: “*esta combinação produz uma forma*” (Ibidem, p.131). Claudine Normand (2009, p.87) ressalta que, na época de Saussure, o termo “abstração” seria tomado negativamente pelos linguistas

<sup>20</sup> A imagem das massas amorfas foi adaptada da original apresentada no *Curso* (p.131).

<sup>21</sup> Note-se que o termo “fonologia”, para Saussure, seria o que hoje chamamos fonética, pois fazia referência ao estudo dos movimentos articulatórios na produção de sons da fala.

positivistas, e por isso a preocupação do linguista em salientar os termos ligados a *realidades* e a *entidades concretas*: “Através desse termo ‘forma’, carregado de toda a polissemia de seus empregos filosóficos, encontra-se enfim nomeado, se não definitivamente esclarecido, o modo de existência da língua saussuriana, objeto concreto tão abstratamente definido” (Ibidem, p.87). Então, porque *forma*? Acabamos de ver que *antes* da união pensamento-som não há delimitação de unidades, pois, tomados isoladamente, pensamento e som são *amorfos*: só produz forma o que está delimitado, e a delimitação se dá apenas na união das “massas indistintas”: só é forma o que tem sentido, visto que ambos recortam-se mutuamente<sup>22</sup>.

Como não há pensamento *a priori*, a noção de arbitrariedade é novamente reforçada, visto que a língua não deve estar em conformidade com uma exterioridade; se assim fosse, a própria noção de valor, segundo o curso, “perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora” (*Curso*, p.132). Saussure também observa que a arbitrariedade ajuda a compreender o fato social da língua: “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral” (Ibidem, p.132); sozinho, o indivíduo está impossibilitado de fixar valores da língua. Além de depender do fato social, é preciso evitar cair na ilusão de tomar o signo somente como a união arbitrária entre um pensamento e um som se tomado isoladamente. É imprescindível tomar o valor de um signo em relação ao sistema do qual faz parte: “cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra” (Ibidem, p.132). A partir de então, lemos, no *Curso*, os fundamentos do que hoje linguistas costumam denominar, inclusive, teoria – a “teoria do valor”.

A noção de sistema começa a ser detalhadamente introduzida a partir da discussão sobre o que lemos no *Curso* como “aspecto paradoxal”: assim como o significado é a contraparte do significante, os signos são também a contraparte de outros signos da língua. Deparamo-nos com uma nova definição de língua: “sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (Ibidem, p.133), conforme o esquema apresentado:

---

<sup>22</sup> A relação entre forma e sentido é amplamente discutida nos *Escritos*. Retomaremos a questão no decorrer do trabalho.



Figura 8 - Sistema linguístico (Curso, p.133)

Assim como há a relação como verso/anverso de um papel entre significado e significante, os signos da língua só se delimitam na relação uns com os outros – ou seja, o recorte da unidade é feito a partir da relação do signo com todos os outros signos linguísticos. O valor linguístico parece estar regido pelo princípio paradoxal, segundo o Curso, em que está sempre constituído “1º por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar; 2º por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa” (Ibidem, 134). Por exemplo: uma “palavra”, que é de natureza dessemelhante a de uma “ideia”, pode ser “trocada” por ela; assim como uma palavra pode ser comparada com outras palavras da língua:

seu conteúdo só é determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente (Ibidem, p.134)<sup>23</sup>.

A fim de melhor compreender o que se entende por *valor*, vejamos os seguintes exemplos, baseados na reflexão proposta pelo *Curso*. Em francês, *mouton* pode significar o animal carneiro ou o prato preparado com sua carne, por exemplo, sentido que estará delimitado a partir dos signos que estão ao seu redor: *mouton*, assim, concorrerá com outros signos como *ovine*, *viande*, *animal* etc:

<sup>23</sup> Para que se possa aprofundar a discussão sobre *significação* e *valor*, sugere-se a leitura das notas de Tullio de Mauro, particularmente a nota nº 231, em que o estudioso ajuda a esclarecer a diferença entre os dois termos em Saussure: “A tese de Burger foi aceita por Godel 1966.54-56, que integra, com razão, as considerações de Burger àquelas de Bally 1940. 194-195” e escreve: “Vemos que A. Burger, ao mesmo tempo em que situa, como Bally, a significação no ‘discurso’, concebe totalmente diferente a relação com o valor. Ele retoma provavelmente a concepção do próprio Saussure; e, sobre este ponto, eu lhe dou razão. No entanto, a ideia de Bally mereceria ser considerada: é verdade que, na fala, os significados concordam com a realidade do momento, e pode haver vantagem em chamar significação o que resulta desse acordo. Pode-se, portanto, reconhecer um valor para cada um dos elementos que pertencem ao sistema de uma língua, incluindo os fonemas [não no sentido saussuriano do termo, certamente, mas no sentido moderno], o acento, etc. A significação, em contrapartida, é, sobretudo, uma propriedade do enunciado. Ela não procede unicamente dos valores utilizados para a composição da mensagem, ou seja, do significado da frase: ela depende também da situação, das relações, dos interlocutores, de suas preocupações comuns”. (DE MAURO, 1972, p.465, tradução nossa).

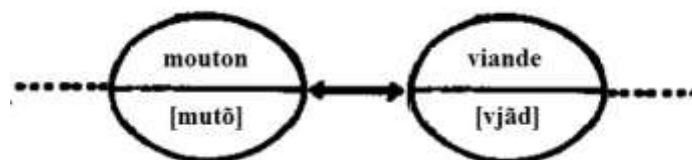


Figura 9 – o valor em francês

Já em inglês, *moutton* significa somente o prato preparado com a carne de carneiro; o animal é definido por outro signo, *sheep*; por isso, a sua relação dentro do sistema é bastante diferente da que encontramos em francês, já que o *valor* de *moutton* está delimitado a partir da relação com outros termos da língua, inexistentes em francês:

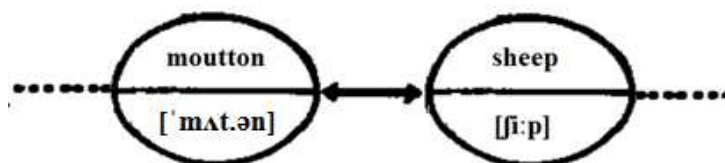


Figura 10 – o valor em inglês

Na língua portuguesa, por exemplo, a relação é também particular, visto que temos os signos *carneiro* (que representa o macho da espécie) em relação a *ovelha* (fêmea), sendo que *ovelha* também faz referência ao prato preparado com esse tipo de carne. Sendo assim, como lemos no *Curso*,

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como recear, temer, ter medo só têm valor próprio pela oposição; se recear não existisse todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes (Ibidem, 134).

É o que acontece nos exemplos acima. Em francês, *mouton* carregará o valor seja de carne de carneiro, seja de carneiro como animal mamífero macho ou fêmea; caso houvesse um outro termo concorrente, que especificasse algum desses valores especificamente – como há em inglês – os sentidos rearranjar-se-iam em uma nova sistemática relacional. Se o signo *ovelha*, por exemplo, desaparecesse do português, o seu *valor* seria absorvido pelo seu termo imediatamente vizinho, *carneiro*.

Olhar para a língua a partir do ponto de vista das relações ajuda-nos a pensar sobre a complexidade de tal sistema semiológico e nas particularidades de cada idioma. O *valor* de “carneiro” não é igual em nenhum dos idiomas aqui apresentados como exemplo, visto que as relações que este termo estabelece com os outros signos da língua são singulares: “o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (Ibidem, p.135), ou seja, o valor *emana do sistema*, e tem como sua mais precisa característica a

de “ser o que os outros não são” (Ibidem, p.136). Sendo assim, pouco importa a realidade externa à língua, já que, como lemos no *Curso*, os valores não são definidos positivamente a partir de um suposto “conteúdo”, mas sim definidos “negativamente por suas relações com os outros termos do sistema” (Ibidem, p.136).

Este mesmo princípio aplica-se às relações de diferença no sistema fonológico da língua: “O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras” (Ibidem, p.137), visto que é a diferença que produz *valor*. Novamente, o linguista ressalta a importância dos elementos linguísticos em relação e jamais isolados uns dos outros, afinal, os signos não atuam na língua por um valor que seria “intrínseco”, mas exclusivamente “por sua posição relativa” (Ibidem, p.137). Para Saussure, o som, por si só, não pertence à língua: “ele não é, para ela, mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo” (Ibidem, p.137); o que importa é o valor no sistema de relações, não importa o aspecto material que serve de suporte. O significante linguístico “em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras” (Ibidem, p.138). Eis porque a relação entre o aspecto puramente material, não linguístico, e o aspecto relacional no jogo das oposições da língua é fundamentalmente indissociável, apesar das naturezas essencialmente diversas: a língua, por si só, não tem existência sem a sua materialização. O que interessa ao linguista, no entanto, é que “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (Ibidem, p.138), e não a natureza da sua substância fônica.

Os próprios falantes podem usufruir de certas “margens” possibilitadas pelo sistema fonológico. Pensemos a diversidade de sotaques: apesar das variações de pronúncia, ritmo ou tom, os fonemas da língua continuam inalterados. No caso de falantes com algum tipo de limitação no aparelho fonador, estes poderão ser capazes de fazer adaptações que mantenham a distinção de valor dos fonemas da língua. O mesmo ocorre com aprendizes de uma língua estrangeira: o falante faz adaptações no sistema fonológico da língua alvo que estão embasadas no seu próprio sistema da língua materna – estratégia que permite ao aprendiz estabelecer associações entre os dois sistemas e aos poucos perceber as diferenças não só da materialidade, da substância fônica, mas principalmente do valor que estes “sons” produzem na distinção de signos, por exemplo. Um brasileiro falando francês pode trocar todas as suas produções de [R] por [r] – esta mudança não altera a produção de sentido, visto que o francês só possui o R velar. Já se um brasileiro



substitui todas as produções de [ə] por [e], oposição existente em francês e inexistente em português, o falante produzirá efeitos de sentido diversos dos que procura.

Saussure lança mão da comparação com a escrita para salientar a questão do aspecto material e do valor: na escrita, como na fala, os signos (aqui tomado como as letras do alfabeto) são arbitrários, ou seja, não existe relação natural entre um grafema e o som por ela representado; assim como no caso dos fonemas, o valor de cada grafema é negativo e diferencial. Mesmo que a grafia mude (por exemplo, de letra cursiva para não cursiva) o que importa é que a alteração não produza uma indistinção entre grafemas com valores diferentes, como no caso de confundir um *a* por um *o*. Também como os fonemas da língua, a escrita possui um sistema finito de grafemas, e “como o signo gráfico é arbitrário, sua forma (...) só tem importância dentro dos limites impostos pelo sistema” (Ibidem, p.139). Por fim, pouco importa o meio pelo qual a escrita é produzida, assim como não importa se uma língua é falada a partir de sons ou de gestos: “quer eu escreva as letras em branco ou com cinzel, isso não tem importância para a significação” (Ibidem, p.139)<sup>24</sup>.

Por fim, olharemos para a noção de valor a partir da reflexão sobre a totalidade do signo linguístico – ou seja, a partir da união entre significante e significado. Para Saussure, “na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*” (Ibidem, p.139) – o elemento fora da relação não tem valor. Nesta parte do *Curso*, vê-se com bastante evidência a negação de que existe um *a priori*, uma exterioridade linguística que determinaria termos positivos. O linguista é claro: “quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema” (Ibidem, p.139). Prova disso é que o valor de um signo, conforme o exemplo do *Curso*, pode mudar sem qualquer alteração aparente no signo: basta alterar o signo vizinho que um outro valor surgirá, conforme vimos acima nos exemplos de *mouton*.

Apenas quando tomamos o signo como um todo podemos pensar estarmos diante de um fato *positivo*: “Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo” (Ibidem, p.140). Na nota 242, Tullio de Mauro (1972, p.466) faz a observação que dizer

---

<sup>24</sup> A partir do ponto de vista da língua como sistema sincrônico, não é produtivo pensar a materialidade sonora ou gestual como características inerentes à expressão linguística. Seja por sons, como o é na inegável maioria das línguas, seja por gestos, como no caso das línguas de sinais (LIBRAS, ASL etc), o que importa é o seu caráter *significante* que, indubitavelmente, depende de uma representação material.

que a combinação de significante e significado é uma realidade *positiva* é dizer que o signo “est une ‘entité concrète’”<sup>25</sup>. Quando pensamos a relação de signos uns com os outros já não utiliza-se o termo “diferente”, dizendo que um signo é diferente de outro; Saussure defende que, para isso, utilize-se o termo “distinção”, que ressaltará o caráter opositivo dos signos no sistema da língua: “todo o mecanismo da linguagem (...) se funda em oposições desse gênero e nas diferenças fônicas e conceptuais que implicam” (Ibidem, p.140).

Em suma, o linguista conclui que “o que é verdadeiro do valor o é também da unidade”: a unidade linguística é então definida como “um fragmento da cadeia falada correspondente a certo conceito”, e ambos são de natureza diferencial (*Curso*, p.140). O que Saussure formula como “princípio da diferenciação” é considerar que os elementos que formam a unidade confundem-se com o signo, tendo em vista que “o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é que faz a característica, como faz o valor e a unidade” (Ibidem, 141). Em última instância, Saussure acaba por definir a unidade como um “fato de gramática” (Ibidem, p.141), já que o fato de gramática pode ser tomado como uma *oposição* com valor na língua. Para ilustrar, o linguista lança mão do exemplo de uma formação do plural em alemão: *Nacht* (noite) e *Nächte* (noites) produzem uma relação de oposição dentro do sistema linguístico que está correlacionado a todas as outras oposições significativas de singular e plural: “tomados isoladamente, nem *Nacht* nem *Nächte* são nada; logo, tudo é oposição” (Ibidem, 141). O jogo das *formas* linguísticas é responsável por delimitar o *sentido* do que pode ser considerado, afinal, como a unidade linguística.

#### 1.4 Objeto da linguística

Talvez a tese mais conhecida de Saussure seja a de que “é o ponto de vista que cria o objeto” - consideração importante que produz efeitos diretos na reflexão metodológica nos estudos da linguagem. Retomaremos, pois, o capítulo que discute o

---

<sup>25</sup> “A combinação de significante e de significado, isto é, o signo é uma realidade positiva: ou seja, *o signo é uma ‘entidade concreta’*. Mas esse aspecto concreto é o resultado de uma operação complexa de sistematização em (e de ligação de) classes abstratas das fonias e das significações concretas”. (DE MAURO, 1972, p.466, tradução nossa).

que, afinal, é considerado o objeto da Linguística. Durante o desenvolvimento da reflexão central, chamaremos a atenção para passagens que fazem referência ao tema deste trabalho: o aspecto fônico da língua e o lugar do ouvinte na reflexão saussuriana.

Logo no início do capítulo, o linguista traz à discussão ao menos três pontos de vista pelos quais pode-se analisar um fato linguístico. Lê-se no *Curso*:

Alguém pronuncia a palavra *nu*: um observador superficial será tentado a ver nela um objeto linguístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após a outra, três ou quatro coisas perfeitamente diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: *como som, como expressão duma ideia, como correspondente ao latim nudum* etc. Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras” (*Curso*, p.15, *grifos nossos*).

Como pode-se notar, Saussure não está à procura de estabelecer hierarquias. O importante é ter em mente que, dependendo do caminho escolhido pelo linguista, este lidará com objetos de estudo distintos. Se tomo a palavra *nu*, do exemplo, como *som*, tenho uma perspectiva: levarei em consideração as unidades mínimas de sentido, os fonemas, o aspecto de produção e de percepção desses elementos do sistema fonológico da língua etc; se olho para *nu* como expressão de uma ideia, terei em vista o aspecto semântico do signo; já, se vejo *nu* como correspondente à forma latina *nudum*, lançarei mão de um estudo histórico, que analisa a transformação da língua. Enfim, são diversos os caminhos vislumbrados pelo linguista.

Em seguida, nos deparamos com a seguinte passagem: “Além disso, seja qual for a que se adote, o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (Ibidem, p.15), como é o caso da própria definição de signo saussuriana na qual significante e significado só existem como *signo*. Como estas duas faces podem ser vislumbradas na língua?

O primeiro exemplo oferecido em seguida trata-se das “sílabas” que, articuladas, produzem “impressões acústicas percebidas pelo ouvido”<sup>26</sup> (Ibidem, p.15), mas esta impressão só é possível a partir de outra face – a fisiológica, representada pelos órgãos

---

<sup>26</sup> A expressão “impressão acústica” é bastante recorrente nas reflexões de Saussure e desempenha, neste trabalho, um importante papel na reflexão sobre a posição do ouvinte frente à língua. Podemos dizer que *impressão* está relacionado à condição singular de escuta assim como “acústico” está relacionado não a ideia de pura forma, de puro som – mas, pelo contrário, ao processo de significação da língua, em que o ouvinte atribui sentido a uma forma sonora. Acreditamos que o termo “acústico” caminha ao lado da noção de “ouvinte”.

do aparelho fonador: “Não se pode reduzir a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica” (Ibidem, p.15-16). Esta interdependência nada mais é do que a relação indispensável entre os aspectos físico e psíquico, concreto e abstrato da língua – questão que se mostra presente em diversas fontes do pensamento do linguista genebrino<sup>27</sup>.

No segundo exemplo que ilustra as duas faces do fenômeno linguístico, o linguista continua a abordar o aspecto sonoro, a fim de ressaltar que o *som* “não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo (...) o som, unidade complexa acústico-vocal, forma, por sua vez, com a ideia, uma unidade complexa, fisiológica e mental” (Ibidem, p.16). O som, assim considerado, deixa de ser tomado como tal e passa a ser visto como o *significante*, contraparte do *significado* – as duas faces do signo, frente e verso da folha de papel. Vemos novamente que, para Saussure, o som, na língua, não tem existência por si mesmo, fora da relação de representação que o material sonoro produz no jogo de valores linguísticos.

Já no terceiro exemplo, temos, brevemente, a introdução da questão dos dois lados da linguagem: o individual e o social. Pode-se olhar tanto para o aspecto individual, que privilegiará o aspecto da produção da fala; e pode-se olhar para o lado social, que toma a língua como objeto compartilhado por uma massa falante. Não é possível, entretanto, separar estes dois aspectos a não ser como procedimentos metodológicos distintos, que, conseqüentemente, produzem objetos de estudo distintos.

No quarto exemplo, outra suposta dualidade vista como oposição ao invés de ser tomada como um laço indissociável: a dupla face da língua tomada sincronicamente ou diacronicamente. Segundo lemos no curso, “a cada instante, a linguagem implica *ao mesmo tempo* um *sistema estabelecido* e uma *evolução*: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (Ibidem, p.16, *grifos nossos*). Quando tomamos a língua em determinado ponto do tempo – ou seja, no seu aspecto sincrônico – não está excluído o fato de que este sistema sincrônico é produto de toda uma série de

---

<sup>27</sup> Como veremos em outras passagens no decorrer do trabalho, a relação indissociável entre produção de som e impressão do som é um ponto relevante na reflexão sobre a língua. Nos *Escritos de Linguística Geral*, a discussão sobre o aspecto sonoro é consideravelmente presente em inúmeras passagens, assim como nos manuscritos *Phonétique* e *Théorie des Sonantes*. Ao estudar o som na língua, Saussure viu-se levado a fazer uma distinção fundamental entre o *som como tal* e o *som como signo*, distinção que será abordada no capítulo sobre os *Escritos*.

alterações que serão estudadas como objeto da análise diacrônica. Como sublinha Saussure, “na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las” (Ibidem, p.16).

Em suma, seja qual for o aspecto pelo qual se escolhe abordar a língua, “em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística” (Ibidem, p.16). Ao escolher um ponto de vista, deixo de escolher outros, tão legítimos quanto o escolhido. É arriscado, porém, cairmos na ilusão de que é possível abordar somente um aspecto sem tocar ao menos superficialmente nos outros. Para Saussure, o dilema do linguista é

Ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si (Ibidem, p.16).

Concluimos, assim, que é necessário ao linguista escolher um caminho de estudos, que, no entanto, não esquecerá a complexidade do fenômeno linguístico, fenômeno inatingível na sua totalidade.

Mais adiante, deparamo-nos com uma discussão sobre a natureza da linguagem, em decorrência das teorizações, na época, que colocavam a língua como natural ao homem, no que o linguista observa: “não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (Ibidem, p.18). A ideia de *sistema* já está colocada como um fator crucial na consideração do que é visto como *língua*, mobilizando conceitos como diferença e oposição, que foram destacados acima.

#### *1.4.1 O circuito da fala*

O circuito da fala, apesar de ser apenas uma representação simplificada da discussão proposta por Saussure, será, aqui, nosso objeto de estudo e atenção. Após diversas leituras do *Curso*, que cada vez produziam uma nova descoberta, chamou-nos a atenção este esquema de diálogo, aparentemente simples, mas que pode levar a incontáveis considerações teóricas sobre falante, ouvinte, língua, signo, produção e

percepção de som, o aspecto sonoro da língua etc. Partiremos, assim, do esquema e de sua descrição feita no *Curso*:



Figura 11 – Circuito da fala (*Curso*, p.19)

Saussure parte do que define como ato individual - a esfera da fala, do diálogo - que necessita de ao menos dois papéis: o de locutor e o de interlocutor, para, mais tarde, passar à esfera da língua. Continuemos na descrição do esquema:

O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas, por exemplo, A, onde os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente *psíquico*, seguido, por sua vez, de um processo *fisiológico*: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B: processo puramente físico. Em seguida, o circuito se prolonga em B numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação psíquica dessa imagem com o conceito correspondente. Se B, por sua vez, fala, esse novo ato seguirá – de seu cérebro ao de A – exatamente o mesmo curso primeiro e passará pelas mesmas fases sucessivas (...). (Ibidem, p.19).

A ideia de que a associação entre conceito e imagem acústica feita por A é um fenômeno psíquico particular faz-nos pensar na noção, discutida por Saussure, de “tesouro” da língua. Este conceito mostra que a língua não está completa no indivíduo, e que cada falante tem seu *tesouro particular*, ou seja, singular em toda a massa de falantes. Disso, podemos concluir que, quando o locutor produz uma associação entre significante e significado, esta associação é singular; ao chegar no interlocutor, este fará uma nova associação da *forma* escutada, e esta associação não é idêntica à que foi estabelecida pelo locutor. Retomamos:

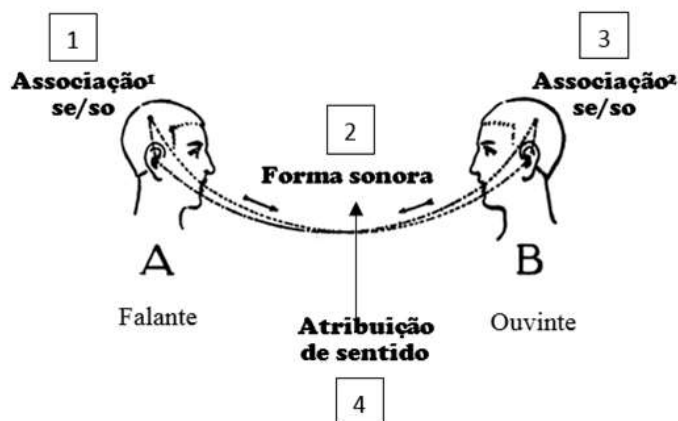


Figura 12 – descrição do circuito da fala baseada no Curso

(1) A associa um significante a um significado e produz uma forma sonora; (2) a forma sonora chega ao ouvido de B, que, sob o efeito da forma sonora apreendida, (3) buscará no seu *tesouro* uma associação entre significante e significado; ou seja, (4) B atribuirá sentido à forma ouvida. Em seguida, B toma a palavra, e o mesmo processo ocorre de B para A. Saussure observa que “todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos”<sup>28</sup> (Ibidem, p.21, *grifos nossos*). O “não exatamente mas aproximadamente” marca os limites entre o fato individual e social que Saussure busca distinguir. A língua é social, a fala é individual. Mas, para se chegar à língua, como vemos no *Curso*, seria necessário abarcar toda a massa de falantes – tarefa impossível:

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um *tesouro depositado pela prática da fala* em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois *a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo* (Ibidem, p.21, *grifos nossos*).

O tesouro da língua, portanto, é singular em cada falante, e a soma de todos os tesouros corresponde ao fato social da língua. A partir dessa reflexão em associação com o esquema do circuito da fala, pode-se chegar à conclusão que a associação significante-significado em A não é exatamente a mesma feita por B, apesar de falante e ouvinte serem indivíduos pertencentes à mesma massa social. Isso porque, além de o tesouro ser individual, nada garante que o efeito pretendido por A seja o efeito percebido por B.

<sup>28</sup> Leia-se aqui “signo” como “significante”, contraparte do significado e que juntos formam o *signo linguístico*.

Exemplifiquemos com a consideração feita logo adiante, quando lemos que “Quando ouvimos falar uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas devido à nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social” (Ibidem, p.21). Quando ouvimos uma língua que não nos é familiar, ouvimos, de fato, *sons*. Estes sons, no entanto, não nos chegam ao ouvido como *significantes*, visto que não temos acesso ao *significado* e, como vimos acima, não há *signo* sem a associação destas duas partes. É possível dizer, então, que quando ouvimos uma língua completamente desconhecida, não temos acesso ao som com valor linguístico, mas apenas ao som como fenômeno físico.

Adentremos, então, na discussão sobre a definição de língua no *Curso*, sem esquecer que “é um mau método partir dos termos para definir as coisas” (Ibidem, p.22):

Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. *Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito da fala em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito (...)* A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve (Ibidem, p.22, *grifos nossos*).

Vale notar que, pelo circuito da fala, a língua poderia ser “situada” entre a associação da imagem acústica com conceito, conforme vimos acima na figura das massas amorfas (cf. fig. 7). Salientamos que a língua, então, pode ser definida como este “intermédio” da associação entre a imagem acústica e o conceito.

A língua, assim, “constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (Ibidem, p.23). Ora, por quê concluir que as duas partes do signo são psíquicas depois de tanto salientar o aspecto material, concreto da língua? As noções de abstrato e concreto não estão colocando em oposição *significante* e *significado*, visto que *ambos* já são representação – vide o termo *imagem* acústica; o signo, como unidade de um sistema semiológico e essencialmente dotado de valor é uma representação psíquica que, como vimos acima, independe de sua materialidade por si só. A materialidade, no entanto, é o que dá existência à língua. A porção de som não é língua sozinha, assim como qualquer “ideia” desvinculada de seu *significante* também não é o suficiente para a existência da língua, conforme salientamos até aqui. Conforme o *Curso*:

A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta. [...] Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis (Ibidem, p.23).



O destaque pelo aspecto concreto da língua, como foi observado por Claudine Normand (Cf. *supra* 2.4), era caro ao linguista em decorrência de a abstração não ser um ponto a ser exaltado pelos positivistas da época. Como também observa Tullio de Mauro nas notas ao *Cours*, “Les analyses de Saussure se placent sur l’arrière-plan de l’épistémologie kantienne, idéaliste, positiviste. [...] elle [l’abstraction] n’a pas, dans les interprétations positivistes les plus rudimentaires, la force du ‘fait’ ». (DE MAURO, 1972, p.426)<sup>29</sup>. A língua só é passível de análise pelo seu caráter concreto, “tangível”, a partir da produção da fala:

se se faz abstração dessa infinidade de movimentos necessários para realizá-la na fala, cada imagem acústica não passa, conforme logo veremos, da soma dum número limitado de elementos ou fonemas (*Curso*, p.23)

Esta discussão nos encaminha para a reflexão de Saussure sobre o que chamou linguística da língua e linguística da fala, assim como a relação, não excludente, entre a fonética e fonologia vislumbradas no *Curso*.

#### 1.4.2 Linguística da língua e linguística da fala

O capítulo “Linguística da língua e linguística da fala” pode ajudar-nos a pensar o que Saussure propunha como o que hoje conhecemos por fonologia. Como vemos em algumas passagens, o linguista ressalta que considera como exterior à língua os órgãos vocais, que não afetam o sistema:

Consideremos, por exemplo, a produção dos sons necessários à fala: *os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos que servem para transcrever o alfabeto Morse são estranhos a esse alfabeto*; e a fonação, vale dizer, a execução das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si (Ibidem, p.26, *grifos nossos*).

Esta exterioridade do aparelho vocal em relação à língua não descarta a dependência que o falante tem do aparelho fonador para produzir sons da língua. Como destacamos anteriormente, o que importa não é exatamente a simples produção sonora, mas o papel que o som desempenha no sistema linguístico. É somente nesse sentido que a fonação não interessa ao linguista: quando estudada por si só, sem relação com o sistema sincrônico de determinada língua. O linguista, além disso, salienta a relevância do estudo

---

<sup>29</sup> “As análises de Saussure são colocadas no fundo da epistemologia kantiana, idealista, positivista. [...] Ela [a abstração] não tem, nas interpretações positivistas mais rudimentares, a força do ‘fato’” (DE MAURO, 1972, p.426, tradução nossa).

das transformações fonéticas, que afetam profundamente a língua, mas destaca que “para a ciência da língua bastará comprovar as transformações dos sons e calcular-lhes os efeitos” (Ibidem, p.27), não sendo essencial buscar as causas das mudanças fonéticas.

Conforme o *curso*, os estudos da linguagem abarcam duas facetas: uma que tem como objeto a língua, e outra que tem por objeto a fala; a língua representa o aspecto social da linguagem, enquanto que a fala representa o aspecto individual. O linguista acrescenta: “esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente” (Ibidem, p.27). Esta implicação mútua dá-se na medida em que para que “a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos” pressupomos a existência da língua, enquanto que é a fala que permite o estabelecimento da língua (Ibidem, p.27). Pensemos com Saussure:

Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala? Por outro lado, *é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna*; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: *são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos* (Ibidem, p.27, *grifos nossos*).

A velha divisão que existiria entre língua e fala desfaz-se frente a uma passagem como esta. Língua e fala são conceitos que merecem ser tratados cada um a partir de suas particularidades, mas o linguista jamais poderia ter como objeto a língua se não fosse a partir da própria fala. Estes conceitos nada significam fora de sua relação. A partir da leitura, de fato, tem-se uma constatação: aprendemos nossa língua ouvindo outros falarem. A posição de ouvinte é fundamental para que o que antes era puro som passe a ser significativo – sons tomados por sentido, irremediavelmente – um acontecimento que não tem volta. Como falantes de uma língua – como ouvintes – estamos sempre em busca do sentido. O sentido que é compartilhado socialmente – e que forma o que chamamos de língua –, e que é, a um só tempo individual – singularidade expressa pela fala. Tentamos, com a releitura do esquema do circuito da fala representado acima, mostrar em parte esta indissociabilidade entre língua, fala, falante e ouvinte. A condição de ouvinte na língua é fundamental para que o que primeiramente é apenas “massa amorfa de sons” passe a ser de fato língua.

A fim de vislumbrarmos o aspecto sonoro na língua a partir do ponto de vista saussuriano, a seguir estudaremos o capítulo “A fonologia” do *Curso de Linguística Geral*, assim como o apêndice intitulado “Princípios de fonologia”.

## 1.5 A fonologia no Curso de Linguística Geral

Apesar de o *Curso* apresentar um capítulo e um apêndice dedicados exclusivamente à fonologia e à fonética, não significa que estas questões sejam tocadas apenas nestas partes, nem que sejam assuntos menores ao linguista. O que conhecemos hoje por fonética e fonologia não estava já estabelecido na época de Saussure – as disciplinas e suas respectivas unidades (o fone e o fonema) foram fundadas com os linguistas do famoso Círculo Linguístico de Praga. Hoje, há quem considere estes capítulos como estando fora da reflexão central saussuriana, no entanto, o que pode parecer um simples apêndice, para nós, é um dos capítulos do *Curso* que guarda reflexões preciosas sobre as considerações gerais realizadas pelo linguista genebrino, no que se refere às suas definições fundamentais e, também, no que tange os estudos em fonologia, posteriormente desenvolvidos. Por isso, retomemos algumas passagens, que se relacionam diretamente com a discussão aqui proposta.

Sobre a *Fonética*, lê-se no *curso*: designa “o estudo das evoluções dos sons” (*Curso*, p.42); este estudo é distinto da *Fonologia*, que “se coloca fora do tempo”, visto estar associado ao mecanismo articulatório (Ibidem, p.41). É importante observar que, na época, a terminologia linguística ainda não estava bem estabelecida. Note-se que, para Saussure, a *Fonologia* dizia respeito ao estudo da fisiologia dos sons; a *Fonética*, ao estudo da evolução dos sons no tempo. Para nós, o estudo proposto por Saussure não é, na verdade, nem esta fonética nem esta fonologia por ele definidas. Saussure propunha uma fonologia com base no sistema da língua, ou seja, uma fonologia *sincrônica*<sup>30</sup>, em contraposição ao estudo diacrônico que já era desenvolvido amplamente, mas também em oposição à análise puramente fisiológica dos sons.

Ainda com respeito ao estudo da fonética/fonologia, lemos que a língua “constitui um sistema baseado na oposição psíquica dessas impressões acústicas (...) o que importa, para a análise, é o jogo dessas oposições” (Ibidem, p.43). Para esclarecer, Saussure faz uma analogia com o produto final do processo de fabricação de um tapete: para quem vê, o que importa é o jogo de oposições que as cores criam – ou seja, os efeitos dessas cores

---

<sup>30</sup> No capítulo 3 aprofundaremos o nosso ponto de vista sobre a visão de Saussure quanto aos estudos em fonética e fonologia.

reunidas, e não a produção das cores propriamente ditas. Ou seja, o objeto de estudos do linguista não é o movimento articulatório do aparelho fonador, mas sim os efeitos que a produção de som gera na fala, afinal, como bem exemplifica, “não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse” (Ibidem, p.43). Esta reflexão está relacionada com a escolha inicial de Saussure de lançar mão do conceito *impressão acústica* ou *imagem acústica* para falar dos sons da língua na sua capacidade representativa.

No decorrer do capítulo, nos deparamos com várias considerações sobre o papel de representação da língua pela escrita. Para Saussure, “o testemunho da escrita só tem valor com a condição de ser interpretado” (Ibidem, p.44), ou seja, não é um dado objetivo. A representação da língua pela escrita acaba tendo um papel fundamental para o linguista na medida em que este precisa, metodologicamente, de uma ferramenta de descrição do sistema de oposição dos fonemas da língua, considerado, aqui, “a única realidade que interessa ao linguista” (Ibidem, p.43). Sobre o estudo do sistema fonético-fonológico de línguas passadas, Saussure salienta que é possível realizar a pesquisa sincronicamente, partindo-se da própria evolução fonética identificada no decorrer do tempo em línguas contemporâneas análogas à língua em análise. Além disso, lembra do papel exercido pelos textos poéticos na falta de registros orais, visto que tal produção segue padrões de versificação e rima.

Em resumo, este capítulo do *Curso* defende a análise linguística sincrônica, sem descartar elementos da diacronia que possam ajudar no estabelecimento de sistemas linguísticos que não estão mais à disposição para a escuta. Já para os linguistas lidarem com as línguas vivas, segundo o *Curso*, há apenas um método considerado racional, que deve “a) estabelecer o sistema de sons tal como é reconhecido pela observação direta; b) observar o sistema de signos que servem para representar – imperfeitamente – os sons.” Critica, assim, o método puramente descritivo dos gramáticos, que tinham o objetivo de descrever *o modo* da pronúncia em detrimento do efeito.

A primeira parte do apêndice “Princípios de fonologia”, conforme nota dos editores, trata-se de uma reprodução de três conferências sobre a teoria da sílaba proferidas por Saussure no ano de 1897. Aí, continua presente a discussão sobre a *fonologia* da época, a partir da qual os estudiosos tinham como objeto de estudos a produção sonora. Assim, como vimos, partia-se da análise da fonação, deixando-se de lado o aspecto essencial da proposta saussuriana, que seria a de olhar para o dado *acústico* do aspecto sonoro, conforme pode-se ler na seguinte passagem: “Não somente a

*impressão produzida pelo ouvido* nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a base de toda a teoria” (Ibidem, p.49, *grifos nossos*).

Mas o que, afinal, é o dado acústico? Ao discutir sobre os estudos em fonologia, o linguista utiliza muito o termo “acústico”. Este termo nos será caro, visto que a partir dele é possível vislumbrarmos a posição do ouvinte como fundamental no circuito da fala – não somente para que o locutor tenha a quem se dirigir, mas como posição ativa na delimitação de sentido, que independe completamente da intenção do locutor ou da própria produção. Na relação de interlocução, depois que o locutor produziu sua fala, não há mais como voltar atrás, e os efeitos que essa fala produz no outro são singulares. Para Saussure, o *dado acústico* “existe já inconscientemente quando se abordam as unidades fonológicas” (Ibidem, p.49); sendo assim, o dado acústico é aquele que já está sob efeito da “orelha” do falante-ouvinte – vide termos como *impressão acústica*, *imagem acústica*, e afirmações, como a citada mais acima, de que “é ouvindo os outros que aprendemos a língua” (Ibidem, p.27), no sentido de que é a partir da escuta que o falante-ouvinte percebe as unidades e as recorta conforme o sistema linguístico alvo.

O dado acústico é diferencial e está circunscrito no sistema de fonemas da(s) língua(s) dominadas por esse falante. O conhecimento das unidades fonológicas, conforme lemos na passagem acima, é inconsciente para o falante ordinário (ou seja, o não-especialista); o reconhecimento das unidades fonológicas, portanto, é feito com base na sua experiência linguística como falante-ouvinte de determinado sistema de signos. A grande crítica saussuriana tem como base, portanto, o privilégio da abstração em detrimento do dado material, que parece ter sido esquecido. Vemos a preocupação do linguista em abordar ambos aspectos, sem isolá-los.

Nas conferências sobre a teoria da sílaba, Saussure inicia uma discussão sobre a definição de fonema. Segundo a nota 111 de Tullio de Mauro (1972, p. 433), o termo teve seu primeiro uso pelo foneticista francês A. Dufriche-Degenettes em 1873 para tratar de consoantes e vogais. O pesquisador observa que, no “Mémoire”, Saussure adota o termo na sua concepção mais moderna, como elemento de um sistema fonológico que se diferencia de todos os outros. Fonema, assim, é tomado como elemento diferencial *material* que, conforme Tullio de Mauro, “est cernable non pas sur le plan de la *langue* mais dans les *paroles*” (Ibidem, p.434)<sup>31</sup>. É possível lermos claramente o posicionamento do linguista no que se refere a esta parte dos estudos linguísticos. Como vimos

---

<sup>31</sup> “é centrado não sob o plano da língua mas sob as falas” (Ibidem, p.434, tradução nossa).

anteriormente, Saussure faz uma crítica aos estudiosos que apenas consideram a produção de sons pelos órgãos vocais – como se a mera produção fosse relevante para o estudo da língua como sistema. Também vimos que a fonologia, para Saussure, seria um estudo diacrônico das transformações dos sons na língua. Neste apêndice, no entanto, temos uma outra proposta que não é exatamente nem a fonética nem a fonologia mencionadas por Saussure:

Muitos fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (...) e negligenciam o lado acústico. Esse método não é correto: não somente *a impressão produzida no ouvido* nos é dada tão diretamente quanto a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a *base de toda a teoria* (*Curso*, p. 49, *grifos nossos*).

*A impressão produzida no ouvido é base de toda a teoria* no sentido de que são as diferenças opositivas e relativas que têm valor no sistema linguístico. A diferença é percebida pelo *ouvinte*-falante, e é a sua percepção a responsável pela delimitação das unidades da língua. *Valor, diferença e relação* são termos basilares dos estudos propostos por Ferdinand de Saussure, e estes termos estão intrinsecamente ligados ao lugar do ouvinte na língua:

*pelo ouvido, sabemos o que é um b, um t etc.* Se se pudessem reproduzir por meio do cinematógrafo todos os movimentos da laringe ao executarem uma sequência de sons, seria impossível descobrir subdivisões nessa sequência de movimentos articulatórios; *não se sabe onde um som termina e outro se inicia.* Como afirmar, sem a impressão acústica, que em *fal*, por exemplo, existem três unidades, e não duas ou quatro? *É na cadeia da fala ouvida* que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não a si próprio; *enquanto se tem a impressão de algo homogêneo, este som é único* (Ibidem, p.50 *grifos nossos*).

Eis o peso do falante na posição de *ouvinte* da língua. Se pensarmos no aprendizado de línguas desconhecidas, por exemplo, o "candidato a falante" precisa se colocar no lugar de um ouvinte da língua que é capaz de reconhecer adequadamente as unidades linguísticas que fazem parte do sistema. Um aprendiz de francês que fala português, por exemplo, tem dificuldades para reconhecer todas as vogais e nasais que fazem parte do sistema fonológico da língua francesa. Por isso, o aprendiz que não reconhece as diferenças em determinados fonemas, por exemplo, o [ə] em *peur*, não produz *peur*; produz outra forma, aproximada do fonema francês – no caso, pode substituir [ə] por [e]. Isto se dá, em primeiro lugar, por uma incapacidade de reconhecer a diferença dos fonemas da língua-alvo, o que impossibilita a produção e dificulta a compreensão. O falante de português que, antes de ser “capturado” pela língua

portuguesa, balbuciava os sons de todas as línguas do mundo, agora vê-se incapaz – ao menos provisoriamente – de reconhecer os fonemas que estão ausentes do seu repertório linguístico<sup>32</sup>.

A delimitação das unidades da língua – tema caro a Saussure – só pode ter como base a *impressão acústica*. Esta impressão, sendo abstrata, precisa do apoio do ato articulatório, visto que, segundo o linguista, “as unidades acústicas, tomadas em sua própria cadeia, não são analisáveis” (Ibidem, p.51). Não se trata, portanto, de isolar as considerações sobre o sistema da língua de sua materialidade. Uma das definições de fonema que encontramos neste capítulo estabelece o *fonema* como “a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra” (Ibidem, p.51, *grifos nossos*). O fonema, assim, é uma unidade complexa, indissociável da relação entre produção articulatória e impressão acústica.

Ainda neste capítulo, o linguista tece uma breve discussão sobre os elementos analisados na cadeia falada e os elementos tomados isoladamente. Conforme o linguista, se analisamos [ta] na cadeia da fala, tomamos seus elementos sempre como “um momento mais outro momento” concreto no tempo. Já *T*, visto de forma isolada, é irreduzível. Saussure explica que *T*, como espécie, está fora do tempo, e por isso pode ser considerada *in abstracto* (Ibidem, 51). As espécies seriam os *fonemas*, que podem ser estabelecidos a partir da análise de cadeias faladas: ou seja, para se chegar ao abstrato, é necessário partir do dado concreto. Leiamos a seguinte passagem:

Depois de ter analisado um número suficiente de cadeias faladas pertencentes a diversas línguas, chega-se a conhecer e a classificar os elementos com os quais elas operam; então se verifica que, *postos de lado os matizes acusticamente indiferentes*, o número de espécies dadas não é indefinido (Ibidem, p.51, *grifos nossos*).

Para se estabelecer as espécies fonológicas, descarta-se o que é indiferente ao ouvido do falante.

---

<sup>32</sup> Daniel Heller-Roazen, em seu livro “Ecolalias”, faz referência ao que Jakobson denominou *ápice do balbucio* – período durante qual o bebê teria a capacidade de reproduzir os sons de todas as línguas: “Como todos sabem, as crianças, no começo, não falam. Fazem ruídos, que logo parecem antecipar os sons das línguas humanas, ao mesmo tempo em que são fundamentalmente diferentes delas. Quando se aproximam do ponto do qual principiam a formar suas primeiras palavras reconhecíveis, têm a sua disposição capacidades articulatórias com as quais nem mesmo o mais talentoso dos políglotas poderia esperar rivalizar (Heller-Roazen, 2010, p.7). Esta capacidade de reprodução indiscriminada dos sons é cessada quando o infante começa a adentrar a língua materna, que moldará o sistema fonológico e em consequência delimitará os sons linguísticos necessários para que se pertença a determinada comunidade de falantes.

Em “o fonema na cadeia falada”, Saussure evidencia a importância de uma de suas grandes preocupações: o estudo dos termos em *relação*: “A ciência dos sons não adquire valor enquanto dois ou mais elementos não se achem implicados numa relação de dependência interna” (Ibidem, p.62). O linguista critica, ainda, quando a ciência faz justamente o oposto: olha para o som isolado na “busca do princípio fonológico”; e acrescenta que “Bastam dois fonemas para que não se saiba mais onde se está” (Ibidem, p.63) – observações que reforçam os comentários do capítulo precedente. Para o linguista:

No estudo dos sons isolados, basta verificar a posição dos órgãos: *a qualidade acústica do fonema* não entra em questão; *ela é fixada pelo ouvido*; quanto à articulação, tem-se toda a liberdade de a produzir como se quiser. Mas quando se trata de pronunciar dois sons combinados, a questão é menos simples; *estamos obrigados a levar em conta a discordância possível entre o efeito procurado e o efeito produzido; não está sempre ao nosso alcance pronunciar o que desejamos* (Ibidem, p.63, *grifos nossos*).

De fato, se nos colocamos na posição de aprendiz de uma outra língua, é fácil concordar que o “efeito procurado” é muitas vezes distinto do “efeito produzido”. Como falante de determinada língua, tenho acesso a determinado sistema fonológico, que possui unidades limitadas. Ao ouvirmos outra língua, não dominada por nós, somos levados a uma tentativa de escuta de outras unidades fonológicas, que nem sempre fazem parte do nosso sistema conhecido. Isso leva o falante a fazer aproximações, inconscientes, já que o ouvido de um falante de português, como exemplificamos mais acima, não reconhecerá, sem esforço, todas as vogais da língua inglesa, da língua francesa etc. Estudar os sons isolados da língua, sem considerar seu valor em relação aos outros elementos do sistema, é desconsiderar a noção de que a língua é um sistema. Além disso, ao abrir mão da qualidade acústica, esquece-se do falante-ouvinte em detrimento da língua – ou seja, opõe-se língua e fala – termos que, na reflexão saussuriana, não sobrevivem isoladamente.

No decorrer de todo o capítulo, é surpreendente a quantidade de termos ou expressões utilizadas que nos remetem a uma proposta de fonologia que tem por base fundamental a língua tomada como sistema de relações, assim como a presença marcante de sintagmas que nos remetem ao lugar do falante-ouvinte na reflexão saussuriana. Deparamo-nos com *fonologia combinatória, impressões, efeito, efeito acústico, sensação acústica de unidade, impressão de continuidade, o som que dá essa impressão, o ouvido percebe, impressão de vogal, ouvir, perceber, ouvido, impressões de vogais, impressão acústica particular, ponto de vista acústico, impressão de unidade, testemunho do ouvido*.



A presença insistente de sintagmas com *impressão, efeito e acústico* nos será relevante para que se tenha uma perspectiva muito além das supostas “dicotomias saussurianas”. Palavras que tanto nos remetem ao lugar do ouvinte nos convidam a lançar um olhar para além da produção. Neste capítulo do *Curso*, lemos que, na análise do ato fonatório, deve-se levar em conta “apenas os elementos diferenciais, *destacados para o ouvido* e capazes de servir para uma delimitação das unidades acústicas na cadeia falada” (Ibidem, p. 67, *grifos nossos*). São estas unidades, definidas como “acústico-motrizes” (Ibidem, p.67), que devem ser objeto de análise. O que está fora da percepção de distinção para o falante-ouvinte da língua é inexistente como unidade, “pois não produz um som perceptível ou, pelo menos, porque não conta na cadeia de fonemas” (Ibidem, p.67).

Neste capítulo, procuramos revisitar os principais conceitos da proposta saussuriana apresentados pelo *Curso de Linguística Geral* com o intuito de lançar um olhar voltado ao aspecto sonoro da língua – trajetória que nos permitiu vislumbrar a importância da percepção do som como significante na delimitação das unidades da língua. No próximo capítulo, abordaremos os *Escritos de Linguística Geral* que, conforme veremos, aprofundam e reafirmam diversos dos pontos considerados até aqui, principalmente no que se refere à discussão sobre o estatuto do som nos estudos linguísticos e o lugar que o falante-ouvinte ocupa na própria definição sobre o que é língua.

## 2 NO RASTRO DO SOM DOS *ESCRITOS*

Publicados pela primeira vez em 2002 na França, os *Escritos de Linguística Geral* oferecem aos pesquisadores da linguagem um rico material da reflexão, sempre em construção, do inquieto Ferdinand de Saussure. A partir da sua leitura, foi possível reencontrar diversas das teses saussurianas estabelecidas com o *Curso*, assim como também foi possível relativizar pensamentos acabados ou positivados, fruto seja da editoração, seja das diversas interpretações do pensamento do genebrino. Passados quase 15 anos de sua primeira publicação, os *Escritos* ainda merecem a atenção dos linguistas, seja por seu caráter de “renovação” das leituras produzidas a partir do *Curso*, seja para buscar um novo olhar sobre o fazer do linguista ainda hoje, afinal, nos perguntamos, como o fez Claudine Normand: “Saussure está condenado a ser acessível apenas pela floresta de comentários e pelo quebra-cabeça de fragmentos reencontrados?” (NORMAND, 2009, p.18). Esperamos que não.

Em decorrência disso, é de grande relevo retomar e discutir questões abordadas pelos *Escritos* que demonstram não apenas um pensamento em vias de ser construído, mas um linguista disposto a pôr em evidência questões relativas à materialidade da língua, assim como a abordar os fatos de linguagem de um ponto de vista que não se restringe ao do especialista: Saussure, conforme poderemos ver em diversas passagens aqui apresentadas, colocava-se constantemente na perspectiva de sujeito falante. A definição de língua está muitas vezes associada à figura de falante mesmo no *Curso*, como relembramos no capítulo anterior quanto à definição de *tesouro da língua*: a existência da língua dá-se a partir da massa de falantes<sup>33</sup>. Sua natureza, assim, não é estática, conforme pode-se ler nos *Escritos*: A língua “não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado

---

<sup>33</sup> “a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo” (*Curso*, p.21).

ao mar (...) é inútil pensar que é possível prever seu curso sob o pretexto de que se conhece exatamente as estruturas de que ele se compõe” (*Escritos*, p.248). Longe de procurar determinar o mecanismo linguístico voltado em si mesmo, Saussure ressalta a indissociabilidade do sistema em relação àqueles que lhe conferem existência, afinal, o sistema de signos existe para a coletividade: “ele é feito para se ouvir entre vários ou muitos e não para se ouvir sozinho” (Ibidem, p.249).

Outro aspecto que torna possível a existência da língua como sistema abstrato é a sua materialidade. Uma das grandes discussões presentes nos *Escritos* aborda a problemática do som e do sentido nos estudos linguísticos. Esta discussão mostra-se relevante na medida em que procura estabelecer uma diferença entre dois pontos de vista: (1) o de tomar o som como *tal*, ou seja, como fato físico; (2) o de tomar o som como *signo*, ou seja, o som como *significante* linguístico. Esta discussão faz-se presente no intuito de que a materialidade dos sons da língua seja abordada para além da *figura vocal*, levando em consideração aspectos fundamentais da reflexão saussuriana como signo, unidade, valor.

Todas estas questões nos levam à consideração de uma posição de ouvinte na definição e delimitação das unidades significantes da língua. Com vistas a melhor aprofundarmos o lugar de ouvinte nas considerações realizadas por Ferdinand de Saussure, é importante retomarmos alguns pontos dos *Escritos* cuja abordagem aponta para equiparação entre as noções de *língua* e de *sujeito falante* – isto porque a ideia de que só há, para a língua, aquilo que existe para os falantes assinala tanto o aspecto da produção da fala quanto o aspecto da recepção da cadeia sonora, *reconhecida* a partir da posição de ouvinte da língua.

Nosso ponto de apoio na leitura dos *Escritos* se dará quanto às questões que tocam o aspecto sonoro em relação à língua, além de passagens que abordam de alguma forma a percepção e a posição de falante-ouvinte nos estudos da linguagem. As considerações a respeito da percepção das unidades linguísticas nos levará à discussão acerca do *valor* e dos aspectos individual e social da língua e da fala no desenvolvimento das teorizações de Saussure. Para que isso seja feito, algumas problematizações de Loïc Depecker revelam-se bastante frutíferas, visto que o pesquisador procurou compreender o pensamento saussuriano a partir dos manuscritos com vistas a reavivar vários pontos-chave do pensamento do mestre. Além dos *Escritos*, portanto, nos apoiaremos em dois capítulos da obra de Depecker (2012) que nos ajudarão a costurar nossa reflexão: “A língua e a consciência dos sujeitos falantes” e “O fato acima de tudo social da língua” a

fim de que possamos, respectivamente, abordar dois pontos essenciais: o *sentimento* do falante e o *valor* linguístico.

Longe de ser um capítulo exaustivo sobre os *Escritos*, o recorte proposto aqui converge fundamentalmente com o nosso maior interesse de pesquisa: o rastro do som e o lugar do fato acústico na teoria saussuriana, perspectiva que nos abre portas para a posição de ouvinte. Diversas considerações elaboradas neste ponto do trabalho – a grande maioria certamente – estão diretamente ligadas ao que apresentamos até aqui sobre o *Curso de Linguística Geral*. Os *Escritos*, porém, possibilitam que os leitores de Saussure acompanhem mais de perto as idas e vindas do pensamento do genebrino que, longe de oferecer uma teorização acabada e definitiva, angustiava-se ao buscar definir os conceitos básicos e fundamentais da linguística.

## 2.1 O som *como tal* e o som *como signo*

Daremos início à discussão a partir de um ponto fundamental: as relações estabelecidas entre a *figura vocal como tal* e a relação *forma-sentido*, tão reforçada pelo linguista genebrino. Nestas relações, o que é possível opor? O que é passível de união e o que é impossível dissociar? Já na página que abre “Sobre a essência dupla da linguagem”<sup>34</sup>, nos deparamos com a seguinte afirmação: “É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a figura vocal, de um lado, e a *forma-sentido* de outro” (*Escritos*, p.21). O que seria essa *figura vocal*? Ao longo da leitura, tentaremos delimitar o conceito no escopo da reflexão saussuriana, assim como a sua relação com a dualidade *forma-sentido* que tomamos, desde já, como o signo linguístico. Como vemos, o linguista aponta sem qualquer embaraço a indissociabilidade da relação *forma-sentido*, visto que separá-los seria eliminar sua própria existência. *Forma-sentido* são *os dois lados da mesma moeda*, a moeda que tem valor no sistema da língua. Além de ser impraticável separá-los ou opô-los, Saussure ressalta que a oposição deve ser estabelecida com a *figura vocal*, que é de outra natureza.

---

<sup>34</sup> “Sobre a essência dupla da linguagem” é primeira parte dos *Escritos de Linguística Geral* e faz parte do conjunto de manuscritos descobertos em 1996 pertencentes ao Acervo BPU - *Bibliothèque Publique et Universitaire* em Genebra.

A figura vocal, conforme veremos em diversos excertos de “Sobre a essência dupla da linguagem,” é tomada como o invólucro material da junção *forma-sentido*; trata-se do fenômeno vocal por si só, e este aspecto isolado não tem estatuto de valor na língua. Não podemos confundir, portanto, a figura vocal com *forma* ou *significante* do signo: o significante, sendo *forma*, é uma representação, e assim está inserido no jogo de valores opositivos e relativos do sistema linguístico; a figura vocal não tem o caráter de representação: é o fenômeno vocal tomado por si só, como um elemento físico, concreto. Para compreendemos melhor esta diferença, leiamos a seguinte passagem dos *Escritos*:

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental (...) O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato ‘físico’ do som por oposição ao fato ‘mental’ da significação (Ibidem, p.24).

Ao estabelecer que o dualismo da linguagem não se dá na relação *som-ideia*, só vemos reforçar a noção de que *som* e *forma* são conceitos bastante distintos. O *som* não é da alçada da linguística, é o *fenômeno vocal COMO TAL*, tomado à parte do jogo semiológico. Já o fenômeno vocal *COMO SIGNO* delimita a entrada do som como elemento linguístico: a partir daí, pode-se considerá-lo como um fenômeno *mental*. Certamente, esta divisão entre o que é som puro do que é significante só pode ser feita com vistas a compreender estes conceitos. Afinal, a *forma* só é passível de ser apreendida pela materialidade que lhe serve de representação. Contudo, tomar apenas a materialidade do signo linguístico é adotar o ponto de vista tão-somente da produção fisiológica do som – perspectiva cujo interesse limita-se aos fisiologistas.

Em suma, o signo, considerado em seu aspecto exclusivamente vocal, conforme Saussure, “se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal” (Ibidem, p.24). Por ser apenas sonoridade pura, a figura vocal tem sempre a mesma identidade, pois existe “independentemente de toda língua” (Ibidem, 28). Por isso, dizemos que é desprovida de valor, já que independe de qualquer emprego: “Admitir a forma fora de seu emprego é cair na *figura vocal* que pertence à fisiologia e à acústica” (Ibidem, p.33). Quando a figura vocal adentra na esfera do sistema, já não é mais figura vocal: é forma. É o significante do signo linguístico.

### 2.1.1 Para além da figura vocal ou não existe forma sem sentido

Adentrar o terreno da *forma* é entrar no terreno do *sentido*, e adotar o caminho da relação *forma-sentido* é transpassar ao terreno da língua – o que significa embrenhar-se na esfera do *falante-ouvinte*. Por quê? Ora, tomar uma porção de sonoridade e atribuir a ela o estatuto de unidade linguística é um poder único conferido a nós como falantes, afinal, segundo Saussure, a *forma* nada mais é do que “uma figura vocal que, na consciência dos sujeitos falantes, é *determinada*, ou seja, é ao mesmo tempo existente e delimitada” (Ibidem, p.38). Conforme discutimos no capítulo sobre o *Curso*, a delimitação da unidade linguística é um aspecto fundamental para que se compreenda o que é língua.

A forma, a partir desse ponto de vista, ultrapassa o que delimitamos acima como figura vocal, pois ela só existe quando lhe é conferido valor; este valor, certamente, é reconhecido na posição de ouvintes da língua: a *forma* “não tem, necessariamente, ‘um sentido’ preciso; mas ela é percebida como alguma coisa que *é*” (Ibidem, p.37). Não é por acaso que o linguista afirma que, para que possamos definir *forma*, faz-se necessário ter como ponto de partida o *dado semiológico*: “Uma figura vocal se torna forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua” (Ibidem, p.38). Este *jogo de signos* é posto em funcionamento pelos falantes.

Mais adiante nos *Escritos*, Saussure põe em discussão a visão habitual, simplificada do signo, representada por ele como Significação/Forma, e elabora uma representação bastante complexa e completa da sua proposta de visão das relações forma-sentido e figura vocal. Para o linguista, “a *forma* é a mesma coisa que a *significação*” (Ibidem, p.42), proposta cuja representação vê-se no quadro I da figura abaixo:

I		II
Diferença geral das significações (só existe segundo a diferença das formas).	Uma significação (relativa a uma forma).	Figura vocal (que serve de forma ou de várias formas em I).
Diferença geral das formas (só existe segundo a diferença das significações).	Uma forma (sempre relativa a uma significação).	

Figura 13 - a complexidade do signo (*Escritos*, p.42).

A coluna I demonstra uma concepção que está muito além de qualquer simples dualidade. Vemos uma representação bastante complexa do conceito do signo linguístico saussuriano embasada nas suas reflexões sobre a concepção do valor na língua, posto que a base fundamental desta representação do signo dá-se pela noção de *diferença*. Olhar para o signo linguístico é levar em consideração todo um sistema de relações que não são passíveis de serem ignoradas: as formas, além de serem a outra face das significações, só têm identidade pela diferença com todas as outras formas; o mesmo se diz das significações, que, sendo o anverso das formas, precisam diferenciar-se de todos os outros significados para que seja possível estabelecer uma unidade linguística. Conclui-se, assim, que é impossível tomar como objeto A Forma ou O Sentido, visto ser necessário considerar toda uma gama de relações estabelecidas; buscar a unicidade é, para o linguista, fruto de uma “concepção diretamente falsa da língua” (Ibidem, p.42). Todas estas relações apontam para o fato de que significação e forma são indissolúvelmente ligadas uma à outra. Saussure propõe que “tomar por base o *signo* (sozinho) não é apenas inexato, mas não quer dizer absolutamente nada porque, no instante em que o signo perde a totalidade de suas significações, ele nada mais é do que uma figura vocal” (Ibidem, p.44).

Observemos a coluna II, onde está situada a figura vocal colocada à parte da consideração quádrupla do signo, mas imprescindível para que a forma tenha existência. Esta diferenciação entre forma e figura vocal ressalta a visão saussuriana de que o som, por si só, não pode ser tomado como *significante*: este só existe na associação de forma e sentido que compõe o *signo* linguístico. A figura vocal serve, assim, de invólucro material da *forma* significante. Saussure sublinha, a partir desta divisão em colunas, que forma e sentido são o verso e o anverso do signo e que este só pode ser oposto ao som desprovido de sentido – ao som como tal, ou seja, à figura vocal.

## **2.2 A língua (ou seja, o sujeito falante)**

Nos *Escritos*, Saussure aponta de diversas maneiras o lugar crucial do falante nos estudos da linguagem. Uma das suas grandes críticas à escola representada por Bopp trata justamente da tentativa equivocada de crer na existência da língua fora da sua característica de fenômeno: “O mal-entendido em que caiu, no início, a escola fundada

por F[rantz] Bopp, foi atribuir às línguas um corpo e uma existência imaginários, fora dos indivíduos falantes” (*Escritos*, p.115). Desconsiderar o falante é ignorar uma parte essencial da própria natureza da língua, responsável por dar vida ao fenômeno semiológico. Para Saussure, a escola de Bopp

ignorou o fato da *linguagem*, atirou-se diretamente à língua, ou seja, ao idioma (conjunto de manifestações da linguagem de um povo numa época), e só viu o idioma através do véu da escritura. Não há fala, há apenas conjuntos de letras (*Escritos*, p.116).

A linguística saussuriana, portanto, é contrária a qualquer tentativa de afastamento dos sujeitos falantes, como se fosse possível estudar a língua *sem* a fala. Não é por acaso que o genebrino celebra: “A conquista destes últimos anos é ter, enfim, colocado não apenas tudo o que é a linguagem e a língua em seu verdadeiro nicho exclusivamente no sujeito falante seja como ser humano seja como ser social” (*Escritos*, p.116). É precisamente a partir destas considerações que acreditamos que a importância do papel do sujeito falante nas considerações de Saussure é indiscutível. Unidade e valor são conceitos essencialmente vinculados ao falante; aliás, arriscamos dizer que são termos que acabam por representar o próprio falante na sua condição de ouvinte, afinal, acreditamos que a posição de ouvinte é a responsável por conferir ou não o estatuto de signo ao que, antes da escuta, é apenas som. A fim de embasarmos nossa leitura, nos deteremos em algumas passagens que se referem ao sujeito falante.

Em uma das passagens de “Sobre a essência dupla da linguagem”, encontramos uma afirmação, a princípio, inusitada: “A primeira expressão da realidade seria dizer que a *língua* (ou seja, o *sujeito falante*) não percebe nem a idéia *a*, nem a forma *A*, mas apenas a relação *a/A*” (*Ibidem*, p.39, *grifos nossos*). É muito interessante notar que Saussure, neste trecho, coloca a *língua* como *sujeito falante*. Ao propor seu raciocínio sobre a impossibilidade de se olhar para a língua como pura forma ou como pura ideia, como se forma-sentido pudessem ser considerados isoladamente, Saussure dá ao sujeito falante o papel de perceber o que é real na língua, já que “não há outra determinação além da determinação da ideia pela forma e da forma pela ideia” (*Ibidem*, p.39).

Mais adiante nos *Escritos*, lê-se, sobre a língua: “a cada momento de sua existência, só EXISTE linguisticamente o que é percebido pela consciência, ou seja, o que é ou se torna *signo*” (*Ibidem*, p.44). O *signo* só existe porque os *falantes* lhe dão existência. A *forma*, conforme vimos acima, é justamente a figura vocal que foi delimitada e reconhecida como pertencente à língua pelo falante-ouvinte. A definição do que é *forma* (sem esquecer que só existe forma com sentido) se dá pelo recorte de uma



figura vocal como unidade que é considerada como significante “*para a consciência dos sujeitos falantes*” (Ibidem, p.47). Pode-se dizer que a *forma é semiológica*. Simplificando, colocamos o que concerne o *falante-ouvinte* na esfera da forma; já o que é pura reprodução sonora está fora da rede semiológica e é apenas o invólucro da forma, a figura vocal:

Uma palavra só existe verdadeiramente, de qualquer ponto de vista que se adote, pela sanção que recebe, a cada momento, daqueles que a empregam. É isso que faz com que ela difira de uma sucessão de sons, e que difira de uma outra palavra, mesmo composta da mesma sucessão de sons (Ibidem, p.76).

As inúmeras passagens em que Saussure fala sobre o ponto de vista do linguista, mais evidente ainda quando disserta sobre o ponto de vista sincrônico, estão estreitamente associadas à importância que o mestre genebrino dá ao ponto de vista do falante que reconhece o *fato sincrônico*. Nos “Antigos documentos”<sup>35</sup>, Saussure estabelece um critério fundamental para se definir o que considera “*real*” em morfologia<sup>36</sup>: “*Critério: O que é real, é aquilo de que os sujeitos falantes têm consciência em um grau qualquer; tudo aquilo de que eles têm consciência e apenas aquilo de que eles podem ter consciência*” (Ibidem, p.158, *grifos nossos*). Ou seja, para se pensar sobre *forma* na língua (sempre indissociável do *sentido*), é preciso levar em conta o *falante*, pois é este que reconhece na língua as *unidades significativas*<sup>37</sup>, “inferiores à unidade da palavra” (Ibidem, p.159). Esse critério repete-se diversas outras vezes nas páginas seguintes, conforme veremos adiante. Saussure, a fim de explicar a questão, traz alguns exemplos de o que poderiam ser consideradas unidades morfológicas no francês da época: Em francês, os falantes têm consciência, por exemplo, do elemento *-eur* que, empregado de certa maneira, serve para dar a ideia de autor de uma ação, como em *graveur, penseur, porteur*. Saussure se pergunta: afinal, o que pode provar que *-eur* seja, de fato, uma unidade morfológica da língua? Considerando que a unidade morfológica se define pelo que é significativo, podemos ver a questão pelo ponto de vista, certamente, a partir do que é significativo para o falante.

---

<sup>35</sup> Os “Antigos Documentos” fazem parte dos *Escritos* e tratam-se de manuscritos primeiramente organizados e editados por Rudolf Engler em sua edição crítica do *Curso de Linguística Geral* (Engler 1968-1974).

<sup>36</sup> Note-se que Saussure, ao fazer uso do termo *morfologia*, não está se referindo ao nível morfológico em comparação com fonológico, sintático etc. O que Saussure denomina morfologia é o *estudo da relação forma-sentido* na língua em geral.

<sup>37</sup> Nesta passagem, unidade morfológica é igual a unidade significativa (cf. *Escritos*, p.159).

O linguista insiste no estatuto fundamental do que considera o “*princípio maior*” da determinação de o que é “real” na língua: “em um determinado estado de linguagem, *real* é aquilo de que os sujeitos falantes têm consciência, tudo aquilo de que têm consciência e nada além do que podem ter consciência” (Ibidem, p.166). O fato sincrônico é critério para se estabelecer o que afinal faz parte do sistema da língua, sendo que Saussure reconhece que “os *sujeitos falantes* têm consciência de unidades inferiores à unidade da palavra” (Ibidem, p.166 *grifos nossos*), valores que se estabelecem na comparação com outras unidades da língua, sempre em relação; no entanto, Saussure salienta: “a nossa unidade fundamental é sempre a palavra pronta. Mas isso não nos impede de fazer, inconscientemente, na palavra pronta, a mesma análise que o linguista faz”, ou seja, a análise das “unidades inferiores” (Ibidem, p.166).

Então, o que é o sentimento da língua? Nada mais que o sentimento que os falantes têm em relação a sua língua. Por isso, na análise morfológica:

Se digo que *chanteur*, no século XIX, se decompõe em *chant* + *eur*, eu estou de acordo com o sentimento da língua, que se traduz por formações novas e, se eu dissesse que ela se decompõe em *chan* = *teur*, minha análise não corresponderia a nada (Ibidem, p.166).

Novamente, a questão do ponto de vista sincrônico se coloca para o linguista. Não é à toa que Saussure chama a atenção para o que chama de “fato capital”:

as análises que reproduzem a análise da própria língua num momento dado não correspondem, necessariamente, às análises que ela tinha feito num estado anterior (...) *A análise só é verdadeira por um tempo circunscrito.* (*Escritos*, p.167, *grifos nossos*).

Por que isso acontece? Ora, certamente porque, como bem sabemos, o sistema sincrônico está circunscrito em um tempo mais ou menos determinado. De um estado para outro, a análise pode não ser mais a mesma porque houve mudança, e o sentimento dos falantes quanto a tal ou tal forma difere do estado de língua precedente. No sistema da língua, o que existe, o que importa, é o que é reconhecido como significativo para os sujeitos falantes.

Nesse sentido, a discussão sobre a construção analógica poderá nos ajudar a compreender o *sentimento da língua* mencionado por Saussure. A analogia representa a possibilidade de criação, pelo falante, de formas novas, a partir de formas já existentes na língua. Ao falar sobre a análise da língua, que reconhece unidades significativas, Saussure salienta: “quando surgem formas novas, tudo se passa, acabamos de ver, por composição das formas existentes e recomposição de outras formas no meio de materiais fornecidos

pelas primeiras” (Ibidem, p.165), e conclui: “Os elementos que nós abstraímos, aos quais damos ficticiamente uma existência, viviam apenas no seio de formas anteriores e é só aí que a língua podia procurá-los” (Ibidem, p.165-166). A criação analógica e sua relação com a análise linguística é ricamente abordada por Flores em um de seus artigos:

O estudo que fizemos sobre a analogia em Saussure nos permite afirmar que, do seu ponto de vista, ao linguista cabe a difícil tarefa de dar a ver o conhecimento que o falante tem de sua língua. Saussure, ao analisar fenômenos linguísticos muito específicos – e o caso da analogia é exemplar –, coloca em relevo o sujeito falante em relação com a língua, com o conjunto de formas lexicais e gramaticais cuja realização é sempre uma potencialidade de uso irrefletido de cada locutor (FLORES, 2013, p.83).

Estas considerações nos permitem colocar o método de análise sincrônica da língua lado a lado com o falante. Não é por acaso que, conforme vemos, Saussure recorre inúmeras vezes ao conhecimento que os falantes têm sobre a língua. Em outra passagem dos *Escritos*, por exemplo, Saussure lembra que o falante reconhece a forma *-eur* como unidade significativa à medida que encontra o sufixo presente em diversas palavras da língua, conforme vimos acima, em *graveur*, *penseur*, *porteur*. Por analogia, pode chegar à nova forma *oseur*, em vez de *oser*: “Quem poderia dizer se é de tal ou tal forma, exatamente, *que o sentimento da língua procede? graveur : graver = penseur : penser*. Portanto (*oser*) *oseur*.” (Ibidem, p.159, *grifos nossos*).

Logo em seguida, a palavra sentimento aparece outra vez: “Não esqueçamos que *tudo o que existe no sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real*” (Ibidem, p.160, *grifos nossos*); e, mais adiante: “no nono século, *verdade é o que sentem os alemães do nono século*, absolutamente mais nada” (Ibidem, p.160, *grifos nossos*). Já na página seguinte, ainda analisando a questão das unidades morfológicas, Saussure nos dá outro exemplo: “no francês de nossos dias, *enfant*, *entier* não comportam, no *sentimento dos franceses*, nenhuma espécie de análise, não mais do que comportaria a palavra *pour* ou a palavra *moi*” (*Escritos*, p.161, *grifos nossos*); mas, caso o linguista se valesse de uma análise diacrônica, poderia chegar à conclusão de que *en-* de *enfant* e *entier* seria isolável, em comparação com as formas do primeiro século *infans* e *integer*, que permitiam a decomposição (Ibidem, p.161). No entanto, o mestre salientou inúmeras vezes: “Realidade = fato presente na consciência dos sujeitos falantes” (Ibidem, p.161).

Uma vez mais somos alertados:

Ao estabelecer as subdivisões da palavra, tais como raiz, tema ou sufixo, deve sempre ficar entendido que *nos colocamos na época*,

*distante ou próxima, em que essa análise se justifica pelo sentimento conforme da língua* (Ibidem, p.162, grifos nossos).

É interessante observar, aqui, que o termo “língua” aparece precedido por “sentimento”; *língua*, em vez de *falante*, como nas ocorrências mostradas acima. Quem *sente*, quem cria? o falante, que faz uso do seu *tesouro*. Claro que, tudo isso, delimitado pelo mecanismo da língua, visto que “os elementos da nova forma são sempre tirados do acervo adquirido” (Ibidem, p.165).

Depois de algumas páginas, Saussure retoma o exemplo citado acima:

*Enfant, entier* não permitem, no século XIX e há muito tempo, nenhuma análise ao *sentimento da língua* porque não há ponto de comparação. As mesmas palavras, no século primeiro, *infans, integer*, permitem uma análise ao *sentimento da língua, in-fans, in-teger*. Pois bem, e é aí que quero chegar: *se, em nome da identidade de substância entre enfant e infans, eu faço, em francês, a análise en-fant, o que é que eu estou fazendo?* Morfologia latina sobre o equivalente francês de uma forma latina. *Eu estou fazendo morfologia retrospectiva*. Essa morfologia é, no fundo, detestável (Ibidem, p.168, grifos nossos).

Por quê “detestável”? A análise retrospectiva não se apoia no sentimento da língua e, por isso, “ela não corresponde a nenhum fato de linguagem” (Ibidem, p.168). Sendo assim, o que interessa, aqui, é a análise sincrônica – a análise do sentimento da língua, ou seja, do sentimento do falante-ouvinte.

Saussure, ao fazer uso dessas expressões (cf. acima: *sentimento da língua; sentimento dos sujeitos falantes* etc), compara os termos língua e falante, colocando-os, basicamente, como formas sinônimas nesses contextos. Uso um tanto inusitado para uma reflexão que teria, supostamente, deixado o falante de lado. Em Depecker (2012) encontram-se notas de Riedlinger que apontam para a reflexão aqui desenvolvida: “O destaque das expressões como ‘a língua tem sentimento’ ou ‘a língua tem consciência’: *‘a língua’ devendo aqui ser interpretada como o ou os ‘sujeitos falantes’* (p.139, grifos nossos). Conforme é apresentado por Depecker, “o desvio pelo sujeito falante visa, portanto, não apenas penetrar melhor nos fatos linguísticos, mas ter critérios nos quais se apoiar para validar a análise” (DEPECKER, 2012, p.114).

Esta é uma questão bastante interessante e que apresenta uma relação direta entre o conhecimento do sujeito falante e o fazer do linguista – tema abordado em detalhe por Flores no texto supracitado, cuja tese estabelece uma relação entre o fenômeno de criação na língua e o “*fazer do linguista*”, considerando que, “quando o falante produz uma forma analógica, o ponto de vista sincrônico é sempre o do falante e de seu saber sobre a língua” (FLORES, 2013, p.83). A consciência do sujeito falante “é depositária do real, do

concreto, do que é vivo na língua” (DEPECKER, 2012, p.117), e por isso “é um princípio metodológico, o principal guia do linguista” (Ibidem, p.117). Todas estas considerações levam Depecker a ressaltar, como se busca fazer neste trabalho, o lugar fundamental da impressão do fato acústico na reflexão saussuriana:

Uma das outras consequências dessa importância dada por Saussure à consciência do sujeito falante é a do *status* que ele acaba dando ao ‘fato acústico’ (Escritos, p.238-249). Ou seja, ao som ouvido, mais do que ao som pronunciado: à ‘imagem acústica’, mais do que à ‘imagem vocal’ que remete a uma ação, afinal de contas, pouco consciente do sujeito falante. A preeminência é dada ao aspecto acústico, pois é ele que o sujeito falante verdadeiramente interpreta (Ibidem, 2012, p.118).

A ideia de que a unidade é *percebida* pelos falantes por meio da imagem acústica – cuja dependência da materialidade sonora é inegável – nos leva à discussão sobre algumas passagens dos *Escritos* que sublinham a relação entre a percepção do som como unidades providas de valor linguístico.

### 2.3 O valor, a unidade e a posição de ouvinte

A máxima saussuriana de que é o ponto de vista que cria o objeto nos ajuda a compreender um ponto crucial para os estudiosos da linguagem: o fato de que a língua não dispõe de unidades naturais. Conforme a seguinte passagem, “Os elementos principais, sobre os quais incidem a atividade e a atenção do linguista (...) [são] elementos *destituídos*, em sua complexidade, de uma unidade natural” (Escritos, p.22). A fim de explicar, a partir daí, o caráter não-natural do objeto de estudos do linguista, Saussure chama a atenção para o seu caráter complexo, partindo de uma comparação com a química. Segundo o estudioso, a unidade da linguística pode ser comparada a uma *mistura* química. Por quê? A “mistura” química de hidrogênio e oxigênio cria um novo elemento, que não é mais nem oxigênio nem hidrogênio, mas água. Quando pensamos no signo, um raciocínio semelhante pode ser feito. Fora da sua relação de forma-sentido, o signo não tem existência. A junção da forma (que sem o sentido é apenas figura vocal) com o sentido (que sem a forma é inatingível) cria um novo elemento, complexo e particular, e que não é a soma das suas partes. Este é o caráter das relações propostas por Saussure: associações

de elementos que existem apenas pela sua própria junção, como forma-sentido, língua-fala, sincronia-diacronia etc.

Se é o ponto de vista que cria o objeto, qual o objeto da linguística? Como é possível analisar suas unidades? A análise da língua em unidades depende, primeiramente, do fato material: “Uma língua existe se, à  $m + e + r$ , se vincula uma ideia” (Ibidem, p.23). Como já vimos, não se trata da junção da sequência puramente sonora à ideia. A [m], [e], [r] já estão vinculados valores que exercem seu papel distintivo no sistema da língua. Mesmo as unidades mínimas operadas pelo linguista são produto de uma abstração, já que, como estudiosos da língua, sempre estamos lidando com um fenômeno de representação. É inútil, assim, separar a forma do sentido, pois fora dessa relação, não há língua possível. Esta indissociabilidade, incansavelmente remarcada por Saussure, pode ser constatada nas unidades mais básicas - e fundamentais - da língua, como os fonemas, até a época ainda não reconhecidos e definidos precisamente como hoje. Vejamos a seguinte passagem:

*A presença de um som*, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura. É fácil mostrar que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com os outros sons presentes; e é essa a primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável, do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua (Ibidem, p.27).

O som como pertencente a um sistema linguístico é tomado como ponto de partida para o desenvolvimento de uma das mais importantes teses saussurianas: a de que a língua é um sistema de relações que tem por base entidades *relativas*, *opositivas* e *negativas*. Isto nos leva à questão da posição em que Saussure se colocava em relação aos estudos fonéticos realizados até então. Para o linguista, levar em conta a presença de um som como fazendo parte de todo um sistema de oposições e valores, ou seja, o “*entourage*” dos fonemas,

é romper francamente com a fonética, é se submeter a entrar no mundo dos signos como coisas significantes e presentes na consciência; por conseguinte, a ignorar sistematicamente todas as circunstâncias etimológicas e retrospectivas, que estão ausentes da consciência” (Ibidem, p.63-64).

Ao expor a noção de valor, Saussure acaba abordando, em diversas passagens, a questão da percepção da unidade linguística. O estudo do sistema finito de “sons” que dão forma à língua acaba sendo uma instigante porta de entrada para que o linguista olhe para o lugar

que o falante ocupa nos estudos da língua. Este espaço de abertura nos permitirá vislumbrar a posição de ouvinte.

De acordo com o linguista, um som é o que o outro não é, e, para que levemos em conta o *valor*, é preciso levar em conta o *falante-ouvinte*, que percebe ou não a diferença existente na língua. Dizeres como “presença de uma correlação percebida entre dois sons”, “percebida pela língua” (Ibidem, p.28), nos obrigam a pensar a posição de escuta que torna a língua possível. O que é percebido pelo falante-ouvinte como significativo é o que tem valor na língua, e o som por si só não tem valor: “Nós partimos do elemento fonológico como de uma unidade morfológica que adquire, sucessivamente, diferentes funções” (Ibidem, p.28). A unidade não é natural pois depende da análise do que é ou não significativo – do que tem valor ou não dentro do sistema. Como exemplo, o linguista observa que se o fonema /ʒ/ só aparecer seguido de /e/, formando sempre /ʒe/, a distinção de /ʒ/ isolado não é morfológica, já que /ʒe/ se mostra como uma unidade irreduzível da língua; “*O sentido de cada forma, em particular, é a mesma coisa que a diferença das formas entre si. Sentido = valor diferente*” (Ibidem, p.30). Este valor é definido tanto pela diferença do *significante* quanto pela diferença do *significado*:

no momento em que se fala de *valores* em geral (...), percebe-se que é a mesma coisa colocar-se no mundo dos signos ou das significações, que não há o menor limite definível entre o que as formas *valem* em virtude de sua diferença recíproca material, e aquilo que elas *valem* em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças. É uma disputa de palavras (Ibidem, p.30).

A identidade ou não-identidade na cadeia falada será *percebida* pelo falante-ouvinte, cuja escuta, apesar de depender do fato material, vai muito além deste, afinal, “os fatos de fala, tomados em si mesmos, que por si só certamente são *concretos*, se veem condenados a não significar absolutamente nada, a não ser por sua identidade ou não-identidade” (Ibidem, p.33).

Em decorrência disso, Saussure afirma que apenas a *identidade* acústica das unidades sonoras forma a *entidade* acústica, que já é unidade abstrata: “não há um objeto primeiro a ser procurado, mais tangível do que esse primeiro objeto abstrato” (Ibidem, p.33). O que importa, assim, é o aspecto sonoro tomado a partir do seu valor no sistema linguístico, visto que “as entidades da ordem vocal não são entidades linguísticas” (Ibidem, p.34). Este ponto de vista está diretamente relacionado a uma discussão presente em uma das passagens dos “Antigos Documentos”, cuja proposta é apontar a ineficiência

de se buscar o princípio das unidades linguísticas a partir do som como fenômeno físico-vocal:

Como o sujeito falante nunca se propõe a executar ‘movimentos’, mas movimentos impostos por uma série fixa de sons a realizar, resulta daí que uma fonologia que se imagine capaz de extrair da observação o princípio de suas unidades, de suas distinções e de suas combinações, não chega a nada e não é uma fonologia (Ibidem, p.217).

No decorrer deste trabalho, visamos alterar, aos poucos, a perspectiva de *falante* para a de *ouvinte* da língua. Esta mudança de paradigma nos ajudará a pensar o lugar do rastro do som nos *Escritos* a partir de considerações elaboradas ao longo da reflexão saussuriana basicamente no que toca a expressão *impressão acústica*. Saussure questiona: “a impressão acústica é definível?” (Ibidem, p.211). Sim, tanto quanto são definíveis as cores para nossos olhos. A *sensação acústica* é comparada à *sensação visual*,

que é psíquica e completamente independente do fato de o vermelho depender de 72.000 vibrações que penetram no olho, ou seja qual for esse número. Mas ela é segura e clara? Perfeitamente segura e clara, não precisa de nenhuma ajuda. Para diferenciar as letras de seu inimitável alfabeto, vocês acham que os gregos se puseram a estudar? Não. Eles simplesmente sentiram que *l* era uma impressão acústica diferente de *r*, e *r* diferente de *s*, etc” (Ibidem, p.211).

Saussure aponta com insistência o papel da *percepção do valor* como responsável pela definição do que é ou não unidade para nós como ouvintes-falantes de determinada língua. Nesta posição, somos capazes de perceber as mais sutis diferenças – muitas imperceptíveis por falantes que não são ouvintes do idioma desde os balbucios do berço. O linguista segue ressaltando o lugar da percepção das unidades pelo ouvinte:

A melhor prova de que a impressão acústica, por si só, tem um valor, é o fato de ser impossível, aos próprios fisiologistas, distinguir unidades no mecanismo da voz sem as unidades previamente fornecidas pela sensação acústica. O que faz um fisiologista ao explicar os movimentos para o *b*? Ele começa por estabelecer uma base na unidade que produz o *b* em seu ouvido (Ibidem, p.212).

O valor das unidades linguísticas, neste sentido, somente pode ser percebido a partir da *impressão* que temos dos sons como falantes-ouvintes de determinada língua. Acompanhemos esta reflexão presente nos *Escritos*: “Em francês, pode-se pronunciar, sob o som de *r*, duas ou três consoantes completamente diferentes em articulação e, além disso, tão diferentes para o ouvido que não há nada que se note mais no falar de um indivíduo” – mesmo assim, no sistema do francês, esses sons têm o mesmo *valor*, e é isso o que importa. Outros sons, de acordo com o linguista, como um *s* ou *d*, sofrendo a menor variação, são percebidos com estranheza, visto que a mudança afeta o sistema de valores



da língua. Esta alteração no sistema fonológico, longe de poder ser ignorada, “ofende, de frente e irreconciliavelmente, o nosso senso da língua” (Ibidem, p.66-67). Para o falante de francês, pouco importa a variação se esta não modifica a relação de valores que fazem parte do seu repertório como ouvinte. Pouco tem a ver, então, a questão meramente fisiológica que produz essa sensação acústica; o ato fisiológico é necessário, mas não é o fim da produção do som: o fim é produzir *valor* para que seja possível fazer *distinção* entre as unidades da cadeia falada.

É interessante observar que, para Saussure,

é preciso definir a unidade fonatória e, definida essa unidade, ver-se-á a ausência de qualquer diferença entre unidade no encadeamento ou fora do encadeamento. *Não mais se imaginará que, por um lado, os fonemas planam no céu e que, por outro lado, caem às vezes na cadeia falada (Escritos, p.126, grifos nossos).*

A unidade linguística, portanto, só existe a partir da relação sistemática de valores e oposições percebidas pela massa de falantes como unidades significantes. É ilusão acreditar que a unidade pode ser considerada fora da cadeia falada, visto que é o próprio encadeamento da fala o que possibilita a existência do sistema de valores como tal. As unidades consideradas apenas como abstrações independentes da materialidade e da sua realização na cadeia falada não dão lugar a uma abordagem linguística e sequer podem ser tomadas como unidades significantes – seriam apenas unidades sonoras desprovidas de relação e sentido. Saussure pergunta-se sobre quais seriam “os movimentos do aparelho vocal” em um determinado espaço “acusticamente homogêneo”, e conclui: “Ele parte desse espaço homogêneo para o *ouvido, sem o que ele não poderia separar a unidade na cadeia fonatória*” (Escritos, p.281, grifos nossos). A posição de ouvinte, assim, mostra-se fundamental nas considerações do linguista sobre a definição das unidades da língua.

Não é por acaso que Ferdinand de Saussure aponta que “todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discursivo” (Escritos, p.86); esta afirmação apenas ressalta o caráter fundamental da fala para que a língua tenha continuidade, a partir da produção e da percepção da massa falante: “Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva” (Ibidem, p.86-87). As reflexões trazidas por Saussure, novamente, mostram-se afastadas da ideia de que a língua deva permanecer enclausurada no seu próprio sistema abstrato. As unidades sonoras não fogem à regra:

Na mesma medida em que ouvimos, nós *falamos*. Sim, Senhores, sem dúvida, mas sempre a partir da impressão acústica, não apenas recebida, mas recebida em nosso espírito e soberana para decidir o que executamos (*Escritos*, p.211).

A percepção da unidade, estando vinculada à nossa impressão acústica da materialidade sonora, determina desta forma a nossa produção na cadeia falada: falamos a partir dos sons que percebemos na língua<sup>38</sup>. Aí, encontram-se os aspectos social e individual da língua: fora da massa falante “Não poderíamos compreender (...) como som e sentido se associam no sujeito falante, principalmente do ponto de vista da maneira pela qual ele percebe as unidades” (DEPECKER, 2012, p.133). Afinal, seguindo Depecker, “tudo o que está contido no cérebro do indivíduo, o depósito das formas ouvidas e praticadas de seu sentido, é língua” (Ibidem, p.135), e estas formas foram *ouvidas e praticadas* no seio do fato social.

Levar em conta a materialidade sonora a partir da perspectiva do *valor* que estas unidades podem exercer a partir da posição de falante-ouvinte perante a cadeia falada dilui a suposta divisão entre língua e fala. Para Depecker,

língua e fala não são nem ‘homogêneas’ nem simétricas uma à outra: existe, do lado da fala, uma dimensão física, principalmente fonética que, de alguma forma, ‘nos atinge antropologicamente’ (*Curso II*, R28, Notas de Riedlinger, 23 de novembro de 1908, *CFS*, n.15, p.29). (Ibidem, p.142)

Aquilo o que poderia ser apenas massa amorfa de sons, ao atingir o falante-ouvinte como significantes linguísticos, põe em funcionamento todo o jogo das relações possibilitadas pelo sistema organizado que é a língua – sistema mobilizado pela massa social. Assim, consideramos a questão da percepção um alicerce para que se compreenda a proposta saussuriana. O valor linguístico nada mais é do que diferença, e a diferença é *percebida* ou não; se levarmos esta reflexão a todas as consequências, é sempre de uma escuta que se trata.

O *sentimento* dos falantes não depende, porém, do indivíduo. Entre língua e fala “as trocas entre sujeitos falantes não cessam de se cruzar. E no centro delas se encontra constantemente em ação outro elemento, expressão dessas ‘trocas’ permanentes: o valor” (Ibidem, p.142). Conforme a reflexão de Depecker, “o valor é social: ele é o produto das inúmeras trocas entre os indivíduos de uma determinada sociedade” (Ibidem, p.145). A

---

<sup>38</sup> Isso nos leva ao rico terreno da aquisição de línguas adicionais e à importância que o sistema fonológico desenvolve no processo de apropriação; sobre o assunto, conferir o trabalho de Janaína Nazzari Gomes intitulado *Quando falar e ouvir é apropriar-se: uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana* (2016, no prelo).

ideia de que os significantes linguísticos são *percebidos* pelos falantes, na posição de ouvintes, reforça o aspecto social do valor em conformidade com a abordagem de Depecker. Para o pesquisador,

Um valor é, portanto, considerado pelo menos em um triplo movimento. De um lado, naquele dos outros valores do sistema, as unidades se opondo e se correspondendo umas às outras. De outro lado, naquele criado pela coletividade. (...) Valor em sistema e valor social coincidem. (Ibidem, p.148)

O terceiro movimento seria o de considerar o valor para o indivíduo, afinal, não podemos negar que “o valor permanece preso no movimento do pensamento do sujeito falante, (...) sempre interpretando as unidades a partir do seu próprio ponto de vista, como mostram, por exemplo, os fenômenos de pronúncia ou de etimologia popular” (Ibidem, p.148). Por conseguinte, a língua tem existência na e pela massa de falantes; entretanto, ela depende da percepção singular dos valores – construídos socialmente e em função do tempo – recortados na cadeia falada:

a língua não é um ser abstrato ou um puro sistema que teria em si mesmo sua lei de evolução e se desenvolveria em uma espécie de torre inacessível aos mortais. Expressão da ‘*massa falante*’, ela é inteiramente atravessada pelas forças sociais (Ibidem, p.149).

O sujeito falante apreende as formas sonoras a partir da percepção do valor que estas possuem na língua – o ouvinte, deste modo, está submetido às impressões sonoras moldadas pela escuta da língua materna. Inserido em uma comunidade de falantes, o ouvinte estará cercado pelas mais diversas produções sonoras. Das massas amorfas de som e pensamento, o ouvinte terá o papel de recortar o que é amorfo em formas linguísticas. Este recorte dependerá exclusivamente do seu *sentimento da língua*, e este representa, fundamentalmente, o caráter singular da língua em cada sujeito falante.<sup>39</sup>

Neste capítulo, buscamos compreender a diferença entre o *som como tal* e o *som como signo* com vistas a abordar o estatuto da materialidade sonora para além do aspecto fisiológico e motor; a discussão desta distinção, fundamental para Saussure, entre *puro som* e *significante* permitiu-nos refletir sobre o aspecto sonoro a partir do ponto de vista do *fato acústico*. A perspectiva do som tomado como uma *forma* (e que só é forma na sua associação com o *sentido*) levava-nos a retomar a importância do falante na reflexão saussuriana como um todo – cabendo ao sujeito falante determinar a *realidade* da língua. A partir daí, foi possível chegarmos a considerações sobre a posição de ouvinte pelo viés

---

<sup>39</sup> Chloé Laplantine publicara um longo artigo intitulado « Le sentiment de la langue » sobre esta questão (LAPLANTINE, 2004) – leitura que será abordada em trabalhos futuros.

da teoria do valor, fortemente associada à percepção das unidades que o *falante-ouvinte* apreende no emprego da língua. No próximo capítulo, pretende-se aprofundar as questões levantadas até aqui com ênfase na posição de ouvinte na percepção do aspecto sonoro da língua, levando em conta as considerações elaboradas por Ferdinand de Saussure no manuscrito intitulado *Phonétique*.

### **3 PHONÉTIQUE: O ASPECTO FÔNICO E A POSIÇÃO DE OUVINTE**

Neste capítulo, nos propomos a destacar a posição de falante-ouvinte na reflexão saussuriana a partir da leitura do manuscrito *Phonétique*, cuja riqueza e singularidade convocam a uma leitura atenta e contextualizada. Para isso, acompanharemos as reflexões trazidas por estudiosos da linguagem que se dedicaram a olhar para a materialidade da língua a partir dos textos saussurianos. Maria Pia Marchese, Hermann Parret, Sémir Badir, Jacques Coursil, Claudine Normand entre outros nos ajudarão a pensar sobre o lugar do fato material na língua e suas implicações para o fazer do linguista. Assim como nós, estes estudiosos trabalharam com diversas fontes, dentre elas o próprio *Curso* e os *Escritos*, abordados nos dois capítulos anteriores. Sendo assim, será importante fazermos movimentos de retorno a alguns pontos já mencionados nos dois capítulos precedentes. O maior desafio desta última etapa, no entanto, será a leitura de *Phonétique* e as considerações que daí surgiram, visto ser um material ainda muito pouco estudado em comparação aos outros textos que compõem o corpus saussuriano.

Diferentemente das obras anteriores trabalhadas até aqui, o manuscrito *Phonétique* tem a sua edição minimamente realizada, permitindo-nos acompanhar as rasuras, inserções, escritas marginais e brancos deixados por Ferdinand de Saussure no momento de sua escrita. Apesar de ter sido organizado e editado, as lacunas, os trechos inacabados e a ordem peculiar dos textos são fatores que tornam a leitura um grande desafio. Além disso, os leitores não-francófonos de Saussure ainda não contam com uma tradução destas preciosas páginas – apresentadas em italiano por Marchese. Apresentaremos mais detalhadamente o manuscrito e suas peculiaridades no decorrer deste capítulo.

O manuscrito *Phonétique* faz parte do acervo da biblioteca de Harvard que conta com oito envelopes cujo conteúdo são cadernos de anotações feitas por Ferdinand de Saussure. O material estudado nesta dissertação refere-se ao envelope número oito sob o título *Phonétique*, cujo conteúdo tem datação aproximada entre os anos 1883 e 1884. Maria Pia Marchese, atual curadora do material, elabora uma longa e detalhada introdução aos manuscritos publicados no volume *Il manoscritto di Harvard*, publicado em 1995, onde atem-se à particularidade do corpus, aos problemas com relação às datas, à dificuldade da organização do material, entre outras questões. A pesquisadora propôs-se a realizar uma edição integral dos manuscritos de Harvard, em oposição ao que foi feito anteriormente por Herman Parret em publicação de 1994, quando trabalhou com os manuscritos a partir da seleção dos trechos que mais interessavam a sua reflexão. Longe de criticar qualquer escolha tomada, vemos cada um dos percursos como propostas de estudo distintas, cada qual com seu objetivo. A escolha por uma edição integral será importante para que se tome conhecimento do texto saussuriano mais de perto, ao passo que a proposta de Parret traz para os estudos linguísticos diversas problematizações e considerações que nos serão preciosas para a discussão do lugar do falante-ouvinte.

Na introdução da edição de Pia Marchese, a pesquisadora observa alguns detalhes sobre a organização dos manuscritos originais: catalogados de um a nove, a ordenação do material não sofreu intervenção da pesquisadora<sup>40</sup>, entretanto, não se sabe quais as circunstâncias da ordenação dos envelopes de Saussure: a ordem dos escritos pode ser a que fora realizada pelo próprio linguista, como também pode ser fruto de organização de terceiros durante os anos após sua morte. Dadas as circunstâncias, Marchese respeitou a ordem de catalogação da biblioteca, e, conforme salienta, não há pretensões de que esta organização tenha um caráter definitivo.

No que se refere especificamente ao manuscrito *Phonétique*, este é composto por cinco cadernos: neste material, é possível encontrar folhas em branco entre as anotações, assim como folhas cuja escritura limita-se a apenas um dos lados do papel; estas circunstâncias acabam por quebrar a continuidade das anotações de Saussure – o que é compreensível tendo em vista que estes manuscritos são fruto de anotações privadas. Para

---

<sup>40</sup> Não temos à disposição o *fac-símile* dos documentos e, por isso, pode-se dizer que o material sofreu uma intervenção mínima, já que rasuras, escritas marginais, brancos e referências de orientação das páginas precisaram ser adaptadas na transferência dos escritos de Saussure do manuscrito para a versão digitada. Em algumas citações do manuscrito, optamos por manter a disposição gráfica escolhida por Saussure – o que ocorre quando o texto não encontra-se organizado de forma linear ou formatada conforme estamos habituados.

se ter uma ideia, contando apenas o manuscrito *Phonétique*, pesquisadores têm acesso a 177 páginas de anotações inéditas, todas compartilhando a mesma questão de base: o aspecto fônico da língua. Marchese chega a perguntar-se sobre a gênese do manuscrito: qual a razão da investida de Saussure em produzir tantos escritos sob o título de *phonétique*? A hipótese é a de que a motivação seria a de responder às críticas de Osthoff ao *Mémoire*:

È probabile che proprio nell' '83 Saussure, riprendendo in mano quanto aveva scritto di argomento fonético, dopo il *Mémoire* e la tesi di dottorato (cioè negli anni '81-'82), abbia cominciato a organizzare concretamente questo suo trattato di fonética indoeuropea come proseguimento del *Mémoire*, scrivendo, tra l'altro, il piano generale dell'opera contenuto nel f. 8r del primo quaderno e dando sfogo, soprattutto nel quinto quaderno, alla sua acredine verso Osthoff (MARCHESE, 1995, p.XVI).<sup>41</sup>

Sendo ou não esta a motivação, o que nos interessa é especialmente ressaltar a importância do aspecto sonoro na reflexão saussuriana a partir dos manuscritos, a fim de que seja possível retomarmos o corpus saussuriano por uma perspectiva menos percorrida. No *Curso*, por exemplo, a discussão explícita sobre fonética/fonologia é feita em um apêndice, como se esta parte não fosse central ou não exercesse um papel tão importante como outros conceitos promovidos pelos cursos de Saussure. No entanto, é possível encontrarmos numerosos escritos do linguista que desautorizam esta leitura. Propomo-nos, em razão disto, a elencar excertos do *Phonétique* que sublinham o lugar que o estudo do aspecto fônico ocupa na ordem de sua reflexão geral sobre a língua.

Conforme apontamos acima, a edição do *Curso* dá aos leitores a impressão de que há pouco lugar para os estudos em fonética e fonologia em Saussure, visto que a discussão está mais circunscrita ao capítulo “A Fonologia” e ao apêndice “Princípios de fonologia”; separação que, de certa forma, acaba por enfatizar uma divisão entre o que seriam discussões de ordem geral da língua em detrimento da fonologia da época. Isto não ocorre sem justificativa. Lemos, no prefácio à primeira edição francesa, a seguinte observação dos editores:

Nem tudo pode ser novo numa exposição assim vasta; entretanto, se princípios já conhecidos são necessários para a compreensão do

---

<sup>41</sup> “É provável que exatamente em 1883 Saussure, passando a limpo aquilo que tinha escrito do argumento de fonética, depois do *Mémoire* e a tese de doutorado (isto é, nos anos 1881-1882), tenha começado a organizar concretamente este seu tratado de fonética indo-europeia como continuação do *Mémoire*, escrevendo, entre outros, o plano geral da obra contido na folha 8 retro do primeiro caderno e extravasando, sobretudo no quinto caderno, sua acidez em direção a Osthoff” (MARCHESE, 1995, p.XVI, tradução nossa).

conjunto, querer-se-á censurar-nos por não havê-los suprimido? Dessarte, o capítulo acerca das mudanças fonéticas encerra coisas já ditas, e quiçá de maneira mais definitiva; todavia, além do fato de que *essa parte oculta numerosos pormenores originais e preciosos, uma leitura mesmo superficial mostrará o que a sua suspensão acarretaria, por contraste, para a compreensão dos princípios sobre os quais F. de Saussure assenta seu sistema da Linguística estática (Curso, p.4, grifos nossos).*

Podemos dizer de certa forma que nosso movimento de olhar mais de perto para o manuscrito *Phonétique* dá-se por razões similares, visto que, à época da primeira edição do *Curso*, os estudos em fonética e fonologia já eram considerados um tanto que estabelecidos. Quem dirá depois de mais de 100 anos de sua publicação? Por quê retomar estes escritos, de uma disciplina já estabelecida há anos pela linguística moderna? Acreditamos nas preciosidades, muitas vezes minuciosas, do pensamento do mestre genebrino, que lançou um olhar singular ao aspecto fônico na língua.

É importante nos fazermos algumas perguntas: o que pode-se entender como *fonética* a partir de Saussure? Leremos um manuscrito sobre a descrição fisiológica dos sons das línguas? Este manuscrito pode ser considerado como condizente com a proposta saussuriana em geral ou é uma discussão ultrapassada? A primeira pergunta abarca as duas seguintes e é a partir dela que pretendemos refletir sobre o lugar do manuscrito *Phonétique* para a compreensão do papel que aspecto sonoro ocupa em Saussure e, por conseguinte, o lugar que a noção de ouvinte pode tomar nos estudos da língua.

### 3.1 Fonética e fonologia a partir de Saussure

O que entende-se hoje por fonética? Podemos dizer que é a parte da linguística que se ocupa dos sons da fala – tanto do ponto de vista da realização e produção como da recepção e percepção – ou seja, a fonética tem como objeto o aspecto concreto, material da língua: os elementos mínimos – os *fonemes* – produzidos e percebidos na realização da cadeia falada. A fonologia, por outro lado, tem como objeto os *fonemas*, produtos da abstração da materialidade sonora para que se possa pensar a unidade a partir do jogo das relações e valores no sistema da língua.



O que hoje conhecemos como fonética e fonologia, no entanto, não é equivalente ao que se poderia entender no tempo em que se dava a produção do linguista genebrino.

Para Simon Bouquet,

A atual distinção terminológica não existe portanto nos textos saussurianos – apesar de haver neles uma discussão terminológica de *fonética* e *fonologia* (2.39.3319.2 *NI*) -; o emprego que ele faz de *fonética* e *fonologia* seja talvez o inverso do uso atual (Bouquet, 2000, p.96).

Já para Badir, apenas inverter os dois conceitos acabaria por simplificar a questão, e observa:

La phonétique est, à l'époque de Saussure, une science historique; la phonologie est, quant à elle, en dehors du temps: pas même synchronique, mais achronique, puisque'elle se consacre à un phénomène universel et immuable – l'articulation phonatoire<sup>42</sup> (BADIR, 2012, p.21).

Segundo essa lógica, a fonologia diferencia-se da fonética na medida em que aquela não dá lugar ao “psíquico”, visto que “la phonologie saussurienne est une physiologie des sons dont la tâche est de décrire les mouvements phonatoires<sup>43</sup>” (Ibidem, p.19). A fonética tampouco se ocupa das diferenças no sistema linguístico, visto que seu ponto de vista é o da diacronia. A partir de qual perspectiva, então, Saussure colocaria a questão do “som” na língua? Nem da fisiologia, nem da diacronia. Pensamos que a proposta de Saussure buscava ultrapassar estes dois pontos de vista, na medida em que colocava a problemática *entre* as duas metodologias predominantes.

Sem excluir o aspecto motor, mas também sem debruçar-se sobre ele isoladamente; sem desconsiderar as mudanças fonéticas, mas não tomando-as como foco: Saussure procurava partir de um método de análise muito próximo ao que hoje conhecemos sob o nome de *Fonologia*, ainda não estabelecido como tal. Em síntese: não concordamos com a ponderação de Bouquet sobre a inversão dos significados dos termos “fonologia” e “fonética” que teria se dado entre a época de Saussure e a atual; além disso, ressaltamos que, a partir das próprias anotações do linguista, seria ingenuidade acreditar que Saussure não considerava o aspecto sonoro a partir das relações do sistema linguístico: defendemos que as considerações de Saussure transcendiam o que se tomava por objeto de estudos seja da fonética ou da fonologia, com base, especialmente, na

---

<sup>42</sup> “A fonética é, na época de Saussure, uma ciência histórica; a fonologia está, por sua vez, fora do tempo: nem mesmo sincrônica, mas acrônica, já que ela se dedica a um fenômeno universal e imutável – a articulação fonatória”. (BADIR, 2012, p.21, tradução nossa).

<sup>43</sup> “a fonologia saussuriana é uma fisiologia dos sons cuja tarefa é descrever os movimentos fonatórios” (Ibidem, p.19, tradução nossa).

adoção de um olhar sincrônico do aspecto fônico da língua – o que caracterizaria uma *fonética semiológica*<sup>44</sup>.

Conforme Eliane Silveira, “Para que se chegasse à fonologia foi necessário o trabalho realizado por Saussure que delinea a materialidade e o funcionamento do significante na língua” (SILVEIRA, 2003, p.52). O que interessa ao linguista é o som – ou melhor, o consagrado *fonema* – tomado no seio do sistema, a partir da perspectiva do valor que os fonemas assumem na língua. Ou seja, conforme a terminologia descrita por Saussure, seu método não se trata nem de fonologia (acrônica) nem de fonética (diacrônica): o linguista genebrino vislumbrara, como não é de se estranhar, uma “fonética sincrônica”<sup>45</sup>.

### 3.1.1 O concreto e o abstrato

No artigo “Le concret et l’abstrait dans la phonétique de Saussure”, Sémir Badir propõe-se a comparar os usos dos termos *concreto* e *abstrato* no corpus saussuriano, a fim de melhor compreender estes conceitos e sua relação com os estudos do linguista. O pesquisador acaba por mostrar que o concreto e o abstrato são *dois lados de uma mesma moeda* – não nos deixemos enganar, porém, associando o concreto ao significante e o abstrato ao significado. Conforme Badir, é possível perceber que há “une opposition paradigmatiche entre le concret et l’abstrait” (BADIR, 2012, p.16)<sup>46</sup> – oposição que não é excludente. Badir faz o seguinte questionamento: “Si l’abstrait est ce qui n’est pas linguistique, est-ce à dire que ce qui est linguistique est toujours et seulement concret?”<sup>47</sup> (Ibidem, p.16). Se tomarmos as massas amorfas de Saussure (cf. *fig.6*), chega-se à conclusão de que não é possível dizer que o que é linguístico é *sempre e somente* concreto: a própria existência do fato de língua está no encontro das duas massas amorfas – a da *abstração* do pensamento e a da *concretude* da materialidade sonora.

Para os leitores familiarizados com o corpus dos textos do linguista genebrino, é curioso que a linguística proposta por Saussure tenha dado ecos a uma linguística que faz

<sup>44</sup> Saussure faz uso da expressão *phonétique sémiologique* em *Phonétique* (p.120).

<sup>45</sup> O que chamamos aqui de “fonética sincrônica” não é um termo utilizado nem por Ferdinand de Saussure nem por Sémir Badir. Esta expressão serve apenas como forma de melhor explicar o desenvolvimento do pensamento do linguista a partir do que era entendido na época como estudos em fonética e fonologia – termos que podem causar confusão, visto parecerem, à primeira vista, o contrário do que hoje sabemos sobre estas áreas da linguística – inversão que não nos dá a dimensão da singularidade da reflexão proposta por Ferdinand de Saussure.

<sup>46</sup> “uma oposição paradigmática entre o concreto e o abstrato” (BADIR, 2012, p.16, tradução nossa).

<sup>47</sup> “Se o abstrato é aquilo que não é linguístico, quer dizer que aquilo que é linguístico é sempre e somente concreto?” (Ibidem, p.16).

abstração do falante, como se este fosse um empecilho, um potencial transgressor das regras impostas pelo sistema da língua – sistema que, de acordo com o próprio Saussure, está eternamente sujeito a continuar e a mudar concomitantemente. Pensar que a língua são os falantes, longe de ser uma transgressão ao pensamento do mestre, não faz mais do que reiterar o lugar decisivo em que o falante se encontra na teoria saussuriana. A língua, como construção social, está à mercê dos falantes mas ao mesmo tempo é sua “amarra”. Querer simplificar o arcabouço teórico que Saussure foi construindo durante seus anos de pesquisa serve realmente apenas ao objetivo de didatizar seus ensinamentos em vida.

Grande parte da linguística pós-*Curso* enfatizou a abstração em detrimento do que se poderia considerar como “psíquico”, como se olhar para o aspecto material da língua devesse ser evitado. De acordo com François Dosse, por exemplo,

Saussure oferece uma interpretação da língua que a coloca resolutamente do lado da abstração para afastá-la do empirismo e das considerações psicologizantes. Funda assim uma nova disciplina, autônoma em relação às outras ciências humanas: a lingüística. (DOSSE, 2007, p. 82).

Esta, porém, é uma leitura do Saussure que conheceu-se a partir das interpretações do *Curso*. Tanto ocupou-se de expulsar a materialidade da língua que acabamos por conhecer uma linguística cuja existência seria independente do fato concreto – ponto crucial para se pensar a própria abstração e o caráter semiológico da língua. O próprio movimento – visto nos *Escritos* – de diferenciar o que seria puro som do que seria significante exerce um importante papel para a compreensão da natureza do signo linguístico. Saussure não opera uma cisão entre o abstrato e o concreto, mas os vê na sua relação de complementaridade:

La création de l’objet linguistique ne se fait pas toutefois *ex nihilo*: elle s’enracine dans l’observation des faits concrets de la parole. La langue, avant que d’être historique ou sociologique, est essentiellement un phénomène psychique, et en cela elle présente une réalité tangible. Mais cette réalité ne peut pas être atteinte directement. Elle peut être saisie que selon un point de vue, point de vue spécifique à son analyse, que le linguiste exerce sur les données concrètes de la parole (BADIR, 2012, p.19).<sup>48</sup>

Olhar para os dados concretos da fala é fundamental, portanto, para o estudo sincrônico. Como brilhantemente lembrou Tullio de Mauro (1972, p.402), Saussure não

---

<sup>48</sup> “A criação do objeto linguístico, no entanto, não se faz *ex nihilo*: ela está enraizada na observação de fatos concretos da fala. A língua, antes de ser histórica ou sociológica, é essencialmente um fenômeno psíquico, e, nisso, ela apresenta uma realidade tangível. Mas esta realidade não pode ser atingida diretamente. Ela só pode ser apreendida conforme um ponto de vista, ponto de vista específico para sua análise, que o linguista exerce sobre os dados concretos da fala”. (BADIR, 2012, p.19, tradução nossa).

é um pesquisador nem de dogmas, nem de empirias: o linguista coloca-se *entre* estes dois posicionamentos, contraditórios apenas na aparência. O *caminho intermediário* entre o que podemos tomar como o abstrato e o concreto é o percurso de pesquisa representado pelas abelhas descritas no trabalho de Francis Bacon:

Those who have handled sciences have been either men of experiment or men of dogmas. The men of experiment are like the ant, they only collect and use; the reasoners resemble spiders, who make cobwebs out of their own substance. But the bee takes a middle course: it gathers its material from the flowers of the garden and of the field, but transforms and digests it by a power of its own. (BACON, 2014, cap.XCV)<sup>49</sup>

Bacon não escrevia sobre as ciências da linguagem, mas sua analogia pode ser deslocada, como o fez Tullio de Mauro, para que nos questionemos um momento sobre as relações de complementaridade que aparecem de forma insistente no pensamento saussuriano, além de refletirmos, certamente, sobre o papel do dado concreto na relação com a abstração tão enfatizada em vistas da lógica sistemática da língua. Podemos pensar que as flores do jardim seriam o aspecto fônico tomado a partir do *som* que serve de matéria ao significante; esta matéria, no entanto, não é tomada por ela mesma: ela será transformada pelo poder semiológico da língua, e, de puro som, passará a fazer parte de um sistema de valores opositivos e relativos uns aos outros.

A partir desta perspectiva, acreditamos que a noção de sistema linguístico fortalece o ponto de vista da abstração, mas isto de forma alguma exclui a necessidade do fato material para que a análise da língua seja possível. Claudine Normand, em um de seus textos, questiona: “Como apreender essa materialidade que o jogo de xadrez, comparação de lógico que reduz a língua a uma forma vazia, não pode considerar?” (NORMAND, 2014, p.92). A pesquisadora chama a atenção para o fato de que a questão do corpo é uma “*lacuna, um excluído do Curso*” (Ibidem, p.94), em decorrência de alguns apagamentos operados no *Curso* apontados por ela:

Os editores parecem resolver a questão mantendo apenas a afirmação reiterada do caráter incorpóreo das duas partes constitutivas do signo, inclusive do significante (...) ao passo que as fontes falam apenas do caráter ‘secundário’ do som e atribuem somente o predicado ‘incorpóreo’ às próprias entidades, aos valores, cuja ideia e som são os elementos (NORMAND, 2014, p.93).

---

<sup>49</sup>“Aqueles que lidaram com as ciências foram ou homens de experiência ou homens de dogmas. Os homens de experiência são como a formiga, eles só coletam e usam; os pensadores se assemelham a aranhas, que fazem teias de sua própria substância. Mas a abelha toma um curso intermediário: reúne seu material das flores do jardim e do campo, mas as transforma e as digere por um poder próprio” (BACON, 2014, cap.XCV, tradução nossa).

Para Herman Parret, o *apagamento do corpo* é “la condition *sine qua non* du *triomphe de la Méthode*, de la Science à venir, Science qui de par ses angoisses métaphysiques ne sera jamais”<sup>50</sup> (PARRET, p.8). O recurso à abstração, assim, permite ao linguista o afastamento das análises meramente fisiológicas e motoras para, finalmente, poder lançar um novo olhar sobre o aspecto sonoro: o ponto de vista sincrônico, que nada mais é, para nós, do que o ponto de vista do falante-ouvinte.

A tentativa de afastamento do que tradicionalmente vinha-se fazendo em linguística é um passo importante para que seja possível vislumbrarmos, desde as reflexões mais básicas sobre o som na língua, o papel da noção de sistema de relações e distinções que os fonemas operam em todas as línguas. Claro que o conceito de fonema, assim como os de fonética e fonologia, não estavam estabelecidos. Apesar disso, não podemos ignorar a riqueza da problematização de Saussure que, insatisfeito com as pesquisas acrônicas ou diacrônicas, procurava incansavelmente compreender o fenômeno linguístico a partir do seu funcionamento no seio da comunidade de falantes.

### 3.2 A Orelha<sup>51</sup> a partir do manuscrito *Phonétique*

O manuscrito *Phonétique* é dividido em cinco cadernos que abordam, por diversos caminhos, o rastro do som na língua. Por conseguinte, o linguista levará em consideração questões voltadas tanto ao aspecto fisiológico e motor – com vistas a pensar a produção do som – quanto ao fator acústico responsável por discernir o valor revestido pelo som no sistema linguístico. Devido às numerosas páginas destes escritos inéditos – 177 ao todo – não será possível apreciar os apontamentos exaustivamente. Sendo assim, coube a nós a difícil tarefa de selecionar trechos e excertos que melhor representam os objetivos da reflexão aqui proposta. Este recorte foi operado a partir de conceitos-chave que tocam direta ou indiretamente a questão do ouvinte na reflexão saussuriana. O ponto central será

---

<sup>50</sup> o apagamento do corpo é “a condição *sine qua non* do *triunfo do Método*, da Ciência por vir, Ciência que, por suas angústias metafísicas, nunca será” (PARRET, 2014, p.8, tradução nossa).

<sup>51</sup> Todas as ocorrências em francês do termo “oreille” foram traduzidas para “orelha” em português; optamos por este termo em decorrência de uma das suas definições, que aproxima-se da noção de “escuta” ou “percepção” sonora: “Ensemble de l'appareil auditif envisagé dans sa fonction de perception, d'identification des sons, de compréhension des messages sonores et *p. méton.* ouïe (OREILLE, 1994).

a análise das ocorrências do termo “orelha” e as consequências de seu uso na abordagem elaborada por Saussure.

O termo “orelha” está presente no decorrer dos escritos de Saussure em *Phonétique* e será interessante observarmos o contexto de cada ocorrência: encontram-se sintagmas como “julgamento da orelha” (p.30, 62) e “sentimento da orelha” (p.153); à orelha são associados verbos como “julgar” (p.90), “compor” (p.88), “decidir” (p.99), “distinguir” (p.229); são associados a ela outros termos importantes que se referem ao caráter da sensação acústica, como em “a distinção sendo demandada empiricamente à orelha” (p.29), “um ruído sensível à orelha” (p.48), “oposição sensível à orelha” (p.60), “a orelha conduz a separação das sílabas” (p.64), “a orelha permite definir a diferença” (p.73); e, finalmente, substantivos ou adjetivos como “diferença” (p.70, 90), “valor” (p.165), “identidade” (p.90) ou “idêntico” (p.90). A partir deste levantamento, foi possível notarmos alguns termos recorrentes em associação à posição de “ouvinte” e a sua relação com a percepção e delimitação das unidades linguísticas. Trilharemos este caminho com o intuito de, aos poucos, acompanharmos o raciocínio subjacente à teorização sobre a “fonética” apresentada pelo genebrino.

O manuscrito apresenta noções conhecidas pelos leitores da obra saussuriana, desde o *Curso* aos *Escritos*. Estas noções nos ajudarão a costurar a reflexão de Saussure – algumas vezes bastante reticente ou incompleta – com os conceitos fundantes da sua proposta sobre fazer linguística. Nos deparamos com trechos que colocam em discussão o tratamento *natural* que não raramente se dá a fatos criados a partir das análises empíricas; frequentemente, encontramos-nos em frente à palavra *feito*, como na expressão *feito acústico*; também vislumbramos conceitos-chave como *valor*, *presença e ausência*, *distinção e unidade*; tudo isto no entorno dos estudos que não ignoram o fato *material*, a *sonoridade* e seu papel operante no sistema linguístico. Saussure faz disso sua matéria de estudo e reflexão, criando, aos poucos, um método que parte da “empíria” para chegar à teorização, ao lugar dos valores no sistema, da consciência do falante-ouvinte das unidades pertencentes à língua.

Herman Parret, pesquisador belga e professor emérito da Universidade de Leuven, tem escrito e apresentado diversos trabalhos referentes ao corpus saussuriano, tendo, inclusive, publicado um livro intitulado *Le son et l'oreille* (PARRET, 2014). Sua produção teórica busca um olhar não-positivado da obra do linguista genebrino, em contraposição à leitura estruturalista nos anos 50/60 que vislumbrara a “morte do sujeito”; Parret procura, pois, um Saussure complexo e inquietante. O que nos chama atenção

particularmente são as questões que lidam com o aspecto concreto, com a matéria e corpo da língua. O pesquisador atem-se ao conceito de cadeia falada e sua relação com o sistema linguístico; para ele, é a cadeia da fala que move o sistema da língua “à chaque moment *singulier* de la réalisation discursive”<sup>52</sup> (Ibidem, p.8). Parret, a partir da discussão sobre a cadeia falada (*chaîne parlée*), leva-nos ao que chama a “Orelha-analista”: “Ce que les ciseaux de l’Oreille-analyste découpent, c’est le concret phonologique de ce ruban temporel”<sup>53</sup> (Ibidem, p.13).

A tesoura do falante-ouvinte está em uma busca frenética por recortar as materialidades ouvidas em signos linguísticos. A reflexão de Parret insiste no *corpo* da língua que serve de suporte material aos falantes:

Pour Saussure, le corps, figurativement, n’est qu’une Bouche en mouvement physiologique et une énorme Oreille. Le corps est dans la voix entre la bouche et l’oreille, c’est essentiellement la voix qui impressionne, sollicite l’oreille, à *la limite esthétiquement* (Ibidem, p.14)<sup>54</sup>.

O aspecto concreto da língua está colocado, assim, entre o movimento articulatório e a *impressão* acústica, representados, respectivamente, pela Boca e pela Orelha. A materialidade produzida a partir deste movimento articulatório *solicita* o ouvinte para que seja reconhecida como matéria significante da língua. Esta insistência no fato material feita por Parret pretende, de certa forma, dar conta da quase ausência da questão do corpo nos estudos linguísticos. Durante nossa leitura de *Phonétique*, procuraremos mostrar como as reflexões de Saussure associam o recorte de unidade e os aspectos concreto-abstrato com a noção de *orelha* presente no manuscrito.

No início de *Phonétique*, Saussure aborda principalmente a questão da oposição entre soante e consoante<sup>55</sup>, questão importante nos estudos em fonética do indo-europeu. O ponto de vista a partir do qual o linguista genebrino discute estes dois conceitos já mostra, aos poucos, a lógica do sistema de relações na língua: longe de tomar o fonema isoladamente, Saussure procurava vislumbrar o duplo papel que poderia ser representado por um mesmo fonema, papel que está na dependência dos elementos ao seu redor, na

<sup>52</sup> “a cada momento *singular* da realização discursiva” (Ibidem, p.8, tradução nossa).

<sup>53</sup> “O que as tesouras da Orelha-analista recortam é o concreto fonológico dessa fita temporal”. (Ibidem, p.13, tradução nossa).

<sup>54</sup> “Para Saussure, o corpo, no sentido figurado, é apenas uma Boca em movimento fisiológico e uma enorme Orelha. O corpo está na voz entre a boca e a orelha; é essencialmente a voz que ‘impressiona’, solicita a orelha, *ao limite estético* (Ibidem, p.14, tradução nossa).

<sup>55</sup> Após a publicação do manuscrito *Phonétique*, Marchese publicou a edição do manuscrito intitulado *Théorie des sonantes* em 2002.

cadeia falada. A função das soantes pode ser assumida tanto por vogais quanto por algumas consoantes, dependendo do efeito produzido no encadeamento dos fonemas. Em algumas passagens presentes neste manuscrito, Saussure faz uma crítica ao que considerava ser usual nos estudos fonéticos da época: a ausência ou a mínima presença das teorizações que levavam em conta a *chaîne parlée*<sup>56</sup>.

Se a lógica da língua é sistêmica, como querer classificar elementos isolados uns dos outros? O linguista defendia, assim, que se olhasse para as possibilidades de um mesmo elemento exercer um duplo papel, variável em relação aos elementos vizinhos. É o valor que está em jogo: “En effet tout dépend de ce qu’il plaira de regarder comme phonétiquement équivalent ou comme phonétiquement distinctif” (*Phonétique*, p.13)<sup>57</sup>. Conclui-se, assim, que a existência do som como fonema dá-se a partir do efeito de *diferença* produzido na cadeia falada: “Il n’y a phonème qu’autant qu’un effet acoustique sensible est produit.”<sup>58</sup> (Ibidem, p.24). Na introdução do manuscrito, Marchese aponta ao leitor a importância de diferenciar os usos de “fonema”, visto que pode fazer referência tanto ao termo técnico de uso corrente da época como também pode significar sinônimo de “som”:

resulta infatti evidente che già precocemente Saussure sente la difficoltà di un approcio che tenga conto del dualismo tra fenomeno acustico e atto articolatorio; e il ricorso al termine ‘unità’, che designerà poi un concetto fondamentale della semiologia saussuriana, emerge qui con una certa frequenza come sinonimo di ‘fonema’ per superare il disagio dell’uso della parola fonema nell’accezione codificata dall’indoeuropeistica dell’epoca (Ibidem, p.XXIII)<sup>59</sup>.

Saussure, nas suas anotações, não ignora o corpo: o fato fisiológico tem seu papel na descrição do som, mas não é o fim: “L’articulation seule est multiple. C’est en elle seule que peut donc résider le fait de la diversité des phonèmes, et leur individualité à chacun” (Ibidem, p.25)<sup>60</sup>. Esta individualidade dá-se na cadeia falada à medida que um

<sup>56</sup> Em uma das notas de sua obra, Bouquet observa: “Saussure não é o primeiro a tematizar o fato fonológico como fato psíquico (...). Edvard Sievers sustenta que os sons de uma língua devem ser concebidos como objetos abstratos” (BOUQUET, 2000, p.96); apesar disso, as referências de Saussure a Sievers apontam algumas ausências importantes nas suas considerações sobre o fonema, que pouco leva em conta o fonema da cadeia falada.

<sup>57</sup> “Na verdade, tudo depende do que for melhor ver como foneticamente equivalente ou como foneticamente distintivo”. (*Phonétique*, p.13, tradução nossa).

<sup>58</sup> “Somente há fonema quando um efeito acústico sensível é produzido” (Ibidem, p.24, tradução nossa).

<sup>59</sup> “Resulta de fato evidente que já precocemente Saussure sente a dificuldade de uma abordagem que contemple o dualismo entre fenômeno acústico e ato articulatório, e o uso do termo “unidade”, que designará depois um conceito fundamental da semiologia saussuriana, surge aqui com uma certa frequência como sinônimo de “fonema” para superar o desconforto do uso da palavra fonema na acepção codificada da indo-europeística da época” (Ibidem, p.XXIII, tradução nossa).

<sup>60</sup> “a articulação é múltipla. Somente nela pode residir, portanto, o fato da diversidade dos fonemas, e a individualidade de cada um”. (Ibidem, p.25, tradução nossa).



som se distingue do som subsequente. Sievers olhou muito pouco para o fonema na cadeia falada, e em decorrência disso sofre uma crítica do genebrino: “Sievers a étudié d’une part le phonème physiologique, d’autre part la chaîne phonétique, mais très peu le phonème dans la chaîne phonétique” (*Phonétique*, p.28)<sup>61</sup>. A proposta de Saussure é justamente superar este limite, visto que, para ele, a distinção entre uma consoante e uma soante demanda justamente a análise deste encadeamento – o que importa é o efeito cuja combinação dos fonemas na cadeia falada produz:

la distinction consonne voyelle en chaîne phonétique n’est pas qu’un même élément peut être consonne ou voyelle. Et les conditions générales étant inconnues, la distinction étant demandée empiriquement à l’oreille, on suppose toujours une chaîne phonétique déterminée. (*Phonétique*, p.29)<sup>62</sup>.

O valor de distinção “solicitado” ao falante-ouvinte é aquele possibilitado pela característica singular destas unidades da língua: a de *ser* tudo aquilo que os outros sons (os fonemas) *não são*. Quando o assunto são os *yamas*, os limites parecem ainda mais difíceis de serem estabelecidos. Para os hindus, *yamas*, ou “twins” (gêmeos), representam pares formados por uma consoante “muda” e uma nasal intercaladas na pronúncia – fato que traria um desafio à definição das fronteiras entre o início e o fim da sílaba (BRAIN, 1998, p.260). A descrição dos *Vedas* era baseada na experimentação da produção dos sons e na sua descrição a partir da *escuta*, o que gerara críticas por parte de fisiologistas. Segundo Brain, “The physiologists’ critique of ‘organic’ phonetic self-experiment centered on the limits of human hearing capacities” (Ibidem, 1998, p.261)<sup>63</sup>. O ideal de buscar-se ferramentas e aparelhos capazes de medir perfeitamente os aspectos da produção sonora, tornando-a visível e passível a cálculos matemáticos, vai na contramão do desejo por uma fonética sincrônica. O que interessa, na perspectiva saussuriana, não é a capacidade física da escuta, e sim a escuta do som como *significante* em um sistema linguístico determinado. Nesta passagem, o som como *significante* pode ser equiparado à expressão “um ruído sensível à orelha”:

L’ouverture pharyngo-vélaire incident qui se place à la limite de phonème non nasalisé et phonème nasalisé peut produire un bruit sensible à l’oreille qui aura naturellement le caractère d’une explosion

<sup>61</sup> “Sievers estudou, por um lado, o fonema fisiológico, por outro lado, a cadeia fonética, mas muito pouco o fonema na cadeia fonética”. (*Phonétique*, p.28, tradução nossa).

<sup>62</sup> “a distinção consoante vogal na cadeia fonética não significa que um mesmo elemento pode ser consoante ou vogal. As condições gerais sendo desconhecidas, e a distinção sendo requerida empiricamente pela orelha, supõe-se sempre uma determinada cadeia fonética”. (*Phonétique*, p.29, tradução nossa).

<sup>63</sup> “A crítica dos fisiologistas sobre o experimento fonético ‘orgânico’ centrou-se nos limites da capacidade humana da audição” (BRAIN, 1998, p.261, tradução nossa).

mais seulement dans les conditions très spéciales qui vont être constituées (*Phonétique*, p.48).<sup>64</sup>

Quando o ouvinte não é capaz de fazer o recorte entre um tempo e outro na cadeia falada, não há produção de sentido. Se, como afirma o linguista, “Il n’y a jamais une opposition sensible à l’oreille entre implosion et stase” (Ibidem, p.60)<sup>65</sup>, esta passagem do encadeamento fonético não possui valor linguístico.

A separação em sílabas também será demandada à “orelha” do falante: “Quand on prononce affa, l’oreille place la séparation des syllabes entre les deux f; or ceux-ci sont produits par un souffle sans la moindre discontinuation” (Ibidem, p.64); “il est simplement fait appel au jugement de l’oreille” (Ibidem, p.62)<sup>66</sup>. Apenas o falante-ouvinte é capaz de recortar as unidades da língua a partir do seu valor fonológico. O ouvinte fará a separação de sílaba conforme as unidades linguísticas reconhecíveis. Lembremos o famoso exemplo de recorte de unidade apresentado no *Curso*: “Si je l’apprends” ou “si je la prends” – estes são os recortes possíveis conforme o sentimento de identidade do falante-ouvinte. Em unidades menores o mesmo ocorre: “Dans *abmba* il y a implosions apposées sans abduction et sans interruption d’émissions. L’oreille seule ici permet de définir la différence entre file implosive et apposition.” (Ibidem, p.70).<sup>67</sup>

De acordo com o manuscrito, a espécie fonética está fundamentada na combinação: “aucun facteur seul ne suffit à la déterminer” (Ibidem, p.74)<sup>68</sup>, e, para que esta seja definida, é preciso uma “détermination physiologique de l’espèce” (Ibidem, p.73)<sup>69</sup>. A partir disto, pode-se pensar na espécie fonética como o fonema, sendo a determinação fisiológica o fone. O que é “indecomponível” para a orelha representa uma unidade linguística: “Ce qui peut se prononcer dans un temps indécomposable pour l’oreille comme base de sous-espèce.” (Ibidem, p.73)<sup>70</sup>. No decorrer dos seus escritos,

<sup>64</sup> “A abertura faríngeo-velar incidente que se localiza no limite do fonema não nasalizado e fonema nasalizado pode produzir um ruído sensível à orelha que terá naturalmente o caráter de uma explosão, mas apenas em condições muito especiais, que serão constituídas”. (Ibidem, p.48, tradução nossa).

<sup>65</sup> “Nunca há uma oposição sensível à orelha entre implosão e estase”. (Ibidem, p.60, tradução nossa)

<sup>66</sup> “Quando se pronuncia affa, a orelha coloca a separação das sílabas entre os dois f; porém, estes são produzidos por um sopro sem qualquer interrupção” (p.64); “simplesmente apela para o julgamento da orelha”. (Ibidem, p.62, tradução nossa).

<sup>67</sup> “Em *abmba*, há implosões apostas sem abdução e sem interrupção de emissões. Somente a orelha permite, aqui, définir a diferença entre fila implosiva e aposição”. (Ibidem, p.70, tradução nossa).

<sup>68</sup> “nenhum fator sozinho é suficiente para determiná-la”. (Ibidem, p.74, tradução nossa).

<sup>69</sup> “determinação fisiológica da espécie” (Ibidem, p.73, tradução nossa)

<sup>70</sup> “O que pode ser pronunciado em um tempo indecomponível para a orelha como base de subespécie” (Ibidem, p.73, tradução nossa).

Saussure nos apresentava com ao menos três listagens cuja proposta é oferecer definições de fonema. Apresentaremos aqui uma delas:

Phonème = soit le jeu simultané  
dans sa complexité  
= soit la résultante acoustique de tous les facteurs requis pour  
une espèce phonétique par opposition aux différents facteurs considérés  
isolément” (Ibidem, p.73).<sup>71</sup>

Eis o fonema na perspectiva da “théorie de l’enchaînement des phonèmes” (Ibidem, p.73)<sup>72</sup>: a unidade considerada no seio do sistema, no *jogo* das identidades e valores da língua, tomada como unidade *acústica* na produção da cadeia falada. Conforme vimos acima, nenhum fator isolado é capaz de determinar a espécie fonética. Fora da sua combinação no jogo dos sons da língua, o fonema não atinge o estatuto semiológico. Como escreve Saussure, “Les différences seules sont l’objet de notre recherche; le groupement de phonèmes similaires non” (Ibidem, p.77)<sup>73</sup>. Novamente, encontramos outra lista de definições de *fonema*:

Phonème. 1° = Son de la parole par opposition à toute espèce de son.  
2° État de la parole, opposé aux sons partiels, aux éléments  
dont il peut être composé: Z est un phonème, mais ni le son laryngien  
ni le son strident qui s’y distinguent à l’origine ne sont des phonèmes.  
Si le phonème est un son composé pour notre oreille, [  
Étant donné un bruit on ne sait pas s’il pourra être phonème (Ibidem,  
p.88)<sup>74</sup>.

Há muita flutuação terminológica nos escritos de Saussure, por isso é importante estarmos atentos aos usos de termos, ao contexto e ao objetivo do texto, visto que eram escritos particulares, que não foram publicados pelo linguista. Conforme já discutimos, os conceitos não estavam bem estabelecidos no tempo em que Saussure escrevia, apesar de já haver, certamente, definições de fonema. Como trata-se de um texto de estudos do linguista, vê-se em inúmeras partes a sua preocupação com a nomenclatura utilizada, além dos casos em que ele propõe-se a reformular conceitos a partir de um novo ponto de vista.

---

<sup>71</sup> “Fonema = seja o jogo simultâneo em sua complexidade / = seja o resultante acústico de todos os fatores necessários para uma espécie fonética, por oposição aos diferentes fatores considerados isoladamente”. (Phonétique, p. 73, tradução nossa).

<sup>72</sup> “teoria do encadeamento dos fonemas” (Ibidem, p.73, tradução nossa).

<sup>73</sup> “Somente as diferenças são objeto de nossa pesquisa; o agrupamento de fonemas similares, não”. (Ibidem, p.77, tradução nossa).

<sup>74</sup> “Fonema. 1° = Som da fala em oposição a qualquer espécie de som. / 2° Estado da fala, oposto aos sons parciais, aos elementos com os quais pode ser composto: Z é um fonema, mas nem o som laríngeo, nem o som estridente, que originalmente aí se distinguem, são fonemas. Se o fonema é um som composto para nossa orelha, [ / Diante de um ruído, não sabemos se ele poderá ser fonema” (Ibidem, p.88, tradução nossa).

Na passagem acima, é possível identificar no mínimo duas instâncias sobre as quais estariam a definição de “fonema”. Na primeira ocorrência, fonema é equiparado ao *som da fala em oposição a toda espécie de som*. Aí, temos o “fonema” definido como o *fone* na linguística hoje; a segunda definição aponta para o fato de que o fonema é um *estado da fala* – e este paralelo permite-nos dizer que fonema, assim, precisa ser um som *linguístico* (ou seja, não é simplesmente um som que poderia ser definido como *ruído* ou *barulho*), som utilizado por falantes. A “orelha” é citada nesta passagem como responsável por *compor* o fonema: nos permitimos dizer que o falante-ouvinte, assim, exerce dois papéis – o de diferenciar os sons linguísticos dos não-linguísticos e o de opor os sons pertencentes a uma língua. Para que a “orelha” *perceba* um som como significativo não importa a sua duração na cadeia falada: o que interessa é que esse som *vale* para a língua e se diferencia dos que o antecedem e o precedem na cadeia: “il est clair que ce qui n’a pas pu se traduire à la sensation à cause de son infime durée est exclu d’emblée” (Ibidem, p.90).<sup>75</sup>

Mais adiante, nos deparamos com uma terceira enumeração de definições de fonema:

phonème = toujours possibilité d’une valeur sémiologique  
 phonème = Oppositions acoustiques  
 phonème = Indivision du son dans le temps – résultant de ressemblance relative  
 phonème = Totalité du son perçu de moment en moment  
 phonème = Impression pouvant être directrice de la volonté (on n’ordonne pas la sonorité comme telle, on l’ordonne comme devant concourir à un phonème déterminé) (Ibidem, p.90-91).<sup>76</sup>

Fonema como possibilidade de *valor semiológico, oposições acústicas*: o que em algumas passagens parece confundir-se com som ganha um estatuto de *signo linguístico*. Um manuscrito como o *Phonétique* permite aos leitores acompanharem uma trajetória de pensamento que busca constantemente questionar o que já era estabelecido, assim como questionar-se a si mesmo, na medida em que nos deparamos com tentativas de definições, perguntas e incansáveis reflexões sobre as unidades da língua. A sonoridade importa na medida em que “concorre” a um som com valor para a língua, enquanto ela é *percebida*

<sup>75</sup> “É claro que o que não se pôde traduzir à sensação devido a sua ínfima duração é excluído do conjunto” (Ibidem, p.90, tradução nossa).

<sup>76</sup> “fonema = sempre possibilidade de um valor semiológico / fonema = Oposições acústicas / fonema = Indivisão do som no tempo – resultante de semelhança relativa / fonema = Totalidade do som percebido de momento a momento / fonema = Impressão que pode ser diretriz da vontade (não organizamos a sonoridade como tal, nós a organizamos como tendo que convergir para um determinado fonema)” (Phonétique, p.90-91, tradução nossa).

como sendo um fato semiológico e não simplesmente fisiológico ou motor. A definição de *linguagem* associa-se diretamente com as reflexões sobre o aspecto fônico da língua: “Le langage se compose d’un système d’oppositions acoustiques et même la prolongation d’un élément n’est pas là pour aider à caractériser un ensemble de sons, un mot, mais pour donner un élément d’oppositions de plus” (Ibidem, p.91)<sup>77</sup> – o fonema é o que ele *vale*.

O caráter semiológico do fonema é fortemente ressaltado nesta passagem do manuscrito. A delimitação das unidades é negativa (eis o princípio de que um fonema é o que os outros não são) e apenas ocorre após a *delimitação acústica* realizada na cadeia falada pelo ouvinte: “Délimitation au nom de la sémiologie du phonème (negative seulement) et ne venant qu’après la délimitation acoustique” (Ibidem, p.91)<sup>78</sup>.

Há uma divisão entre fenômeno fisiológico e fenômeno acústico no manuscrito saussuriano. O fisiológico lida com os aspectos do aparelho fonador e seus movimentos, enquanto que o acústico trata do lugar de falante-ouvinte, da percepção semiológica do som. Estes “dois lados” não são excludentes: “Ni l’acte physiologique ni la sensation ni le phénomène physique intermédiaire en lui-même, mais [” (Ibidem, p.97); e continua: “Phonème = le phénomène intermédiaire considéré à la fois dans son rapport avec la sensation et avec l’acte physiologique”<sup>79</sup> (Ibidem, p.97)<sup>80</sup>. O fonema fica definido entre o aspecto fisiológico e o da sensação acústica percebida pelo falante-ouvinte.

Outro termo cuja ocorrência chama a atenção no manuscrito – e que aparece nas discussões relacionadas à cadeia da fala, fonema e orelha – é *chaînon*:

Chaînon: espace de son ayant pour limite initiale et pour limite finale, ou un silence, ou un son que l’oreille ne juge pas identique avec lui. Ce n’est pas la durée de cet espace; quand même il serait très court, il n’y aurait pas zéro. C’est absolument le caractère propre par rapport à ce qui précède et qui suit qui fixe les limites des chaînons (Ibidem, p.90)<sup>81</sup>.

<sup>77</sup> “A linguagem se compõe de um sistema de oposições acústicas e até mesmo a prolongação de um elemento não está lá para ajudar a caracterizar um conjunto de sons, uma palavra, mas para dar um elemento de oposições a mais”. (Ibidem, p.91, tradução nossa).

<sup>78</sup> “Delimitação em nome da semiologia do fonema (negativa somente) e que só vem após a delimitação acústica”. (Ibidem, p.91, tradução nossa).

<sup>79</sup> “Fonema = o fenômeno intermediário considerado concomitantemente na sua relação com a sensação e com o ato fisiológico” (Ibidem, p.97, tradução nossa).

<sup>80</sup> “Nem o ato fisiológico, nem a sensação, nem o fenômeno físico intermediário em si, mas [” (p.97); e continua: “Fonema = o fenômeno intermediário considerado, ao mesmo tempo, em sua relação com a sensação e com o ato fisiológico”. (Ibidem, p.97, tradução nossa).

<sup>81</sup> “Elo: espaço de som tendo como limite inicial e como limite final, ou um silêncio, ou um som que a orelha não julga idêntico a ele. Não é a duração desse espaço; ainda que fosse muito curto, não haveria zero. É absolutamente o caráter próprio em relação ao que precede e ao que segue que estabelece os limites dos elos”. (Ibidem, p.90, tradução nossa).

A partir desta noção, é possível pensar no papel da materialidade sonora considerada como ponto de partida, mas que ultrapassa as fronteiras do dado concreto ao adentrar o fato semiológico: o recorte da unidade linguística é feito ou pelo silêncio, ou tendo como ponto de corte a fronteira entre sons que *a orelha não julga* serem idênticos entre si. Teria a noção de *chaînon* o papel de olhar para os limites da delimitação das unidades na cadeia falada para além do fato material, já com vistas à abstração necessária para lidar com a identidade e não-identidade linguística? Acreditamos que este “elo” que liga os sons na cadeia falada poderia ser tomado como um embrião da ideia de fonema como signo, visto a importância da não-identidade do som com os que o antecedem e sucedem na cadeia falada para que seja estabelecido o recorte da unidade: “Le fait phonétique nous étant à son tour donné par la sensation auditive, c’est d’après cette dernière seule que nous fixons les actes phonatoires”<sup>82</sup> (Ibidem, p.98). Cabe ao ouvinte, assim, delimitar e atribuir valor de identidade e diferença a partir da percepção dos sons da língua:

L’oreille ne peut naturellement décider que les ressemblances, identités et différences des perceptions. Ce ne sont pas les perceptions, mais leurs causes qui sont dans une dépendance mutuelle ou peut être supposée y être.<sup>83</sup> (Ibidem, p.99).

Mais adiante, o linguista sublinha que “les seules unités rationnelles qu’on puisse établir en prenant exclusivement la perception pour point de départ, ce sont les unités indivisibles”<sup>84</sup> (Ibidem, p.100), ou seja, o ouvido é capaz de reconhecer as menores unidades significativas da língua; por fim, afirma que “L’unité phonétique correspond à l’unité acoustique.”<sup>85</sup> (Ibidem, p.100) – o que é determinante é o efeito acústico. Daí, podemos concluir que a unidade acústica é a unidade *percebida* pelo falante-ouvinte, e Saussure adverte: “il ne fait pas tomber dans l’illusion de croire que nous partons de la donnée mécanique pour connaître les unités phonétiques” – é o fato *acústico* o único responsável por fazer distinção – “Seulement on ne peut que nommer b si on le prend par le coté acoustique” (Ibidem, p.101)<sup>86</sup>.

---

<sup>82</sup> “Visto que o fato fonético, por sua vez, nos é dado pela sensação auditiva, é somente de acordo com esta última que estabelecemos os atos fonatórios”. (Ibidem, p.98, tradução nossa).

<sup>83</sup> “A orelha somente pode, naturalmente, decidir as semelhanças, identidades e diferenças das percepções. Não são as percepções, mas suas causas que estão em uma dependência mútua ou deveriam estar”. (Ibidem, p.99, tradução nossa).

<sup>84</sup> “As únicas unidades racionais que se pode estabelecer tomando exclusivamente a percepção como ponto de partida são as unidades indivisíveis.” (Ibidem, p.100, tradução nossa).

<sup>85</sup> “A unidade fonética corresponde à unidade acústica” (Ibidem, p.100, tradução nossa).

<sup>86</sup> “Não caia na ilusão de acreditar que partimos do dado mecânico para conhecer as unidades fonéticas” – é o fato acústico o único responsável por fazer distinção – “somente podemos nomear b, se o tomamos pelo lado acústico” (Ibidem, p.101, tradução nossa).

A noção de “orelha” também está fortemente relacionada à busca de Saussure de considerar os elementos acústicos na cadeia falada (*chaîne parlée*), sem tomar como objeto elementos isolados do encadeamento ao qual pertencem:

Considérer la totalité des éléments acoustiques revient à distinguer les unités acoustiques successives: ce sont deux expressions du même point de vue. Ce n'est qu'une seule et même opération. C'est l'opération même de l'oreille pendant qu'elle perçoit le discours (Ibidem, p. 103)<sup>87</sup>.

Olhar para a *totalidade dos elementos acústicos* é tomá-los do ponto de vista do próprio ouvinte, que procura perceber as unidades no *discurso*. Qualquer operação que busque elementos isolados está *fora* da cadeia falada e estará fadada a tomar o aspecto sonoro simplesmente como fenômeno físico.

Como falantes-ouvintes de uma língua, seja a apreendida desde o balbúcio ou a que fomos expostos mais tarde, buscamos sempre o fato semiológico do aspecto sonoro, e jamais partimos, como falantes, do ato fisiológico ou motor. O que direciona a orelha do falante para o recorte das unidades linguísticas ouvidas (ou para sua própria produção) não seria a memória das sensações acústicas que produzem valor?

Le souvenir des sensations acoustiques est ce qui appelle les différents actes, et il n'y a pas de lien établi entre une fraction de la sensation acoustique et une partie de l'acte. *h* appelle un ensemble de mouvements (B) dont la fermeture des lèvres est une partie; et la fonction acoustique spécialement dévolue à cette partie n'entre point dans la pensée (Ibidem, p.106)<sup>88</sup>.

I. Étant donné un son parfaitement déterminé pour l'oreille, on peut, par expérience, fixer les conditions physiologiques nécessaires pour la production de ce son. On en dressera ainsi la formule physiologique d'un son. Cette formule une fois obtenue peut être substituée à la formule physique ou à la formule sensorielle que nous ne possédons pas. Il devient possible de faire abstraction du fait acoustique et de raisonner sur le fait physiologique sans crainte de passer involontairement à une autre entité phonétique, la même cause devant toujours avoir le même effet (Ibidem, p.113)<sup>89</sup>.

<sup>87</sup> “Considerar a totalidade dos elementos acústicos remete a distinguir as unidades acústicas sucessivas: são duas expressões do mesmo ponto de vista. É somente uma única e mesma operação. É a própria operação da orelha, enquanto percebe o discurso” (Ibidem, p.103, tradução nossa).

<sup>88</sup> “A memória das sensações acústicas é o que convoca os diferentes atos, e não há ligação estabelecida entre uma fração da sensação acústica e uma parte do ato. *h* convoca um conjunto de movimentos (B), cujo fechamento dos lábios é uma parte; e a função acústica, especialmente dedicada a esta parte, não entra no pensamento” (Ibidem, p.106, tradução nossa).

<sup>89</sup> “I. Dado um som perfeitamente determinado pela orelha, pode-se, por experiência, estabelecer as condições fisiológicas necessárias para a produção desse som. Assim se estabelecerá a fórmula fisiológica de um som. Essa fórmula, uma vez obtida, pode ser substituída pela fórmula física ou pela fórmula sensorial, que não possuímos. Torna-se possível se abstrair do fato acústico e pensar no fato fisiológico, sem medo de passar involuntariamente para outra entidade fonética, visto que a mesma causa deve sempre ter o mesmo efeito” (Ibidem, p.113, tradução nossa).

Estas passagens mostram, reiteradamente, como o aspecto fisiológico está ligado ao fato acústico se partimos do ponto de vista que olha para o *efeito* de identidade procurado. Como ouvintes de uma determinada língua, temos consciência de seus sons e dos valores atribuídos a cada um. Quando estamos analisando ou aprendendo outra língua, por outro lado, muitas vezes não temos conhecimento da “fórmula sensorial” do som que procuramos produzir. A descrição do aspecto fisiológico, neste sentido, será de grande valia para que possamos produzir um som primeiramente desconhecido – este ato fisiológico abrirá caminhos para que se crie uma memória do fato acústico. Conforme a passagem acima, o fato fisiológico torna possível a abstração do fato acústico, afirmação reforçada também nesta passagem:

Unité phonétique = unité acoustique de sensation  
du phénomène physique  
considérée conjointement avec le fait physiologique qui y donne naissance.  
(Ibidem, 117).<sup>90</sup>

Há uma passagem, inclusive, na qual Saussure nomeia uma *fonética semiológica*: “phonétique sémiologique: s’occupe des sons et des successions de sons existant dans chaque idiome en tant qu’ayant une valeur pour l’idée (cycle acoustico-psychologique)”. (*Phonétique*, p.120)<sup>91</sup>. Se esta fonética ocupa-se dos sons que têm um *valor* na língua, o que interessará ao fonólogo? De acordo com Parret, este levará em conta “l’*équivalence sémiologique*” (PARRET, 2014, p.55). O pesquisador sublinha a importância do falante na sua condição de ouvinte: “L’*oreille* est bien présente dans la phonétique sémiologique, non pas celle du physiologiste, mais l’oreille du sujet parlant et ‘analysant’ qui saisit les *saillances*” (Ibidem, p.57)<sup>92</sup>. O linguista, neste sentido, está lado a lado com o falante que é, não devendo projetar seu olhar para fora da relação semiológica entre som e sentido. Nesta direção, Parret observa:

Saisir un son comme une valeur, c’est contextualiser l’analysandum acoustique. Le physique est ce transcendant formel qui valorize l’acoustique – c’est bien pourquoi la phonétique sémiologique est une physico-acoustique (Ibidem, p.58-59)<sup>93</sup>.

<sup>90</sup> “Unidade fonética = unidade acústica de sensação do fenômeno físico, considerada conjuntamente com o fato fisiológico que nasce af”. (Ibidem, p.117, tradução nossa).

<sup>91</sup> “Fonética semiológica: se ocupa dos sons e das sucessões de sons existentes em cada idioma enquanto possuindo um valor para a ideia (ciclo acústico-fisiológico)” (*Phonétique*, p.120, tradução nossa).

<sup>92</sup> “A orelha está bem presente na fonética semiológica, não o do fisiologista, mas o ouvido do sujeito falante e ‘analísante’, que apreende as *saliências*”. (PARRET, 2014, p.57, tradução nossa).

<sup>93</sup> “Tomar um som como um valor é contextualizar o analysandum acústico. O físico é esse transcendente formal que valoriza o acústico – é exatamente por isso que a fonética semiológica é uma físico-acústica”. (Ibidem, 2014, p.58-59, tradução nossa)



Vê-se, assim, que a “fonética semiológica” não exclui o lugar do aparelho fonador, conforme é reforçado por Saussure: “L’appareil entier est foyer du phonème” (*Phonétique*, p.141)<sup>94</sup>.

Outra ocorrência do termo “orelha” aparece mais adiante, quando Saussure menciona novamente os *yamas*. Conforme vimos anteriormente, os *yamas* são sons pronunciados de forma intercalada (uma consoante muda e uma nasal), o que leva o linguista a questionar-se sobre o que seria efeito voluntário ou involuntário decorrente da produção: “il est evidente qu’il y a là des liens de cause à effet, un des phonèmes devant son existence à l’autre” (Ibidem, p.141)<sup>95</sup>. Para Saussure, é ilusório acreditar que todos os fatos fonéticos são voluntários na mesma proporção. Fosse assim, seria-nos possível analisar o aparelho vocal como se este operasse como uma máquina. Visto não ser o caso, Saussure considera que

Ce sont les faits plus ou moins volontaires, précisément ceux qu’on pourrait taxer de mécaniques, qui obligent de la mettre au nombre des termes en présence. L’étude des faits involontaires est le chapitre où il devient nécessaire de mettre en compte la volonté, parce qu’il faut qu’on voie de chaque acte particulier s’il est volontaire ou non, et dans ce dernier cas de quelle volonté il est l’indirecte conséquence. Indirecte avant, pour la logique non pour l’oreille (Ibidem, p.141).<sup>96</sup>

Não é indireto para a orelha porque para a orelha importa o efeito. Para o linguista, falar sobre um efeito desejado (*effet voulu*) leva em conta a sua presença na imagem acústica ser reproduzida: “Dites-vous d’un effet qu’il est voulu, cela signifie présent dans l’image à reproduire” (Ibidem, p.142)<sup>97</sup>. É ter ciência do som.

Na sequência dos escritos, a “orelha” é mencionada para que se reflita sobre os aspectos concreto e abstrato nos estudos em *Phonétique*:

Quand on parle de chaîne phonétique on a toujours en vue une chose concrète. Quand on parle d’un phonème isolé, on peut l’entendre d’une manière concrète ou d’une manière abstraite. Concrète s’il est conçu comme occupant une espace de temps. Abstraite si l’on ne parle que des caractères distinctifs, et si l’on classe (Ibidem, p.151)<sup>98</sup>.

<sup>94</sup> “O aparelho inteiro é abrigo do fonema”. (*Phonétique*, p.141, tradução nossa).

<sup>95</sup> “É evidente que há aí ligações de causa e efeito, visto que um dos fonemas deve sua existência ao outro”. (Ibidem, p.141, tradução nossa).

<sup>96</sup> “São os fatos, mais ou menos voluntários, precisamente aqueles que poderíamos taxar de mecânicos, que obrigam a colocá-la no número dos termos em presença. O estudo dos fatos involuntários é o capítulo em que se torna necessário levar em conta a vontade, porque precisamos saber, de cada ato particular, se ele é voluntário ou não; e, neste caso, de qual vontade ele é a consequência indireta. Indireta, antes de tudo, para a lógica e não para a orelha” (Ibidem, p.141, tradução nossa).

<sup>97</sup> “Diga um efeito que é desejado, isto é, presente na imagem a ser reproduzida”. (Ibidem, p.142, tradução nossa).

<sup>98</sup> “Quando se fala de cadeia fonética, tem-se sempre em vista algo concreto. Quando se fala de um fonema isolado, podemos entendê-lo de uma maneira concreta ou abstrata. Concreta, se for concebido como

Tendo isto em vista, Saussure considera que “Le temps est pour l’oreille ce que l’espace est pour la vue” (Ibidem, p.152)<sup>99</sup>. A cadeia fonética, ou cadeia falada, é sempre concreta do ponto de vista da sua existência na sucessão temporal; o fonema isolado pode ser tanto analisado do seu aspecto concreto – ponto e modo de articulação, por exemplo – como do seu aspecto abstrato – é o caso quando tomamos o fonema como espécie ou como classe, levando em conta apenas o que o torna distintivo das outras espécies. Podemos dizer que este é o objeto da fonologia hoje – o que está longe de significar que os objetos concreto e abstrato da fonética e da fonologia existem ou podem ser tomados de modo excludente.

Em outra passagem, Saussure enumera algumas formas pelas quais pode-se analisar os fatos acústicos e fisiológicos. Uma delas é considerar os fatos acústicos por si só: “1°. Faits acoustiques en eux-mêmes, sans sortir de ce domaine. Aucune définition; sentiment de l’oreille” (Ibidem, p.153)<sup>100</sup>. O ponto de vista acústico é o ponto de vista do ouvinte, cujo papel é o de recortar os elementos fônicos em unidades da língua: o sentimento da orelha é o sentimento que o falante-ouvinte tem da sua língua, e esta “consciência” fundamenta-se não em atos fisiológicos ou motores, mas em imagens acústicas que conferem unidade, identidade e valor ao que poderia ser tomado apenas do ponto de vista físico-sonoro. Outra forma é a de tomar os *fatos fonéticos*, definição que abarca os fatos acústicos e fisiológicos na sua correspondência.

Saussure também afirma que se pode partir do fato fisiológico a fim de buscar o *valor fonético*:

Dans ce cas, étant donnée une combinaison de facteurs synchroniques, il y a trois questions à se poser:

1° a-t-elle un effet acoustique quelconque

2° si oui, est-il distinct de tout autre, c’est-à-dire dans quelle limite puis-je faire varier un facteur sans changer l’effet; ou: quel est le fait caractéristique dans chaque facteur car une combinaison différente est une combinaison d’effets différents.

3° quelle qualité le son a-t-il?

En partant de la sensation, comme la qualité est donnée, il est clair qu’on ne considère que ce qui a un effet acoustique et en même temps qu’on sait que l’effet est distinct.

---

ocupando um espaço de tempo. Abstrata, se somente se fala dos caracteres distintivos, e se os classificamos” (Ibidem, p.151, tradução nossa).

<sup>99</sup> “O tempo é para a orelha aquilo que o espaço é para a visão”. (Ibidem, p.152, tradução nossa).

<sup>100</sup> “1°. Fatos acústicos em si mesmos, sem sair desse domínio. Nenhuma definição; sentimento da orelha”. (Ibidem, p.153, tradução nossa).

(...) première intervention inévitable du contrôle de l'oreille” (Ibidem, p.154).<sup>101</sup>

Vemos nesta passagem a importância do *efeito acústico* a partir de fatores da sincronia, responsável por produzir *diferença* em relação aos outros elementos presentes (ou possíveis) na cadeia falada; percebe-se as bordas sutis que contornam estas unidades significantes, que, dependendo da variação, podem produzir um efeito de identidade ou diferença na percepção do falante-ouvinte. Conforme afirma o linguista, se partimos da sensação acústica, só podemos considerar o que produz valor distintivo. Na cadeia falada, a orelha só pode recortar as unidades a partir dos diversos efeitos acústicos distintos. Aqui, o que importará não é verificar a diferença a partir do aparelho fonador, mas sim o próprio *efeito significante* dos sons que chegam à orelha do falante, como é reforçado nesta passagem: “La connaissance des deux valeurs est donné directement par l'oreille (Ibidem, p.165)<sup>102</sup>. O ouvinte *percebe* os sons da língua a partir da *diferença* que estes produzem na cadeia falada, visto que o que dá sentido ao fonema é a sua própria diferença com todos os outros sons que pertencem à língua: como recortar unidade a partir da identidade, se é o efeito de diferença o responsável por delimitar o recorte entre uma e outra unidade da cadeia? Saussure insiste: “Le fait des deux valeurs est un fait donné; nous en avons la connaissance directe par l'oreille, sans qu'il y ait à faire appel à aucune autre notion” (Ibidem, p.165)<sup>103</sup>. O mesmo serve para a distinção entre sonante e consoante: “Ne désignent que le fait donnée par l'oreille” (Ibidem, p.169). Para Saussure, “L'oreille ne distinguant pas, à ce que nous croyons, un effet spécial d'implosion [” (Ibidem, p.229)<sup>104</sup>. O aparelho fonador, portanto, é o ponto de partida, mas o que determina é o “controle inevitável da orelha”. Se a orelha não faz distinção, a implosão neste contexto não tem valor de fonema.

---

<sup>101</sup> “Neste caso, dada uma combinação de fatores sincrônicos, há três perguntas a fazer: / 1º ela teria um efeito acústico qualquer / 2º se sim, ele seria distinto de qualquer outro, isto é, em qual limite eu poderia fazer variar um fator sem alterar o efeito; ou: qual é o fato característico em cada fator, pois uma combinação diferente é uma combinação de efeitos diferentes. / 3º qual qualidade o som teria? / Partindo da sensação, como a qualidade está dada, fica claro que somente se considera aquilo que tem um efeito acústico e, ao mesmo tempo, que se sabe que o efeito é distinto. (...) primeira intervenção inevitável do controle da orelha”. (Ibidem, p.154, tradução nossa).

<sup>102</sup> “O conhecimento dos dois valores é dado diretamente pela orelha” (Ibidem, p.165, tradução nossa).

<sup>103</sup> “O fato dos dois valores é um fato dado; temos o conhecimento direto disso através da orelha, sem precisar recorrer a qualquer outra noção”. (Ibidem, p.165, tradução nossa).

<sup>104</sup> “Somente designam o fato dado através da orelha” (Ibidem, p.169, tradução nossa). Para Saussure, “A orelha não distinguindo, naquilo que acreditamos, um efeito especial de implosão [” (Ibidem, p.229, tradução nossa).

### 3.2.1 O circuito da escuta

Estas valiosas passagens do manuscrito *Phonétique* nos possibilitaram refletir sobre a construção do pensamento saussuriano, particularmente no que se refere ao aspecto fônico da língua, a partir da retomada de excertos dos escritos que fazem referência à “orelha” do falante-ouvinte. A trajetória aqui proposta é uma das possíveis leituras deste rico material pertencente ao corpus de textos saussurianos. Grande parte destas considerações foram inspiradas inicialmente pelo próprio *Curso de Linguística Geral* e enriquecida com a retomada dos *Escritos* – leitura que encontrou ecos e fundamentação nestes apontamentos escritos há aproximadamente mais de 130 anos.

Encontrar um espaço que não só representa o falante como peça fundamental e indissociável da língua, mas que o coloca como o responsável por significar o que poderia ser apenas matéria fônica em signo é pensar os efeitos de sentido possibilitados apenas por um sistema semiológico extremamente rico, criativo e que está muito além de fórmulas intrínsecas, pensadas fora da perspectiva dos que *produzem, falam, significam* a língua.

Neste sentido, os estudos de Jacques Coursil<sup>105</sup> mostram-se singularmente interessantes. Na sua obra intitulada *La Fonction Muette du Language* (COURSIL, 2000), o estudioso aborda o que chama *função muda* da linguagem a partir da relação de diálogo entre falante e ouvinte. Acabamos por encontrar, neste conceito de Coursil, uma possibilidade para que seja possível representar o lugar da escuta no pensamento saussuriano, a partir do esquema do circuito da fala apresentado no primeiro capítulo deste trabalho (cf. *fig.12*):

---

<sup>105</sup> O estudo detalhado da obra de Coursil não é o objetivo do trabalho, entretanto, abre perspectivas para que o tema seja aprofundado em trabalhos futuros.

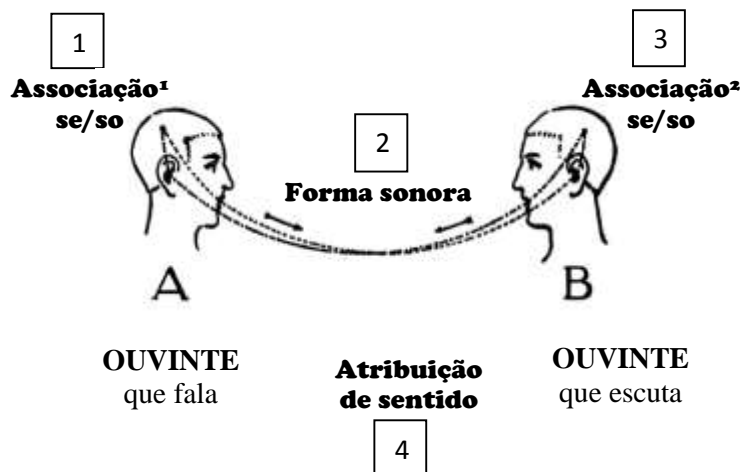


Figura 14 - descrição do circuito da fala baseada na leitura de Coursil

Para Coursil, a relação de diálogo é vista pelo viés da constância do ouvir, e não a partir do ponto de vista que dá somente à figura de falante um papel ativo. O estudioso ressalta: “parler présuppose la capacité d’entendre. Dans le dialogue, parler est un événement, et entendre, une constante” (Ibidem, p.7)<sup>106</sup>. O *Circuito da Fala* passa, assim, a *Circuito da Escuta*. Conforme o estudioso, a *função muda da linguagem* é esta experiência de língua que incide na constância do ouvir. Coursil oferece aos seus leitores uma outra perspectiva sobre a relação de diálogo que ressalta o papel de ouvinte para o sistema de relações entre sons e sentidos estabelecidos pela língua a partir da cadeia falada. Este ponto de vista acaba por se relacionar fortemente com as considerações de Parret:

l’oreille est-elle l’*analyste contextualisateur* sans imposer ses idiosyncrasies individuelles à l’univers sonore, elle n’est ni subjective ni objective. Elle detecte les ressemblances et les différences acoustiques contre cette horizon physique ambiant qu’est la *donation sonore*. Elle désobjectivise la chaîne sonore, elle désobjectivise la projection d’une ambiance (PARRET, 2014, p.63).<sup>107</sup>

Esta mudança de ponto de vista poderá ajudar-nos a melhor descrever e analisar o papel exercido pela “orelha” na percepção dos signos linguísticos, além de contribuir para o desenvolvimento de um pensamento sobre os *efeitos* operados pelo recorte das unidades da língua a partir da condição de ouvinte. Coursil e Parret insistem na experiência da

<sup>106</sup> “Falar pressupõe a capacidade de ouvir. No diálogo, falar é um evento, e ouvir, uma constante” (Ibidem, p.7, tradução nossa).

<sup>107</sup> “a orelha é o analista contextualizador, sem impor suas idiosincrasias individuais no universo sonoro; não é nem subjetiva, nem objetiva. Ela detecta as semelhanças e as diferenças acústicas contra esse horizonte físico ambiente que é a doação sonora. Ela dessubjetiviza a cadeia sonora, ela dessubjetiviza a projeção de uma ambiência”. (PARRET, p.63, tradução nossa).

escuta de uma maneira que marcadamente enfatiza a figura do ouvinte, seja pela “orelha” de Parret, seja pela pesquisa de Coursil à respeito da “função muda da linguagem”, que situa-se na esfera da *compreensão* linguística. Estas apreciações procuram resgatar o lugar do aspecto fônico na reflexão linguística que extrapola o ponto de vista da produção do falante.

Este paradigma faz com que o foco recaia na figura de ouvinte. Ao sublinhar a função muda da linguagem a partir da experiência constante do ouvir, Jacques Coursil sugere que passemos a considerar a relação de diálogo a partir de duas figuras marcadas pela função da escuta: o “ouvinte que fala” e o “ouvinte que ouve” – representados pelo esquema acima com base no circuito da fala de Saussure. Acompanhamos a posição de Coursil, entretanto, gostaríamos de propor uma pequena – e não por isso menos significativa – alteração: pensarmos o circuito da escuta a partir das figuras essenciais para que todo diálogo aconteça: **o ouvinte que fala e o falante que escuta**.

Acreditamos que esta mudança de perspectiva possa contribuir com a construção de um pensamento sobre a função do ouvinte a partir das teorias esboçadas por Ferdinand de Saussure, que tomam a existência linguística do aspecto sonoro pelo viés da delimitação das unidades pelos ouvintes-falantes. Sabemos que o linguista genebrino não construiu esta teoria; porém, é difícil fechar os olhos para a forte presença das suas considerações sobre a materialidade significante – o que nos leva a pensar na suposição de uma importante figura – algumas vezes explícita, em outras subentendidas – representada a partir da posição de ouvinte.

Ao fim de nossa trajetória, deparamo-nos com um artigo de Valdir Flores (2015) que tem como um de seus pontos-chave a consideração, pelo falante, da materialidade significante da língua. O pesquisador do ponto de vista da metalinguagem, lançando mão de exemplos nos quais a voz é comentada pelo falante na sua característica de significante linguístico, o que ressalta a natureza sígnica da voz<sup>108</sup>. Uma das noções apresentadas pelo pesquisador é a de “contornos de sentido”:

o contorno de sentido é algo que o falante faz sobre uma unidade que é localizada pelo falante como tal. Não interessa se isso corresponderia, ou não, à verdade científica. O que está em questão é o saber que o falante articula. (...) O contorno de sentido situa o homem na sua

---

<sup>108</sup> Neste trabalho não abordamos a questão da voz ou da metalinguagem; pretendemos debater estes conceitos em trabalhos futuros referentes ao lugar da materialidade significante nos estudos linguísticos – direção que nos permitirá continuar refletindo acerca do lugar do ouvinte, afinal, como destaca Flores, “o que há de tangível na face significante da língua, no que habita a voz? Apenas o que o ouvido diz dela” (FLORES, 2015, p.s94).

condição de falante, interlocutiva em sua essência (FLORES, 2015, p.s93).

Este conceito, ao nosso ver, dialoga com a representação do circuito da escuta esboçado anteriormente (cf. *fig.14*), principalmente no que se refere ao quarto ponto: a atribuição de sentido, pelo ouvinte, à matéria significativa emitida pelo locutor. Esta questão é fundamental para compreendermos, como bem apontou Flores, que “há na fala do homem um propósito dependente da interpretação do outro” (Ibidem, p.s93), e segue:

Isso não implica nem simetria nem garantia de comunicabilidade, mas garante ao falante a sua condição de falante e ao outro falante a condição de quem pode dizer algo sobre o que foi dito. Chega-se, então, a uma linguística do homem falante.” (Ibidem, p.s93-94).

Ainda tem-se um longo caminho a percorrer. Tanto os estudos de Parret quanto os de Coursil merecem uma análise detalhada, tendo como ponto de partida os esboços de um pensamento saussuriano, assim como levando em consideração outros estudiosos que possam ajudar a fundamentar a consideração de um circuito da escuta e suas implicações teóricas e práticas. Neste caminho, pretende-se olhar para a experiência de escuta para além do seu caráter que possibilita a *sensação* acústica: “a orelha não seria somente sensorial, mas também cultural e histórica, segundo Meschonnic (1989/2006), ou seja, ela é um órgão social” (NEUMAN, no prelo). Esta questão restará a trabalhos futuros, com apoio nestes e em outros estudiosos da língua. Um achado que tocou o fim do percurso desta dissertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre leituras, aulas, pesquisas e debates, somados à parceria de um sólido e estruturante grupo de pesquisa, este trabalho tomou forma. Pouco a pouco cativados pelo fônico da língua, percorremos um longo caminho de reflexões acerca dos falantes sob os efeitos da forma sonora e suas implicações para a consideração do fenômeno linguístico. Saussure possibilitara-nos, a partir de suas angústias e inquietações epistemológicas, entrever nas minúcias de seus questionamentos uma presença latente do aspecto fônico – a sonoridade que se imprime na consciência daqueles que se aventuram na experiência de ouvir e falar uma língua.

O *Curso de Linguística Geral* estabeleceu a perspectiva da língua tomada como um sistema de valores – sistema que não sobrevive por si só, em pura abstração; conforme lemos no *Curso*, a língua só estaria completa se abrangêssemos toda a massa falante que a mobiliza – o que nos leva a concluir que a língua tem sua existência a partir da fala. Cada falante, ao tomar a palavra, e cada ouvinte, ao colocar-se na posição de escuta, mobiliza um incomparável sistema de relações entre o que Saussure denominara massas amorfas de sons e de pensamentos. O esquema das massas amorfas como representante do *entrelugar* em que se situa a língua ilustra a importância da materialidade sonora na reflexão sobre a definição das unidades linguísticas – aspecto que está lado a lado com a abstração.

A exposição do circuito da fala auxiliou-nos a pensar o caráter singular do fenômeno linguístico; isso porque, conforme procuramos explanar, as associações estabelecidas entre forma sonora e significado fazem parte do tesouro linguístico individual de cada falante. Sendo assim, apesar de falante e ouvinte compartilharem o sistema, cada um apropria-se deste de uma maneira particular; o ouvinte não realiza uma



mera operação de decodificação da fala do outro: somos nós, falantes-ouvintes, os responsáveis por significar o que poderia ser tomado apenas como massa amorfa de sons, desprovidos de qualquer valor na língua. Fora da “boca” e da “orelha”, o signo não existe – o que era significante na e pela relação de diálogo passa a ser massa amorfa, aguardando por ser significada pelo ouvido do interlocutor.

As considerações de Saussure quanto ao aspecto fônico e seu estatuto linguístico a partir da perspectiva do valor podem ser ainda mais ilustrativas quando nos colocamos na posição de ouvintes de uma língua desconhecida: como analisar as unidades de um idioma estranho a nós? Nesta situação, somos jogados às massas amorfas, aguardando um ouvinte capaz de recortá-las, pois “somos incapazes de dizer como a sequência de sons deve ser analisada” (*Curso*, p.120). Eis porque a análise do aspecto fônico não sobrevive fora da consideração do seu valor na língua. Produzimos forma sempre em associação ao sentido; o que não reconhecemos como distintivo não tem valor linguístico.

A partir dessa breve retomada, procuramos sublinhar o papel fundamental que o *Curso* possibilitou na trajetória aqui percorrida. Foi somente a partir das leituras e discussões em torno desta obra que pudemos seguir os caminhos mais nebulosos e incertos, abertos graças às preciosas edições das notas manuscritas de Ferdinand de Saussure.

Nos *Escritos de Linguística Geral*, o genebrino insiste na indissociabilidade entre a forma e o sentido na língua a partir da discussão essencial sobre o fônico. O linguista preocupou-se em estabelecer uma distinção entre o *som como tal* (figura vocal) e o *som como signo* – discernimento que preocupava-se em melhor definir o objeto de estudos do linguista, muitas vezes perdido em meio a definições ainda pouco rigorosas, o que gerava uma confusão que acabava por resultar na oposição entre forma e sentido – inexistente para Saussure, para quem a oposição só existe entre *forma-sentido* e *figura vocal*.

Ademais, os *Escritos* nos presenteiam com diversos exemplos que vinculam de uma forma bastante singular as definições de *língua* e *sujeito falante*; dois conceitos que acabam sendo definidos um pelo outro quando o que está em jogo é a realidade do fato linguístico. A visada de que o *sentimento dos falantes* determina o que é *real* para a língua opera, segundo Normand (2009, p.9), uma “inversão decisiva na orientação da pesquisa linguística”: a partir dela, “pode surgir uma linguística que procura seus dados diretamente nos locutores” (Ibidem, p.9), pelo método da análise sincrônica.

A leitura da edição do manuscrito *Phonétique* é um passo bastante importante para que, como leitores de Saussure, possamos repensar o valor dos estudos em

fonética/fonologia iniciados com o genebrino. Este percurso de retomada, no entanto, está repleto de embaraços devido à discordância entre a terminologia utilizada atualmente e a que era de uso corrente na época em que Saussure esboçava suas hipóteses. O que procuramos ressaltar a partir dos excertos dos manuscritos sobre fonética e fonologia reside, fundamentalmente, na aparente mudança de perspectiva que Saussure parecia procurar. A “fonologia”, na época, estaria enquadrada em uma perspectiva *acrônica*, visto que seu interesse estava direcionado ao aspecto *fisiológico* da produção sonora; a “fonética”, por outro lado, tratava-se de uma perspectiva *diacrônica*, já que ocupava-se das mudanças fonéticas.

No entanto, nem uma nem outra parecem representar os ideias de Saussure. O linguista, de fato, parecia posicionar-se para uma nova direção: a que tomaria os sons da língua como elementos de um sistema sincrônico; sons cuja principal característica é a de se diferenciar, via valor, de todos os outros sons pertencentes à língua. Para Saussure, tratava-se de uma *fonética semiológica*. Esta disciplina, hoje, a conhecemos sob o nome de *fonologia*. Este olhar semiológico da língua alastra-se no *Phonétique* a cada ocorrência da “orelha” que julga, distingue, opõe, e identifica o valor a partir da materialidade sonora, sempre em busca do som como significante.

Por fim, as anotações de Saussure neste manuscrito que nos apontam para uma *fonética semiológica* acabam por nos projetar para os caminhos da escuta. Hermann Parret e Jacques Coursil desenvolveram ousadas reflexões cujas propostas coincidem justamente no fato de se olhar para a materialidade sonora pelo viés do ouvinte. Mudar a perspectiva de falante a ouvinte, longe de criar uma nova dicotomia, apenas fortalece o papel basilar da forma sonora nos estudos saussurianos – concretude por vezes negligenciada em detrimento de uma abstração indistinta para os próprios falantes. Sendo assim, nos propomos a pensar o *circuito da escuta* em sintonia com a reflexão aqui brevemente esboçada de Coursil sobre a constância do ouvir: afinal, em cada ponta da cadeia falada, temos um *ouvinte que fala* e um *falante que ouve*.

Há muito ainda para ser explorado quanto ao lugar do aspecto fônico a partir do legado de Saussure. Procuramos, a partir deste trabalho, situar brevemente a questão nestas três grandes fontes do corpus saussuriano. Acreditamos que esta leitura possa contribuir com a abertura de novos caminhos a percorrer nos estudos saussurianos, trajetos que se proponham a olhar de maneira mais aprofundada para as implicações teóricas e práticas da problemática do lugar da escuta da matéria significativa da língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACON, F. *The New Organon or True Directions concerning the interpretation of Nature*. South Australia: The University of Adelaide Library. Book I. 2014. Disponível em <https://ebooks.adelaide.edu.au/b/bacon/francis/organon/index.html>, acesso em: 06/11/2015.

BADIR, S. *Le concret et l'abstrait dans la phonologie et dans la phonétique de Saussure*. Cahiers Ferdinand de Saussure 65: 13-23, 2012.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.

BRAIN, R. *Standards and Semiotics*. In: *Inscribing science: Scientific Texts and the Materiality of Communication*. Edited by Timothy Lenoir. Stanford: Stanford University Press, 1998.

COURSIL, J. *La Fonction Muette du Langage*. Petit-Bourg: Ibis Rouges Éditions, 2000.

DE MAURO, T. *Édition critique du 'Cours de linguistique générale' de F. de Saussure*. Traduit par Louis-Jean Calvet. Paris: Payot, 1972.

DEPECKER, L. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012.

DOSSE, F. *História do Estruturalismo*. Vol. 1: O campo do signo. Bauru: EDUSC, 2007.

EMPREINTE. Em *Le Trésor de la Langue Française informatisé*. Nancy: CNRS Editions, 1994. Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/tlfi.htm>>. Acesso em: 19/05/2015.

ENGLER, R. *Cours de linguistique générale. Édition critique par Rudolf Engler*. Wiesbaden: 1967.

FIORIN, L.; FLORES, V.; BARBISAN, L (orgs). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, V. "Mostrar ao linguista o que ele faz": as análises de Ferdinand de Saussure. Em *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

\_\_\_\_\_. *O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação*. Em *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s90-s95, dez. 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/issue/view/1018>, acesso em: 25/02/2016.

GODEL, R. *Les Sources manuscrites du Cours de linguistique generale de F. de Saussure*. 282 S. 4°. Vol. 61. Université de Genève, 1957. Geneve: Droz, 1957.

GOMES, J. *Quando falar e ouvir é apropriar-se: uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana*. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Instituto de Letras. Dissertação de mestrado, 2016 (no prelo).

HELLER-ROAZEN, D. *Dark tongues: the Art of Rogues and Riddlers*. New York: Zone Books, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Trad. Fabio Akcelrud Durão. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

LAPLANTINE, C. « *Le sentiment de la langue* », *Le Texte étranger* #5, revue Poétique de l'Étranger publiée par le département DELA de Paris 8 Vincennes-St Denis, 2004, disponible en ligne <http://www2.univparis8.fr/dela/etranger/pages/5/laplantine.html> consulté le 06.06.2015.

NEUMAN, D. *Em busca de uma poética da voz*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. 2016 (no prelo).

NORMAND, C. *Convite à linguística*. (orgs: Valdir Flores e Leci Barbisan); Tradução de Cristina Campos Velho Brick et al. – 1.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. *Saussure*. Tradução: Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

\_\_\_\_\_. *Saussure : une épistémologie de la linguistique*. Atas de Colóquio, Séoul, 2007.

OREILLE, *Le Trésor de la Langue Française informatisé*. Nancy: CNRS Editions, 1994. Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/tlfi.htm>>. Acesso em: 21/01/2016.

PARRET, H. *Les manuscrits saussuriens de Harvard*. Em *Cahiers Ferdinand de Saussure* 47: 179-234; 1993.

\_\_\_\_\_. *Le son et l'oreille: Six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard*. Limoges, Lambert-Lucas, 2014. (Disponível em <http://www.hermanparret.be/bibliography.htm>, acesso em 07/04/2014.

SAUSSURE, F.de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. *Escritos de Linguística Geral*. (org.: Simon Bouquet e Rudolf Engler). São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. *Phonétique. Il manoscritto di Havard*. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Unipress, Padoue, 1995.

\_\_\_\_\_. *Théorie des sonantes. Il manoscritto di Ginevra*. Bibliothèque Publique de Genève, edizione a cura de Maria Pia Marchese. BPU: Genève, 2002.

SILVEIRA, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2003.

STAROBINSKI, J. *Les mots sous les mots*. Paris: Gallimard, 1971.

STAWINSKI, A. *A heterogeneidade na transcrição de fala sintomática: marcas subjetivas*. XXIV Salão de Iniciação Científica. Anais...Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/63518>>. Acesso em: 7/12/2015.

\_\_\_\_\_. *A subjetividade na linguagem: aspectos linguísticos*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2013.

SURREAUX, L (Milano). *Falas ininteligíveis: uma abordagem enunciativa*. Em: Seminário internacional de aquisição da linguagem, Porto Alegre. Caderno de resumos, 2011.

TESTENOIRE, P. *Anagrammes homériques*. Paris: Lambert-Lucas, 2013.